

REVISTA DA SEMANA



NO TEXTO:

"JERUSALEM ESTÁ
NO MEU CORAÇÃO"

★
NUDISMO? NÃO! MISÉRIA.

★
RIO, UMA CIDADE ENTUPIDA

N.º 40 ★ 1/10/1949
CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...



JOAQUIM
MENDES

**PERDURAM
POR TÔDA
A VIDA**

CONTA POPULAR

Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL Cr\$ 60.000.000,00

FILIAL: Av. Presidente Vargas, 509

AGÊNCIAS NO RIO : Bandeira, Castelo, Madureira e Ramos

DE VILA RICA ELA PASSOU A SER —
A VILA POBRE ★ POR QUE NÃO
TRANSFORMAR OURO PRÊTO
EM UMA DADIVOSA
CIDADE-TURISMO?

OURO PRETO NÃO PRECISA DE ESMOLAS

"Ouro Preto, a Vila Rica de antanho, nunca deixará de ser a cidade rica de fé, rica de liberdade, rica de tradições gloriosas que transfiguram o seu ocaso nos esplendores de uma apoteose perene!"

Estas palavras são do Arcebispo poeta, D. Aquino Correia, transcritas na obra "Ouro Preto", de Brito Machado.

Mas a famosa Vila Rica dos libertadores do século da Revolução Francesa, a imortal Vila Rica do bravo e heróico Chico Rei, da conspiração dos Inconfidentes, das pontes românticas, dos amores de Gonzaga e das lágrimas de Marília; Ouro Preto do Itacolomi, bandeira de granito elevada a 1.800 metros furando as nuvens de Minas Gerais para dizer aos bandeirantes paulistas que ali havia ouro em abundância e patriotismo capaz de dar-nos a emancipação política; Ouro Preto, cidade mártir, onde cada casa é um altar e cada pedra uma relíquia; Ouro Preto, refúgio da Fé, sol no poente a dourar com seus resplendores de saudade a alma da gente; Ouro Preto, onde podemos compreender no murmúrio das fontes a chorar a saudade dos tempos que se foram; e quando chega o crepúsculo, ao descer dos pináculos das serras o manto alvo da neblina, parece que vemos a mão de Deus tangendo nos altares da cidade velhinha o turíbulo de incenso misterioso que nos faz emudecer de êxtase.

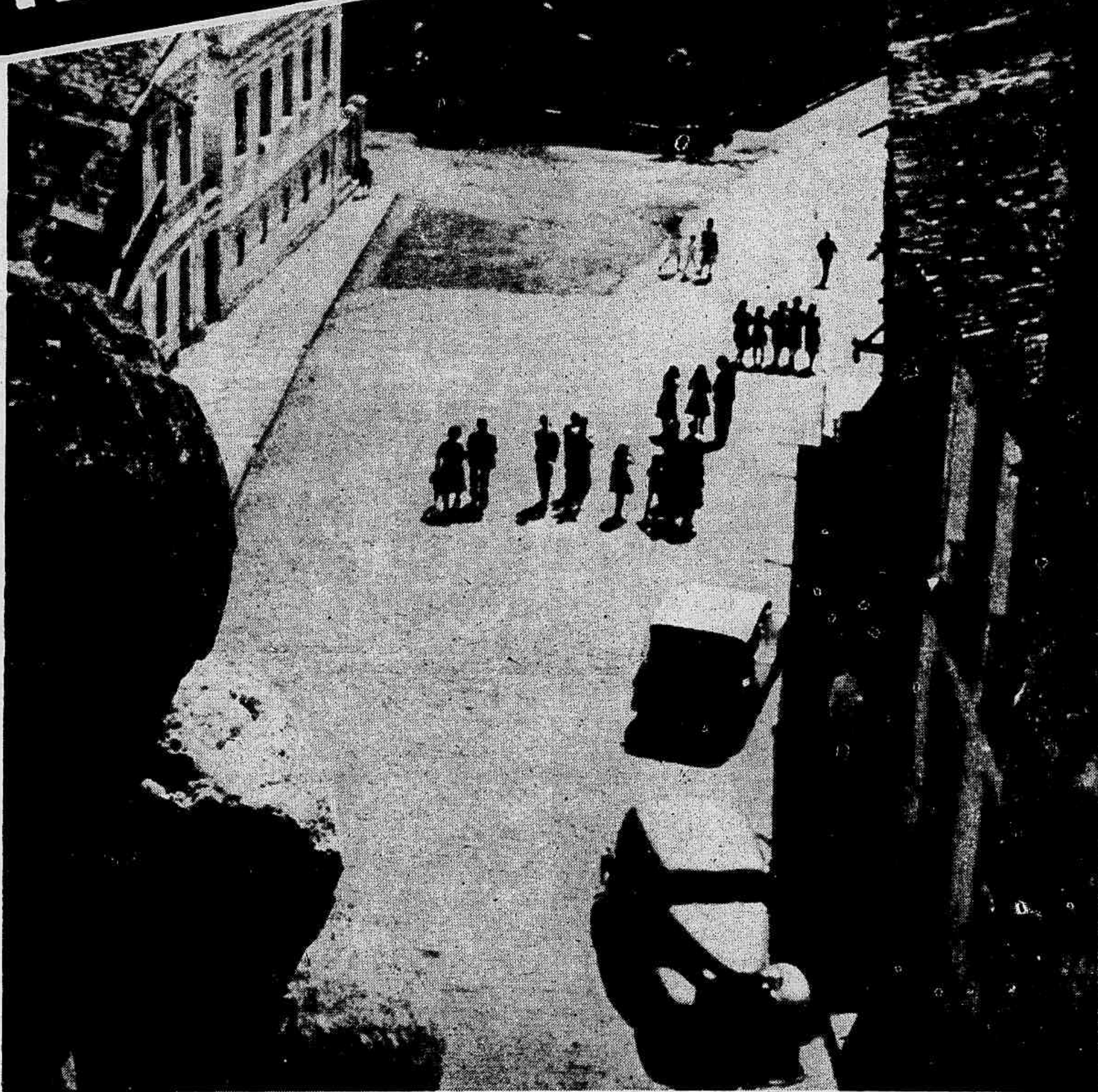
Ouro Preto, que podia ser a Meca Republicana do Brasil inteiro, recebendo em todos os meses de abril procissões de peregrinos levando-lhes as oferendas de suas homenagens e solidariedade patriótica, surge, estendendo as mãos-cadávericas à caridade pública, rogando uma esmola para não morrer de inanição!

★
Ouro Preto de Vila Rica, a antiga opulenta capital de Minas Gerais, a terra do ouro, da fartura, das riquezas mineiras, que forneceu das entranhas de suas grapiaras e do leito de seus rios centenas de arrobas de ouro para que Portugal se embelezasse e reconstruísse Lisboa, edificasse mosteiros e redourasse os tronos de seus reis; cidade do patriotismo e do amor ao Brasil, terra predestinada que deu à nossa História um Felipe dos Santos, sacrificado na vida e nos haveres porque sonhara com a independência de sua Pátria, antes de Tiradentes nascer! Ouro Preto está reduzida à maior penúria e pede esmolas para remendar os seus andrajos, ela que já foi rainha, que já ofereceu tronos de ouro, que já libertou escravos com o poder de suas bateias falscando de pepitas. Ouro Preto de Vila Rica, é hoje Ouro Preto de Vila Pobre, uma página que envergonha nossa incapacidade para administrar o que têm os povos de mais sagrado: os monumentos históricos, as cidades de tradições, cujo solo ainda apresenta o rubor indelével do sangue de seus mártires pela independência nacional.

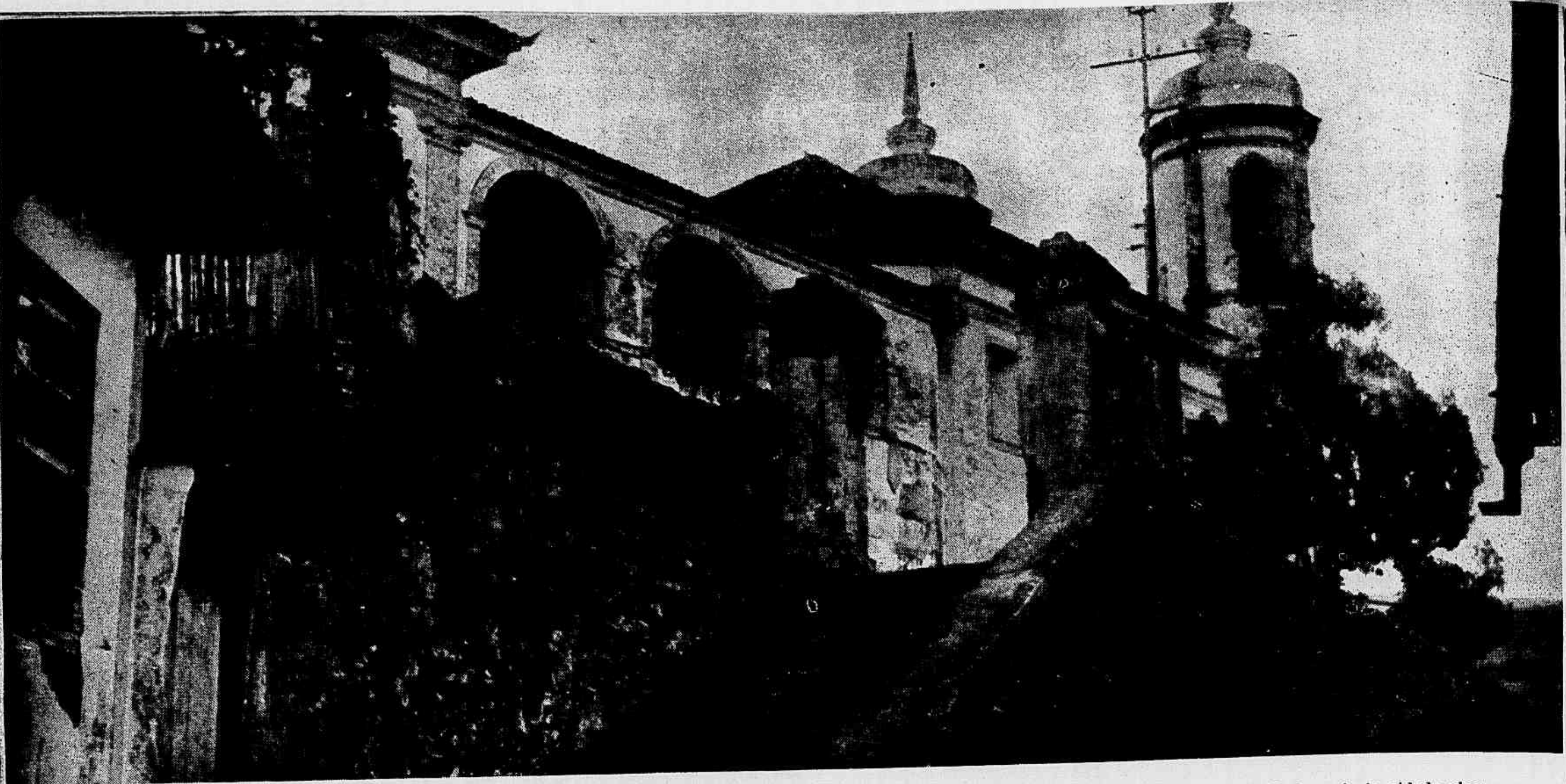
Ouro Preto, a cidade das igrejas e das penitências, dos votos e das serenatas, da conquista do ouro e da Fé; Ouro Preto, cidade das capelinhas mimosas, das pontes sobre precipícios, em cujos riachos as pedras flocam como se a Terra nos mostrasse os adereços que a Natureza compôs formando diademas de gemas brilhantes expostas no seio da Pátria indiferente. Ouro Preto, cidade em que viveu o Padre Faria, sacerdote que há dois séculos construiu a Capela de N. S. do Rosário dos Brancos, com seu cruzeiro de três braços, à sombra do qual "em dias de sonho e de meditação, assentou a musa imortal de Bilac". Ouro Preto, de solo dadivoso, de onde as formigas saíam dos formigueiros coroadas de ouro, está em plena decadência.

Já não se trata de salvar da ruína suas obras de arte religiosa; já não se trata de imitar o gesto daquela mesquedada ouropretana, D. Balbina Xavier, que restaurou a capela do Padre Faria, ajudada pela boa vontade e dedicação de outros conterrâneos. Trata-se de livrar da morte a cidade inteira, corroída pela erosão, pela desídia dos brasileiros responsáveis pela vida de Ouro Preto.

★
Movimentam-se alguns patricios e iniciam neste momento uma coleta para obter meios finais e ajudar Ouro Preto a ficar em pé diante do tempo. Mas, de



CONTINUA



Um dos templos mais antigos de Ouro Preto, onde os sinos, quando dobram pela memória dos mortos, mais parece que plangem diante do esquife da própria cidade abandonada e sombria. Vejam os musgos nos paredões e as marcas do tempo nas fachadas em ruínas. Tudo isso precisa ser, não apenas restaurado em caráter provisório, mas carinhosamente tratado e mantido de modo a interessar às camadas de turistas, que encontrariam na histórica cidade mineira, uma das mais impressionantes atrações. Os templos de Ouro Preto estão bem nesse caso

que forma estão agindo? De maneira incompatível com a dignidade de Vila Rica: — pedindo esmola.

Não! O que se deve fazer, e com urgência, é transformar Ouro Preto numa cidade de turismo de âmbito nacional, facilitando o governo federal, o estadual e o municipal, tudo o que for necessário à ida de brasileiros à cidade-reliquia. Cada visitante pagaria uma taxa turística, formando um fundo monetário, destinado exclusivamente à restauração da cidade, conservação de seus monumentos, de seus edifícios, mantendo aquela fisionomia arquitetônica que os séculos nos legaram. Dar esmolas a Ouro Preto é uma ignomínia, uma afronta aos brios da cidade, uma ofensa aos nossos sentimentos de patriotismo. Ouro Preto não precisa de esmolas, precisa de justiça.

A cidade merece ser vista, admirada, estudada, para que todos os brasileiros a amem e não a lastimem. Dar esmola a um mendigo nem sempre é ato de caridade; é gesto de vaidade mórbida, incompatível com os sentimentos cristãos.

Se os poderes públicos quiserem, transformarão Ouro Preto num santuário, numa Lourdes, numa Meca, num Vaticano de Fé e Patriotismo, nutrindo no coração dos brasileiros os mais puros e belos sentimentos de civismo, e nunca permitindo que se converta uma cidade paradigma de heroísmos e virilidade nacionalista, num recanto apodrecido dentro do nosso esquecimento, e que só nos vem à lembrança quando as vaidades de listas de subscrições forçam a prática de uma caridade exibicionista.

Mostrar Ouro Preto aos brasileiros, levá-los ao Alto da Cruz, e contar-lhes as tradições supersticiosas quando o sino fanhoso e lúgubre da igreja de N. S. do Rosário soavam as doze badaladas da meia-noite; mostrar-lhes a Ponte dos Suspiros, a Ponte de Antônio Dias, o bandeirante que descobriu ouro no riacho Tripuí e iniciou a vida no arraial; ministrar informações acerca da construção da famosa igreja Santa Efigênia, a deusa dos negros, erguida para que os escravos tivessem um templo onde adorar N. S. do Rosário, pois

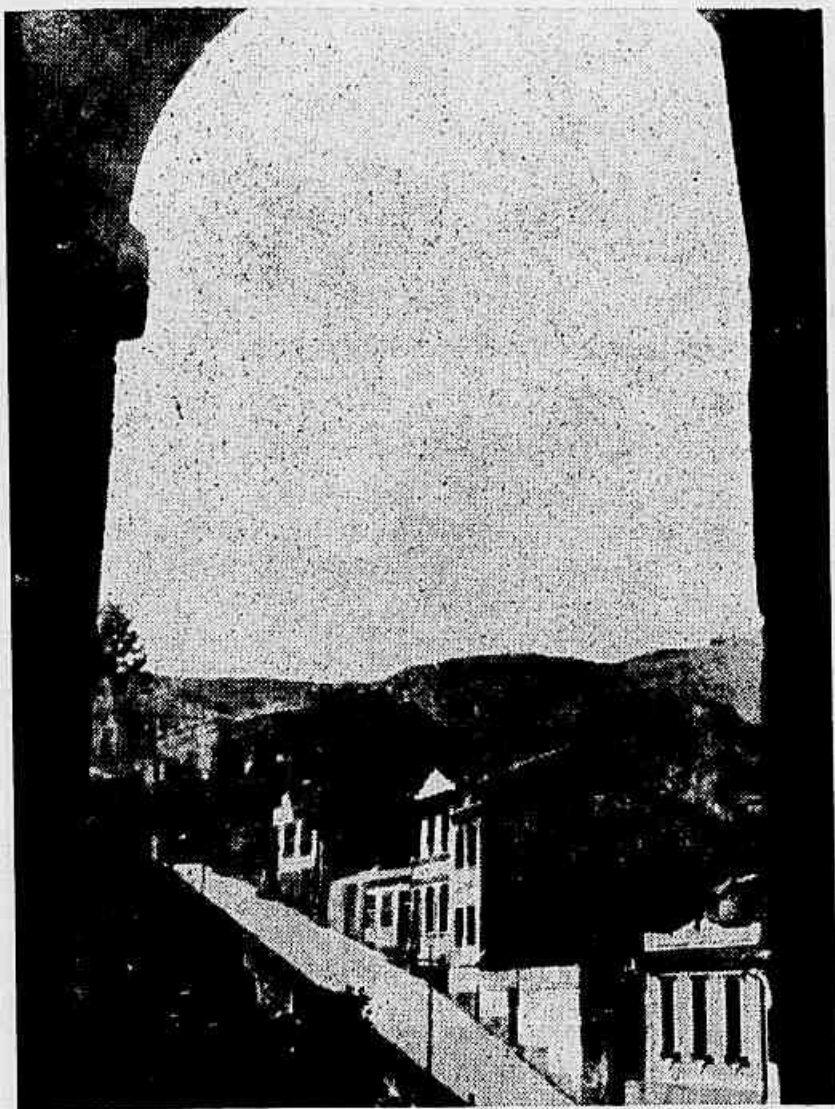
sua entrada era proibida nas Igrejas dos brancos; falar nas trezenas de Santo Antônio, quando os pretos cantavam em cântico:

Santo Antônio de Lisboa
Poderoso "Imperado"
Que no dia 29
Do castigo nos "livrô",

contar a tradição de Frei Francisco, o monge a quem Deus ouvia sempre que lhe dirigia um pedido. Narrar o que eram as festas de junho no Morro de S. João, nos versos da "Roda Morena", toda a cidade iluminada de fogueiras, que, vistas do alto, mais pareciam milhares de velas acesas a enfeitar um grande bólo comemorando o aniversário de Deus; relatar os tipos populares e suas crônicas desopilantes: o Lourenço Miagato, o Zé da Fé, e tantos outros; ir ao adro da Igreja de São Francisco de Paula e dali, em noite de lua cheia, admirar o panorama; é como se estivéssemos

Esta é uma das ruas que levam à estação da E. F. C. B. com suas casas a debruçar-se para as encostas de um dos numerosos morros, por sobre os quais se construiu a lendária cidade, ex-capital do Estado. O despenhadeiro, à direita do leitor, é, também, uma rua, por onde se sobe ou desce com alguma dificuldade. Quem vai a Ouro Preto deve ir disposto a conhecer as ladeiras mais íngremes que porventura existam — mas tudo isso resulta de um pitoresco e de um encanto sem limites. Nas manhãs ensolaradas, um giro pela cidade heróica é um prazer





Rua típica de Ouro Preto, com sua edificação secular e evocativa, imagem do passado. Montanha ao fundo, um céu azul-turquesa, gente dentro de casa entregue a seus afazeres domésticos — e a cidade tem um ar de abandono

a olhar o Brasil de uma janela do céu, sobre o fascínio da freguesia de N. S. do Pilar. Visitar o Museu da Cidade, o Pantheon da Inconfidência, com farta documentação sobre a morte de Tiradentes, os túmulos onde hoje descansam os despojos dos conspiradores, a fôrça, as atas da execução; ver o edifício na aba de um morro, fora da cidade, do outro lado da estrada de ferro, em que conspiravam os revolucionários; examinar de perto o cubículo em que morreu Cláudio Manuel da Costa, e a porta que dava para uma passagem subterrânea ligando a Casa dos Contos (Casa da Moeda) ao Palácio dos Governadores, onde está hoje a Escola de Minas; olhar o Morro da Fôrça; o local em que morou Marília de Dirceu; a casa dos Gonzaga, de Bernardo Guimarães, a praça em que se ergue o monumento à memória de Tiradentes. Molhar os pés no riacho que ofereceu as primeiras pepitas de ouro a um escravo, provocando o "rush" bandeirante. Contar a origem da Igreja de Bom Jesus dos Perdões, um drama de natureza doméstica, fruto daqueles tempos em que o amor era imposto aos corações jovens pelos pais irreverentes. Mostrar tantas belezas naturais, onde o patriotismo, a fé, a superstição, credices, os boêmios, as festas populares, o sangue dos heróis, tipos de rua, folclore — poderão contribuir para tornar Ouro Preto admirada como uma cidade imortal, sempre lembrada com saudade e orgulho por todos os brasileiros, e nunca um casario em ruínas, cujos escombros revoltam o ânimo dos patriotas e cobrem de luto, de decepção e pessimismo o coração nacional.



Esta é a artéria urbana mais importante da cidade, a rua de São José. De ladeira menos acidentada, com seus sobrados à antiga e os candelieiros pendurados à janela, de braços de ferro, é, também, uma artéria com certo ar comercial



Velhos sobrados que foram testemunhas de emocionantes acontecimentos na atribulada história de Vila Rica. El-os agora aquecidos apenas pelo sol do crepúsculo. Mas cada uma dessas janelas de guilhotina, cada entrada de pedra rústica, valem por uma evocação mais grata do drama dos Inconfidentes



Praça em cujo centro se vê o monumento a Tiradentes, justamente no local em que andou exposta sua cabeça em 1792. Ao fundo, o Pantheon e o Museu dos Inconfidentes, antiga Cadeia. Flagrante tomado quando, casualmente, era conduzido ao museu um "palanquim" ou "cadeira de arruar", peça histórica e curiosa



Ouro Preto de Vila Rica, berço de Afonso Celso, segunda pátria de Chico Rei, o soberano negro, que deixou em Minas Gerais a instituição dos Congados de Nossa Senhora do Rosário, é toda ela assim — a imagem do Passado para a adoração do Presente. Façam dela uma cidade de turismo e seu futuro estará garantido

A PERSONAGEM DA SEMANA

A SEMANA EM Revista



O sr. Milton Soares de Campos, governador de Minas Gerais, numa fotografia tomada quando da Conferência de Petrópolis com o sr. presidente da República

sucessor do atual presidente da República, apresentou-se na semana finda com fortes tendências a que saísse de Minas Gerais o futuro candidato.

Vários próceres políticos da mais acentuada evidência foram a Belo Horizonte, mantendo com o sr. Milton Campos demoradas conferências.

Por outro lado, é com a mesma intenção, os pessedistas liderados pelo deputado Benedito Valadares parece que procuram um nome que seja mineiro, mas saído de suas hostes.

O nome do governador Milton Campos esteve em evidência, dando a impressão pública de que os entendimentos e confabulações entre os três grandes partidos — PSD, UDN e PR — em cuja órbita gravitam os menores, iriam concluir, em definitivo, pela escolha do atual governador de Minas Gerais para o próximo pleito presidencial.

Entretanto, não somente em virtude daquele vôo do sr. Benedito Valadares a Belo Horizonte, em avião da Presidência da República, como ainda em face das reiteradas afirmações do sr. Milton Campos de que o nome a sair do acôrdo interpartidário será de livre escolha dos dirigentes responsáveis desses mesmos partidos, o panorama serenou e se manteve numa espécie de expectativa, sem maiores exterioridades.

Nos últimos dias desta semana, porém, novamente voltaram a agitar-se os líderes dos três grandes, tornando o Palácio da Liberdade a Meca de todas as peregrinações. E o nome de Milton Campos voltou à tona de todos os comentários políticos. Mas o governador mineiro se mantém discreto, declarando que a união mineira não visa conquistar para Minas a Presidência da República.

A situação política no que se refere aos entendimentos interpartidários para a escolha de um nome que encerre todos os desejos de paz e garantia do nosso regime constitucional como

OS CARROS OFICIAIS

Diante dos abusos com os automóveis oficiais, que servem para excursões, passeios, banhos de mar, idas a cinemas e teatros, o sr. presidente da República determinou que fossem anotados pelos inspetores de tráfego todos os carros de chapa branca que circulem com senhoras e crianças fora das horas de expediente, ou os que forem surpreendidos às portas de casas de diversões, campos de futebol, nas praias, etc., denotando que os seus "donos" estão apenas abusando dos dinheiros públicos. Parece, entretanto, que as determinações do Chefe do Governo estão sendo ignoradas por muitos dos detentores de cargos públicos, uma vez que continuam a rodar os carros oficiais de Ministérios e demais repartições estatais, como se os veículos fossem propriedade dos altos funcionários. Esse costume não é novo entre nós. Vem de muito longe e, até agora, ainda não houve um governo que pudesse acabar com o abuso e o escândalo. Se o general Dutra, homem de costumes austeros e de natureza modesta, conseguir deter a anarquia, pode gloriar-se de haver realizado neste país uma das maiores obras de defesa pública: a moralização de nossos costumes em relação ao uso indevido dos carros oficiais.

TALVEZ DÊ CERTO

Não é somente nos cinemas desta capital que está em moda a anarquia promovida por certos engraçadinhos. Em Porto Alegre, no Norte, em Minas, em todas as grandes cidades, os que vão passar umas horas de distração nessas casas de espetáculos, saem irritados com o outro espetáculo imprevisível: a palhaçada dos rapazes "espirituosos", provocadores de aborrecimentos. Em Juiz de Fora o caso chegou ao cúmulo com esses perturbadores de sessões. O delegado geral de Polícia, sr. José Henrique Soares, decidindo acabar com o abuso, encontrou um meio que deve dar certo: pegar os mocinhos pela gola e mandar publicar suas fotografias nos jornais como elementos indesejáveis à sociedade local. Aí está uma providência que a Polícia do Rio devia adotar. A esse respeito já um dos nossos cronistas foi mais longe, e lembrou a expulsão do perturbador da ordem pública, a exibição de sua fotografia num quadro no "hall" dos cinemas, e absoluta proibição de sua frequência em tais casas de diversões, na reincidência. Seja como for, o que não é possível é suportar-se a licenciosidade dessa gente sem a menor compostura num meio que deve merecer mais respeito.

LIGAÇÃO FERRO-VIÁRIA NORTE-SUL

Segundo afirmam, já construiu o atual governo maior quilometragem ferroviária do que a Ditadura nos seus quinze anos de domínio no país. Não quer isto dizer que o governo tenha feito muito a tal respeito, mas significa que a Ditadura fez muito menos. Dentre as obras de prolongamentos ferroviários em andamento no Brasil, neste período presidencial, cita-se como a de maior eficiência, a ligação Rio-Bahia, cujos trilhos articulam o Norte e o Sul. Essa obra de grande significação já vem tarde, não somente porque vem unir os brasileiros desde o Rio Grande do Sul ao baixo São Francisco, em Propriá, Estado de Sergipe, como porque não é estrada que venha fazer concorrência às outras vias de comunicação, como sejam: a navegação de cabotagem, pela orla marítima, a rodovia Rio-Bahia e a navegação do rio São Francisco. Todas essas artérias de comunicação se situam na direção Sul-Norte, relativamente paralelas, como excelentes caminhos de fluxo e refluxo do país, sem que uma se torne em concorrente da outra. O governo da união jamais se arrenderá dos dinheiros empregados na rodovia e na ferrovia na direção do Norte, e deve fazer todos os esforços para dotar as outras duas de melhoramentos vitais: a cabotagem e a fluvial.

BAIXARÁ A CASIMIRA?

Com a sensacional reviravolta da libra esterlina, muito se vem falando, discutindo e teimando sobre questões de economia política, de câmbios, valorização e seu reverso. O povo, em geral, não entende muito disso, mas sabe por intuição, que, se a libra inglesa houvesse subido de cotação, todos os vendedores de casimira já haviam aumentado os preços... Como, porém, a manobra foi para desvalorizá-la, ainda ninguém anuncia vender casimira inglesa um pouquinho mais barato. Hão de argumentar: essas fazendas foram pagas ainda no regime de valorização a 4 dólares e oitenta por cada esterline; sim, de acôrdo; mas, se vêm aí carregamentos de casimiras inglesas com os preços diminuídos, não seria lógico que os atuais vendedores do produto procurassem forçar a venda de seus "stocks" antes de um "dumping" na praça? O bom raciocínio assim aconselha. Seja como for, ésses assuntos de câmbios constitui um mistério. Contam que Floriano Peixoto, ao assumir a Presidência da República, alarmado com a situação do país, mandou convocar os seus conselheiros para uma reunião. Interrogando-os ouviu deles que a culpa era do câmbio. Então o Marechal de Ferro ordenou: "Prendam o Câmbio!"

PROF. ALFREDO GOMES

Passou, a 12 de setembro, o nonagésimo aniversário de nascimento do dr. Alfredo Gomes, médico e educador de várias gerações deste país. O educandário que fundou e ainda existe nas Laranjeiras, com o seu nome, adquiriu, do Império à República, o mais elevado e justo prestígio, dali saindo homens que dignificaram e dignificam nossa pátria em vários setores da cultura humana. Brasileiros ilustres, que honram nossa civilização, nas artes, nas ciências, nas classes armadas, na magistratura, na política, tiveram como fonte inicial de suas carreiras, as aulas do Colégio "Alfredo Gomes", no ambiente poético das Laranjeiras. O grande educador, embora médico, desde muito havia abandonado a clínica e se dedicado ao magistério secundário. Mestre da língua pátria, homem de rara cultura e decidida vocação para o magistério, Alfredo Gomes encheu de beleza moral a nossa terra, modelando caracteres, abrindo com o seu saber, a estrada da cultura para a mocidade passar na direção dos seus triunfos mentais e espirituais. O prof. Alfredo Gomes merece as homenagens de todos os brasileiros, pelo muito que fez pelo Brasil, por sua mocidade, pelo prestígio de nossa pedagogia.

APERITIVO POLÍTICO

Começam a aparecer em diversos primeiros-andares desta capital, largas e bem pintadas tabuletas com dizeres que lembram ao público os seus deveres eleitorais. Não será por falta de escritórios que o cartão deixe de alistar-se. Mas, a esta hora já se acham em execução por vários Estados do país planos de divulgação política de grande efeito publicitário em favor de alguns homens públicos brasileiros, como que numa "avant-première" para a sensacional parada do ano que vem. Um desses políticos é o governador de São Paulo. O sr. Ademar de Barros iniciou agora a propaganda de seu nome em todo o Estado de Minas. Depois de fazer um trabalho bem feito na zona do Triângulo Mineiro, chegou a Belo Horizonte. Numa dessas manhãs da semana passada, a cidade despertou cheia de vistosas cartazes com o retrato do governador bandeirante e dizeres referentes à sua atividade de homem público. Na Praça Sete, a famosa praça do Obelisco, centro nervoso da bela capital mineira, só se vê propaganda de Ademar de Barros. Mas, propaganda para quê? Em nenhum desses cartazes se fala em Presidência da República. Apenas se procura mostrar ao mineiro que o governador de São Paulo é um homem dinâmico. Uus dizem: "Ademar é a força e a vontade do povo!". Outros bradam: "Viva Ademar". Pelo aperitivo, o banquete da sucessão vai ser movimentadíssimo!

REVISTA DA SEMANA

ANO LXVIII ★ N.º 40

Redator-Chefe: CELESTINO SILVEIRA — Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JUNIOR — Paginação de VICTOR TAPAJÓZ

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 140,00
Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 170,00
Seis meses	Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 270,00
Seis meses	Cr\$ 140,00
O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50	

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149. Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL. Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 14 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1740, Montevideo. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Este número consta de 60 páginas.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO — Diretor-Secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR

Telefones — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

1.º DE OUTUBRO DE 1949

PUXE PELO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginásial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

AGORA, AFIEM A MEMÓRIA

- UMA HEBDOMADA é:
Uma corrida olímpica,
Medida romana, ou
Uma semana?
- O RIO OIAPOC também se chama:
Tumuc-Humac,
Vicente Pinzón ou
Parima?
- O JORNAL MAIS ANTIGO EM CIRCULAÇÃO NO BRASIL é
"Jornal do Comércio", do Rio,
"A Pacotilha", de S. Luis, ou
"Diário de Pernambuco", do Recife?
- ANTES DA UNIFICAÇÃO DA "LIGHT", quantas Companhias de Bondes havia no Rio?
Uma?
Três?
Cinco?
- O SEGURO DE VIDA ERA PROIBIDO NO BRASIL PELO:
Código Civil?
Pelo Código Comercial?
Pelo Código Penal?
- A INDIA PARAGUAÇU CASOU-SE COM:
Diogo Álvares?
Tomé de Sousa?
Martim Afonso?
- O GRANDE PINTOR ANTÔNIO PARREIRAS era:
Fluminense?
Carioca?
Português?
- O AGORA DE ATENAS ERA:
Uma praça?
Um teatro?
Uma espécie de chapéu?
- EM QUE ANO BARTOLOMEU DE GUSMÃO SUBIU EM BALÃO EM LISBOA:
1760?
1709?
1730?
- EM QUE RUA D. JOÃO VI INSTALOU A BIBLIOTECA NACIONAL?
Santa Luzia
Rua do Passeio
Do Mercado?
- A PSICANÁLISE FOI CRIADA POR:
Young?
Freud?
Oswaldo Cruz?
- QUANTOS MESES CONTÉM O CALENDÁRIO CONCRETO DO POSITIVISMO?
Onze?
Doze?
Treze?
- A INSTITUIÇÃO JURÍDICA DO "HABEAS-CORPUS" é:
Inglêsa?
Romana?
Norte-americana?
- QUAL A IGREJA DO RIO CUJAS OBRAS COMEÇARAM EM 1775 E TERMINARAM EM 1889?
A Catedral?
A Candelária?
São José?
- QUAL O JURISTA BRASILEIRO QUE APRESENTOU O PRIMEIRO PROJETO DO CÓDIGO CIVIL?
Ruy Barbosa?
Clóvis Beviláqua?
Teixeira de Freitas?
- O PERÍMETRO DA BAÍA DE GUANABARA MEDE:
130 quilômetros?
140 quilômetros?
152 quilômetros?
- EM QUAL DESTES MUNICÍPIOS NASCEU TIRADENTES?
Ouro Preto?
São José del Rey?
Barbacena?
- EM QUE LOCAL DO RIO ANTIGO FICAVA A PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO?
No largo de S. Francisco?
Na praça Tiradentes?
No Campo de Santana?
- O GRANDE TERREMOTO DE LISBOA FOI EM:
1755?
1808?
1789?
- PARA RUY BARBOSA, QUAL ERA A MAIOR DATA NACIONAL?
15 de Novembro?
7 de Setembro?
13 de Maio?

Confira suas respostas na página 58 e receba o seu "Diploma".



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

- Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- Os contos devem ter no mínimo três folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA"**.
- As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS

TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc., a Cr\$ 35,00, o vidro

Aceitamos pedidos pelo Reembolso Postal. Preço: Cr\$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha



Jogo fisionômico bem trabalhado, atitudes excêntricas, inflexões cômicas por demais acentuadas, constituem o segredo do agrado de Oscarito e Dercy Gonçalves. Dentro do gênero revista, eles são, incontestavelmente, duas grandes figuras, e a circunstância de aparecerem juntos, resultou no sucesso que já se fazia esperar: se cada qual, isolado, era o bastante para levar multidões ao teatro, reunidos valem por uma atração de relevo. Pode discutir-se o nível da sua comicidade, mas não o agrado que ambos provocam.

COMO É TRISTE FAZER GRAÇA!



Oscarito tem seu lugar marcado também no cinema. Dercy ainda não fez uma experiência definitiva na tela; uma película com os dois fazendo os papéis principais, seria a repetição do agrado por ambos alcançado no palco.

ARTE de fazer graça — arte das mais difíceis. Indaguem de qualquer histrião o que representa, para ele, maior apuro, se arrancar da platéia um fartão de lágrimas ou um dilúvio de gargalhadas, e a resposta será apenas esta: — O espectador chora facilmente. Ou pelo menos deixa emocioná-lo...

Daí, por exemplo, o grande segredo do sucesso das novelas radiofônicas. Existem autores dramáticos em muito maior dose do que os cômicos. O patético, o empolgante, o que provoca arrepios, obtêm-se com os recursos clássicos, os ingredientes de todos os tempos. Espectadores de nossos dias, atingem o grau mais alto de emotividade, mercê dos mesmos recursos que seus avós — e já não acontece o mesmo com os efeitos de comicidade. Nestes, revezam-se os trucs, e quando um artista insiste em lançar mão dos métodos adotados pelos antecessores, tem os dias contados. Todos nos comovemos com o eterno pleguismo da esposa abandonada, da pobre mulher que perdeu os filhos na guerra, do homem cego que não pôde ver a mulher amada — mas nos irritamos quando um simples comediante cinematográfico nos quer fazer rir com as mesmas receitas dos artistas de há dez ou quinze anos passado.

Oscarito e Dercy Gonçalves arrancam explosões de gargalhadas quando surgem no palco, mesmo antes de dizerem uma palavra. Pode existir, em tudo isso, uma grande dose de sugestão, ou de mera atualidade: ambos estão em moda. Num amanhã pouco distante, pode acontecer que, repetindo esses trucs de atitudes e inflexões, nenhum deles consiga mais do que um bocejo do público. No momento, porém, Dercy e Oscarito arrastam a um teatro onde se exibam, multidões contínuas. É o que sucede agora durante as representações da revista "Quero ver isso de perto", cujas receitas de bilheteria vão além de trinta mil cruzeiros por noite, em dias comuns, atingindo a cifras muito maiores nos sábados e domingos, com as vespertais. Enquanto o teatro de declamação atravessa uma fase angustiosa, vendo-se mesmo na triste contingência de baixar os preços, quase até competindo com os de cinema — os cartazes de revista quebram os mais astronômicos "records", ultrapassando, por mês, à casa do milhão de cruzeiros. Não se deve atribuir o sucesso comercial desses espetáculos, ao apuro das montagens de revista, às encenações faustosas — mas, simplesmente, ao fator "comicidade".

Aparentemente, nosso público anda saturado de bom humor. Não cabe neste caso saber se o público

entro de
isolado,
ovocam

de gar-
de di-
o, uma
ambos
o, pode
udes e
um bo-
Oscarito
es con-
representa-
ajas re-
ruzeiros
muito
erais. E
ma fase
ncia de
de ci-
astro-
casa do
sucesso
ontagens
simples-

ado de
público

O BEIJO QUE HOLLYWOOD NÃO AFRENDEU



— Será que ainda me consideram um "brotinho"? — exclama Dercy, simulando uma ce na cômica com Oscarito. Ao lado, Yara Sales parece escandalizar-se com a pose da estrê
E' preciso lançar mão de todos os recursos para despertar a hilaridade na platéia, embora o teatro de revista, tal como se faz no Brasil, seja dos mais apimentados. Culpas dos
autores, dos intérpretes ou do público? As opiniões variam, mas a verdade é que, enquanto os teatros de comédia passam por crise violenta, os de revista batem records de bilheteria



desamparo tantas iniciativas de alto sentido artístico. Registre-se o fenômeno — e nada mais.

★

— Mas, como é triste fazer graça por obrigação, tôdas as noites, a horas certas! — dizem na intimidade os cômicos mais famosos. Provocar a hilaridade do público mesmo quando, particularmente, um problema de ordem moral ou financeira nos esteja afligindo — é quase uma tortura.

O eterno drama do palhaço, enfim. Quem vê Oscarito ou Dercy dando conta de seus papéis taxativamente engraçados na revista em que ora se apresentam, não pense, entretanto, que estejam torturados, não. Nunca os cômicos de revista foram tão bem pagos no

Outra expressão caricata de Dercy Gonçalves, no grande páreo de comicidade com Oscarito. Em recente excursão feita à Venezuela, a excêntrica da revista brasileira, foi muito bem sucedida com esses recursos

Brasil como neste momento, e em relação aos mencionados acima, por ocasião da assinatura de seus contratos dramas e talvez lhe bastem os da vida real, procurando no teatro, mesmo a preços mais altos, uma recuperação. O teatro falou-se em cem mil cruzeiros mensais para Oscarito e talvez a metade para Dercy Gonçalves. O trabalho é exaustivo, sem dúvida; sua presença no palco faz sentir-se durante quase todo o tempo da apresentação, porque eles representam o forte da bilheteria. Mas, nem por isso andam mal humorados. Pelos modos, a competição surgida entre as companhias desse gênero fez valorizar o serviço dos artistas de certa evidência para cima. E já se fala em pagar "luvas" de alto preço para evitar que uma dessas fuguras debande para o setor concorrente, a exemplo do sucedido nos campos desportivos...

Positivamente, não deve ser tão triste assim fazer graça. Ainda menos quando, no fim do mês, um cheque de cinquenta ou cem mil cruzeiros vai ter aos bolsos de quem possui por obrigação, a agradável tarefa de divertir o seu semelhante, nesta hora de tão poucos entretenimentos gratuitos...

"JERUSALÉM ESTÁ NO MEU CORAÇÃO"!

— "MINHA CABEÇA POR DEZ MIL LIBRAS, MAS NÃO DESVALORIZADAS!" — DECLARA O LIBERTADOR DE ISRAEL ★ CARREGADO NO RIO PELA MULTIDÃO ★ TIRADENTES E DOV BELA GRUNER ★ O PETRÓLEO E A PALESTINA ★ UM TIPO NEGA O HERÓI ★ A TRANSJORDÂNIA NUNCA EXISTIU ★ A EPOPEIA DA IRGUN, CONTADA NUM LIVRO PELO SEU GENERAL, MENACHEM BEGUIN

Reportagem de LEVY KLEIMAN (Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Muito antes da guerra entre israelitas e árabes, que centralizou na Palestina a atenção mundial, antes que se concretizasse o sonho duas vezes milenar dos judeus de todo o mundo, o ressurgimento de Israel no concerto das nações, precedendo ainda o término da segunda guerra mundial, surgiu na Terra Santa um movimento que foi a consequência do terror implantado pelo nazismo em toda Europa. Começou a agir na Palestina e fora dela um exército subterrâneo, a lendária "Irgun Zvai Leumi", chefiado por um não menos lendário chefe, Menachem Beguin.

Nos jornais do mundo inteiro apareciam todos os dias telegramas relatando as proezas de um exército clandestino constituído de milhares de "maquis", operando numa pequena faixa de terra contra mil soldados britânicos, e, segundo o dizer de um jornalista que estudou a fundo o assunto, o "herói máximo dessa extraordinária saga que parece um conto mitológico, Menachem Beguin", considerado pelo Senador Guy Gillette, o decano do Senado americano, como o "George

Washington de nossa geração"; pelo coronel Hart, perito militar britânico, como um dos "poucos gênios militares de nossa época", e por Robert Brisco, combatente pela independência nacional da Irlanda e deputado no Parlamento deste país como "membro da família dos lutadores pela liberdade contra a dominação estrangeira, assim como George Washington, Marechal Smuts e De Valera".

São figuras como a do líder do "underground" da Palestina, cuja cabeça andou posta a prêmio pelas autoridades britânicas durante o mandato, que os leitores dos jornais, os ouvintes de rádio, conhecem por ler suas façanhas e ouvir dos seus feitos de heroísmo. Quando menos se esperava ela aparece-nos pela frente em carne e osso.

NO RIO, O TERCEIRO LÍDER JUDEU DE REVOLTA

"Jamais anteriormente, segundo o testemunho de uma revista israelita que se edita nesta capital, na história

O chefe do movimento subterrâneo da Palestina possui todas as características de um homem de vontade — menos as de um general de "maquis". Seu tipo mais se assemelha ao de um professor carrancudo, não admirando que durante vários anos de busca, nunca os ingleses o tivessem encontrado. Em baixo: Menachem Beguin pronunciando sua conferência sobre a "Luta pela liberdade", com a qual empolgou a assistência que lotou o Teatro República. O maior orador judeu da atualidade vG-se ladeado pelos srs. Fernando Levitsky e Yoshua Averbach



da estrêa.
Culpa dos
e bilheteria

aos men-
seus con-
procurando
recuperação
onsais para
ençalves. O
ça no palco
po da re-
rte da bi-
humorados.
as compo-
dos artistas
em pagar
dessas fl-
exemplo de

assim fazer
um cheque
aos bôlon
arefa de di
poucos an



O mártir da Inconfidência, em seu monumento situado à frente da Câmara dos Deputados, recebeu a visita do batalhador da Independência de Israel, que teve, como Tiradentes, 18 companheiros enforcados na luta pela liberdade

da coletividade judaica do Rio de Janeiro, um acontecimento despertou tanto interesse geral de ver em pessoa aquele que é, depois de Yehuda Maccabi e Bar Cochba, o terceiro líder judeu de revolta.

Menachem Beguin, antes de vir ao Rio, esteve na Argentina, onde foi recebido pelo presidente Perón. O atual líder do "Heruth" (Liberdade), partido político em que se transformou o "Irgun Zvai Leumi", e pelo qual se tornou deputado no "Knesset" (Parlamento) de Israel, empolgou os judeus da nação platina.

Houve um atraso de duas semanas na vinda de Beguin ao Brasil, pois tornou-se necessária uma consulta especial do nosso representante diplomático em Buenos Aires ao Itamarati.

Finalmente, no dia 18 último, foi recebido por uma grande multidão no Aeroporto Santos Dumont, o Libertador de Israel, e a sua comitiva composta pelo deputado Chaim Landau, ex-chefe do estado maior da resistência, dr. Rubem Franco, secretário Parlamentar do Heruth, e Amidanav Bentovim, ativista da Irgun.

Foi assim que muita gente ficou conhecendo a figura do herói que batalhou sem quartel pela criação do Estado de Israel, concretizando o ideal de um movimento iniciado há meio século por um jornalista judeu de Viena, Teodoro Herzl, com o seu livro "Estado Judeu".

A letra de fôrma dos jornais transformou-se numa figura humana que o avião trouxe de São Paulo, cidade que visitara após ter iniciado pela capital do Rio Grande do Sul, a sua excursão ao Brasil. Foi em Porto Alegre, na Assembléia Legislativa do Estado, que teve ocasião de dirigir-se aos deputados na língua de sua terra. Foi a primeira vez que se ouviu num parlamento da América — o hebraico, uma língua que muitos já consideravam como "morta" e que hoje está bem "viva", falada por cerca de um milhão de pessoas. Já duas horas antes da aterrissagem do avião, portanto, quando ainda não tinha saído da capital bandeirante, incalculável massa humana lotava completamente as dependências do aeroporto, e por ocasião do seu desembarque houve necessidade da polícia estabelecer um cordão de isolamento, a fim de conter o entusiasmo da coletividade israelita, durante o trajeto da aeronave para o carro, quando foi conduzido nos ombros de alguns dos seus admiradores.

UM LIBERTADOR HOMENAGEIA UM MARTIR

Homem, de uma atividade dinâmica, habituado às peripécias de um combate sem horário, entrou em ação logo no dia seguinte ao da sua chegada, não para organizar um movimento subterrâneo, mas agora para prestar o preito de sua homenagem ao mártir da Independência do Brasil. O deputado Menachem Beguin, de Israel, visitou a Câmara dos Deputados, e ali foi cumprimentado pelo sr. Cirilo Júnior, presidente desta Casa do Parlamento Nacional, em companhia da Comissão de Recepção, composta pelos deputados Munhoz da Rocha, Hugo Cordeiro, Deocleciano Duarte, e o líder da maioria, Acúrcio Torres, esteve em todas as dependências da Câmara. Detalhe curioso: o homem que era o terror dos ingleses na Palestina, deixou a sua assinatura no livro de visitas logo abaixo do de uma figura da nobreza britânica, Lord Jowitt. Em seguida, dirigiu-se à estátua de Tiradentes e ali depositou uma coroa de flores, recordando, com este gesto, os dezoito heróis da Irgun Zvai Leumi, que pagaram com a vida o crime da sua luta pela Independência de Israel, nas forças do exército inglês, tal como o mártir da Independência do Brasil que, na Palestina, foi simbolizado na figura de Dov Bela Gruner, morto no cadafalso cantando a "Hatikva", o hino nacional judaico.

"SÓ DEUS NOS AJUDOU!"

No mesmo dia, Beguin não descansou, e à noite pronunciou uma conferência no Teatro República, sob o tema "A luta pela liberdade". Antes da hora marcada, foram cerradas as portas daquela casa de espetáculos, por estar completamente lotada. Sua entrada no recinto foi recebida por uma tremenda ovação. Falou durante duas horas e quarenta e um minutos. e da oração que empolgou a assistência, pois ele é considerado o maior orador judeu da atualidade, conseguimos anotar os seguintes trechos: — "A luta que mantivemos com os invasores de nossa pátria foi exclusivamente nossa. Ninguém se inteirou dela, nem força alguma procurou-nos para fornecer auxílio e cooperação. Só Deus, que é Onipotente, nos ajudou e sabia o motivo que nos levou à luta e que a Justiça estava do nosso lado". "Nós soubemos compreender o significado da existência do povo judeu. O Destino condenou-nos a sobreviver ante todas as amarguras e vicissitudes da nossa Diáspora, e fornecer aos povos da humanidade exemplos magníficos de fraternidade". "A Inglaterra visava, tão somente, o petróleo no Oriente Médio, e os grandes compromissos internacionais foram por ela violados. Instalou dezenas de milhares de soldados na Palestina, dado o seu valor estratégico, e por ligar três continentes. Em consequência dessa opressão, do sangue dos nossos irmãos ser inferior ao negro petróleo é que impavidamente surgiu a gloriosa resistência judaica, que não era com-

Menachem Beguin depositou uma coroa de flores junto à estátua de Tiradentes. O lema "Liberdade ainda que tardia" foi o mesmo princípio que norteou o chefe da rebelião judaica na luta por Israel





Um flagrante da conferência do chefe do Irgun, aparecendo ao fundo um mapa da Palestina bíblica, tal como Menachem Beguin e os seus adeptos a desejam. A direita, a atual Transjordânia, país que ele considera "uma invenção da Inglaterra" e, à esquerda, a Cisjordânia, ou seja, a atual Palestina, vendo-se, na parte em traço, o Estado de Israel delimitado pela O.N.U., e, na parte em branco, o Estado Árabe da Palestina. Jerusalém, situada na parte árabe, é reclamada pelos judeus. Em baixo, um autógrafo em hebraico de Menachem Beguin, especialmente para a "REVISTA DA SEMANA", cuja tradução literal é esta: "O ideal de liberdade une os povos". Menachem Beguin.

posta, como foi difamado pelas tendenciosas agências d notícias, com mordazes delinquentes, mas sim por jovens patriotas, na sua maioria estudantes, professores, advogados, etc. Estes eram os famosos "terroristas" que tanto amedrontaram os soldados adversários... A tática que identificou a Irgun foi a política lógica ou a lógica política. Nós surgimos em consequência do terrorismo inimigo e não o contrário. Os jovens não titubearam em enfrentar esse inimigo, muito mais equipado e numeroso". "Foi levantado o caso da Palestina na O.N.U., que chegou à conclusão de que era imprescindível mudar o seu regime e, desta forma, fomos conduzidos à partilha. Arrebataram-nos as fronteiras históricas e o que ganhamos foi somente um pequeno trecho no litoral, com o qual não poderemos materializar os presságios do sionismo, que é a colonização total de todo o povo, e se perdemos um grande território, pelo menos ganhamos a independência nacional. Mas não devemos sujeitar-nos à partilha, pois, assim, nos submeteremos às intrigas de Beda... O meu partido constitui a oposição contra o

atual governo de Israel. Mas, num regime democrático, a oposição é tão necessária como o governo, e aquilo por que foi derramado sangue, possuímos hoje em dia — um governo judaico".

A REALIDADE CONTRARIA A IMAGINAÇÃO

A curiosidade não é só inata nas mulheres, mas também nos repórteres. Um telefonema, uma hora marcada, e lá estávamos no apartamento 305 do Copacabana Palace, para um "tête-a-tête" com uma figura tão famosa. Iriamos encontrar-nos facilmente com aquele que os ingleses procuraram com tanta dificuldade, durante anos e mais anos, e nunca encontraram. Só o vimos de longe na sua chegada e também à distância na conferência sobre a libertação de Israel.

Agora, o teríamos cara a cara. Ficamos imaginando a sua figura lendária e, de repente, assomou à porta do quarto, um homem que mais parecia um circunspecto professor de colégio, óculos caindo sobre o nariz, um começo de calvície e um grosso bigode "à la Groucho

אני מודה לך מאוד
למנחם בגין



O revolucionário brasileiro de 24 e 30, João Alberto, cumprimenta, no banquete do Automóvel Clube, o terceiro líder judeu da revolução, depois de Yehuda Maccabi e Bar Cochba, Menachem Beguin



A bandeira branca com faixas azuis e a estrela dourada de David, esteve presente à conferência do chefe do Irgun Zvai Leumi, símbolo que só pode ser hasteado na O.N.U. com a sua luta



"Jerusalém está no meu coração" — declarou Menachem Beguin ao autor desta reportagem, enquanto se preparava para ler um exemplar da "REVISTA DA SEMANA". Mais adiante exclamou: "Sou como sou"

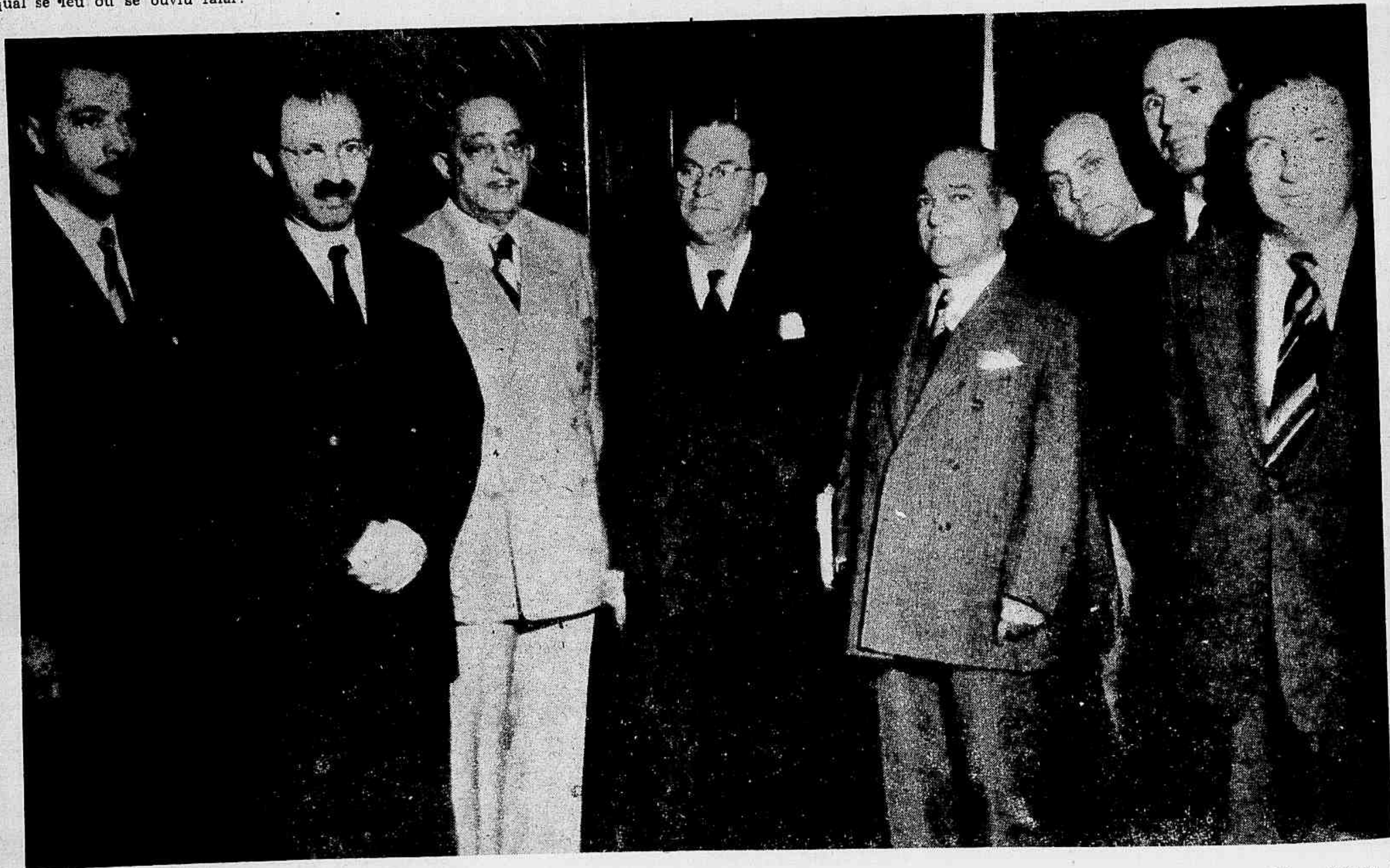
Marx". Apenas a pele queimada pelo sol do deserto, onde combateu. Seu tipo constitui o negativismo do herói, mas como não é o físico que faz a envergadura de um homem, na moral, na coragem e na inteligência, colecionamos mais uma pessoa para a galeria dos famosos que contrariam a expectativa e o poder de ficção na concepção mental de uma personagem, da qual se viu ou se ouviu falar.

IMPOSSÍVEL ISRAEL SEM JERUSALÉM!

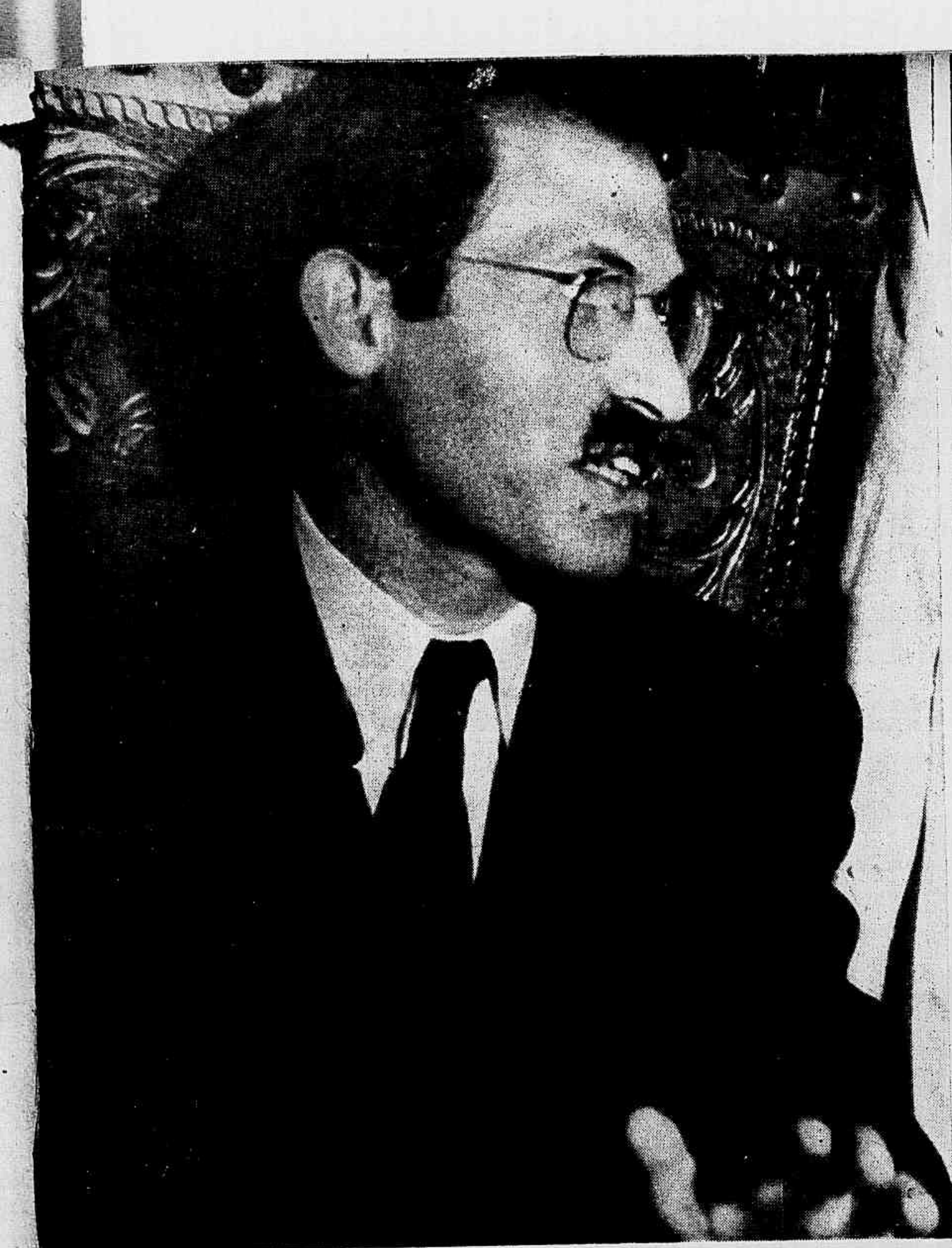
Nosso plano foi logo apresentado ao general da resistência de Israel. O repórter fotográfico preparou a objetiva para entrar em ação, porém, Menachem Beguin não aprovou esse plano. Nada de poses, foi logo dizendo o líder do Irgun, "porque sou contra o sensacionalismo". Ponderamos que a nossa reportagem era

séria. Pedimos que, pelo menos, permitisse registrar um flagrante em que ele apareceria apontando Jerusalém num mapa da Palestina, pois era notória a sua posição contrária à internacionalização da cidade santa. Sua resposta foi esta: — "Eu não preciso apontar onde está Jerusalém, porque Jerusalém está no meu coração".

(Cont. na pág. 50)



No dia seguinte ao da sua chegada ao Rio, Menachem Beguin foi visitar, na qualidade de deputado de Israel, como líder do partido da oposição, o "Heruth", a Câmara de Deputados do Brasil, sendo ali recebido pelo seu presidente, Cirilo Júnior. Visitou todas as dependências e deixou sua assinatura no livro de visitas, logo abaixo à de Lord Jowitt, da Inglaterra



O LIBERTADOR DE ISRAEL -- Quatro atitudes de Menachem Begin, o homem que na ilegalidade lutou pela independência de sua terra, e que como deputado do partido "Liberdade" se bate pela não internacionalização de Jerusalém e pelo restabelecimento de Israel em seus limites bíblicos



Sob a ponte metálica, que demora sobre o Parnaíba, está a praia mais moral da cidade. E' que nesse local o sol abrasador tira a pele de quem ficar despido. Para obter êsse flagrante, teve o repórter de se instalar no alto da ponte, e desde logo os olhares curiosos das lavadeiras voltaram-se para a sua pessoa. Um intruso, um "moço de fora", é logo reconhecido pela roupa e mesmo pelas atitudes...

NUDISMO? NÃO! - MISÉRIA



Se não fôsse o apêlo do repórter, elas posariam à vontade, sem a menor peça de roupa em cima do corpo, tal como vieram ao mundo. Mas o pedido foi satisfeito e aí estão as lavadeiras do Parnaíba, mais ou menos vestidas...

AS LAVADEIRAS DE TERESINA EXERCEM SUA PROFISSÃO EM TRAJES DE EVA POR ECONOMIA DE ROUPA PRÓPRIA ★ OS POVOS MODERNOS RECORREM AO NUDISMO COMO FONTE DE SAÚDE, OS EXISTENCIALISTAS ALEGAM RAZÕES FILOSÓFICAS DE SARTRE — E OS PIAUIENSES DAS CLASSES POBRES USAM POUCA ROUPA POR NÃO TEREM OUTRA ★ PUDOR ONDE NÃO HÁ POSSIBILIDADE DE CASAMENTO? ★ QUANTO MAIS VELHAS, MAIS DESPUDORADAS

(Textos e fotos de VINICIUS LIMA, enviado da REVISTA DA SEMANA ao Piauí)

CAUSA pena ao repórter narrar com fidelidade o sistema de vida do povo que habita o vasto chapadão estendido desde o alto-Mearim, abrangendo as áridas fronteiras dos Estados do Piauí, Ceará e Maranhão. As surpresas que o visitante incauto depara nessas paragens são contristadoras; por isso, as narrativas, principalmente através de uma reportagem, tornam-se quase solenes, sem vida... Tudo porque o repórter encontra dificuldades para dizer com discrição aquilo que viu

e foi documentado pela sua máquina.

Na cidade de Monte Alegre, no Pará, a moça que vai à missa com vestido de mangas curtas, fica semi-desmoralizada perante a sociedade. No entanto, no Nordeste, sob a influência do primitivismo mais acentuado, vimos deparar com agrupamentos humanos em locais denominados cidades, onde se vive em regime de tão acentuada degradação que, mesmo alegando ignorância, não consentimos em admitir a realidade desses fatos. A moça provinciana é

geralmente ingênua e resguardada quando vive numa sociedade normal. Em certas regiões do Piauí, entretanto, como nas cidades assoladas pela guerra e pela fome, milhares de mulheres — moças, velhas e adolescentes — praticam a prostituição com tamanha naturalidade que andar quase despida é tão comum como tomar banho de mar em Copacabana. E em consequência dessa falta de roupa advém a falta de moral. As roupas são plenamente dispensáveis nas funções cotidianas. Assim, principalmente, são as lavadeiras nos arredores de Teresina.

Como enviado especial desta revista para focar os diversos aspectos da vida nordestina, conhecendo o gênero de leitores que ela tem pelo Brasil inteiro, tive de pedir a essas humildes lavadeiras que vestissem um pouco de roupa, uma vez que não desejava fotografá-las completamente despidas. Aproximei-me primeiro de uma jovem de dezesseis anos, solicitando-lhe que cobrisse um pouco o belo corpo nu, e nisso fui atendido. Mais tarde, a mesma jovem procurava-me no hotel pedindo uma cópia desse flagrante. Examinando-a, sorriu e perguntou-me:

— Será que meu corpo é assim mesmo bonito?

V. L.

FATORES E MOTIVOS

A hora em que está sendo redigida esta reportagem, o barômetro marca 37.º à sombra. Teresina é excessivamente quente, pela rua desfilam moças discretas e educadas olhando gulosamente para os homens. E diante de tudo que estou observando, chega-se à conclusão seguinte: não é o fator miséria a causa única dessa degradação. Podemos afirmar, suponho, que esse complexo problema tem raízes biológicas solidificadas pela ignorância.

DONA MARIA CANIÇO

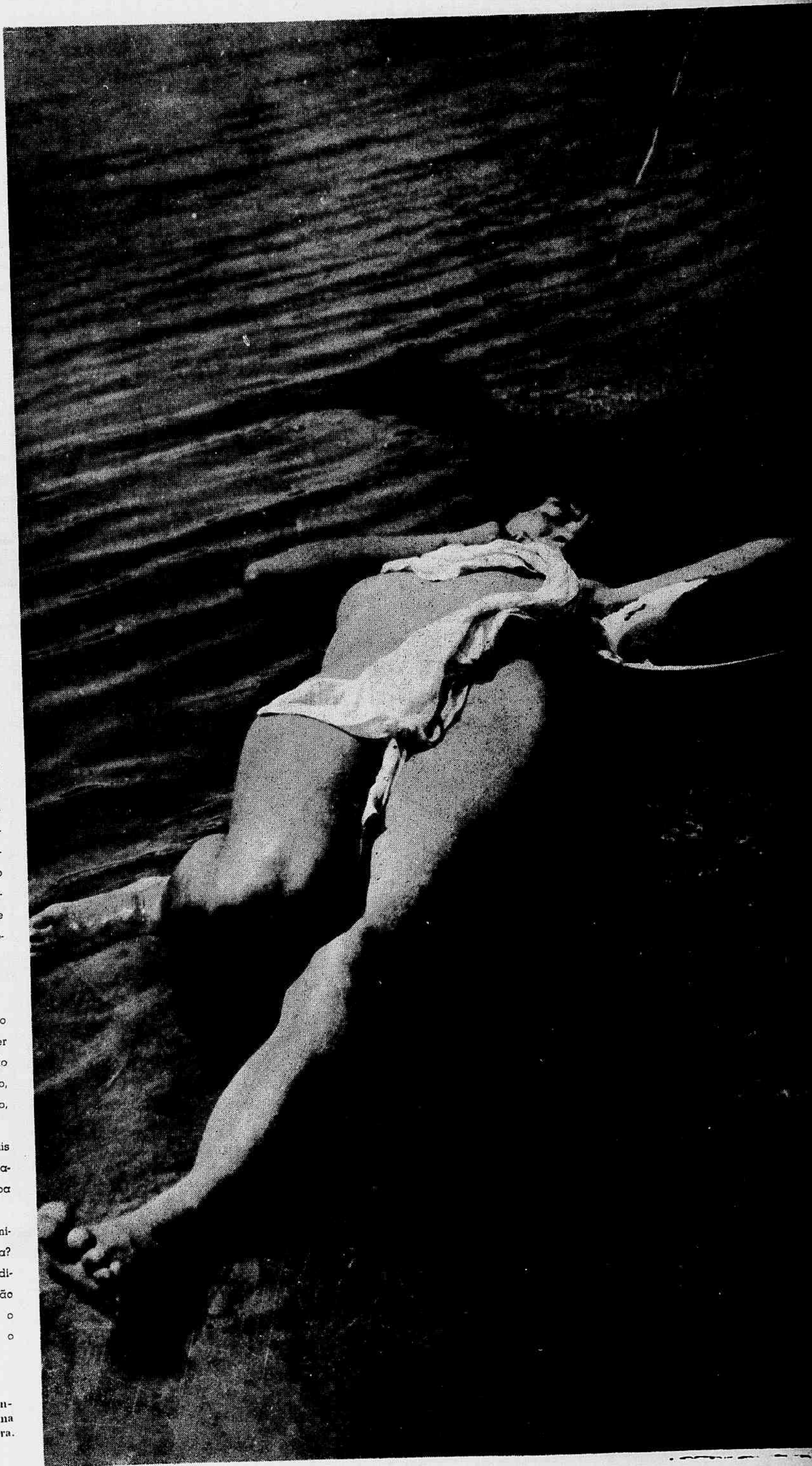
Maria Caniço é um varapau de metro e oitenta, a única a hostilizar o repórter quando a fotografava: — "O senhor não me leve a mal, não se aborreça comigo, pelo amor de Deus não se zangue comigo, mas vá tirar retratos..."

E lá vem palavrão. Dois minutos mais tarde voltava às boas, contando com naturalidade as razões de dispensar a roupa durante as horas do trabalho:

— "Ora, 'seu' moço! O senhor tá admirado de vê moça despida nessas beirada? É praque para elas se casá é muito difícil. Essa meninada que anda por aí não tem pai. As mocinha só têm mesmo o prazer da vida à vontade. Escondê o



Natureza viva. E ainda existem pintores que se limitam a reproduzir na tela, naturezas mortas! Essa, na gravura, repouso do trabalho esfaufante de mais um dia



Loura, bonita e digna de um casamento às direitas. Por isso, daria pena tirar-lhe um retrato despida — mas foi despida que ela apareceu ao repórter. Depois vestiu-se. E ficou melhor



corpo p'ra quê se isso é uma bobagem muito grande? Nós temo vergonha de roubá, mas se nós nascemo nua praque se envergonhá? Vergonha é roubá e batê fotografia da gente dêsse jeito, isso sim. E os diabo dessa mulhé aí ficarem bem satisfeitas praque diz que vai saí nos jornal..."

A JOVEM ANA MARIA

À margem esquerda do rio Poti encontramos uma bonita jovem de dezesseis primaveras cujo nome é Ana Maria. Não tem pai. Está perdida, seguindo a mesma vida má de dona Joaquina, mãe dela. Um pouco acanhada, mas sem demonstrar pudor, conversa naturalmente. Posou para a objetiva sem o menor constrangimento, usando apenas um pouco de roupa depois de solicitada. Falou demoradamente sobre sua vida sem anseios. Não tem esperança de casamento. Um companheiro, um homem que a estime, é tudo quanto Ana Maria deseja neste mundo, embora tenha de continuar lavando roupa. Interrogada se está disposta a seguir sempre uma vida honesta, responde com toda franqueza:

— "Moço, minhas irmã dizia igual a mim, que num seguiria nunca um mau caminho — mas os home prometeram êste mundo e o outro, e deixaram as bichinha aí sem eira nem beira. Num vale a pena se cuidá muito da vida, moço! Sorte nasce cum a gente..."

NHÁ FIRMINA

Ouvindo dona Maria Firmina, qualquer pessoa passa a ter uma impressão exata do pensamento da gente humilde no árido sertão nordestino. Essa senhora conta atualmente cerca de oitenta anos e conversa com as pessoas que transitam pelas proximidades do rio Parnaíba com as mesmas vestes com que veio ao mundo, quer dizer, sem roupa alguma. Discorre sobre a vida de toda a gente e tira conclusões interessantes. Disse Nhá Firmina que as mulheres humildes já se habituaram a andar despidas. Desde crianças, por falta de recursos, as mães consentem que os filhos cresçam ao sabor da natureza. Com isso economizam roupa, o que é essencial. Mas quando a menina completa doze anos, sente o pudor natural de toda mulher, resguarda-se por ter ouvido falar em casamento ou porque durante as aulas de catecismo a freira lhe falou sobre as inconveniências de andar despida. Mas é justamente nessa época que a mãe, já precisando da ajuda da filha, tem seu pro-

cedimento repudiado por esta. Um ano mais tarde, a menina-moça, seguindo o exemplo das mais idosas lavadeiras, abandona as vestes e o pudor. Acostumadas nisso, mesmo quando vão à rua fazer compras, trajam um humilde vestido de chita sobre o corpinho tenro.

Nhá Firmina prossegue em sua narrativa num tom de ênfase, sem titubear: — "Nós, as velhas, não temos vergonha de andar nuas porque os homens não olham para a gente nesta idade. Mesmo eles já estão habituados a ver pequenas bonitas tomando banho ou lavando roupa, inteiramente despidas. É a coisa mais natural do mundo, meu filho! Só a gente de fora estranha o nosso procedimento, fique sabendo. Adão e Eva eram como nós somos e não tinham maldade até comerem o fruto proibido. Essas meninas que o senhor está vendo são tão puras como outras quaisquer. Diga lá na sua revista que o Piauí é um Estado pobre onde as pessoas miseráveis não têm o menor apoio. Eu estive numa escola, sim, estive. Tenho o segundo ano ginásial, ainda que não pareça, tenho, sim. Mas essas mocinhas que está vendo, dão graças a Deus quando aparece um homem que lhes oferece união, mesmo sem casamento. Fui casada, matei dois maridos e se fosse nova casaria novamente. Apreendi que a maldade é produto das circunstâncias. Essa gente anda despida porque antes dela alguém achou que seria econômico lavar roupa como nasceu — sem roupa. Daí vinha um homem e essa pobre se escondia. No fim da tarde, não havia roupa lavada de tanto estar correndo para dentro do mato. Primeiro elas botavam um trapo em cima do corpo, depois não botavam mais nada. Hoje pode vir quem vier que a gente já não se incomoda, fica como está..."

RELIGIÃO — MAS DE BARRIGA CHEIA

A gente humilde dos subúrbios de Teresina tem uma filosofia bastante curiosa. Percebe-se a revolta de um povo ludibriado em suas esperanças; raramente frequentam as igrejas e não crêem, muitas, que exista um Deus sem lhes dar o necessário para o sustento. Pobre nasceu para morrer, dizem aqui, morrer e ir para o inferno. Esse negócio de céu é p'ra gente que tem tempo de preparar o espírito, mandar rezar missas e comprar roupa suficiente para esconder o corpo. De barriga cheia, com a cera da carnaúba a bom preço, as lavadeiras passam a colher palha. Então o dinheiro chega para um "forró" e para



Na outra margem do Poti, o repórter ficou escandalizado, mas a rija cabocla do nordeste quedou-se na mesma atitude. E teve o cuidado de apurar a pose quando foi batida a chapa



Não havia roupa que pudesse cobrir o corpo das lavadeiras. Só mesmo apelando para os lençóis das patroas — e foi com eles que as humildes criaturas acatarem a solicitação do repórter. Claro que as crianças dispensaram esses cuidados!

Acreditem ou não, a jovem que aparece em primeiro plano está noiva. Que importa? Seu futuro marido conhece perfeitamente os hábitos da terra. Ela ainda não completou dezessete anos e, a rigor, não parece ter noções de pudor

feriar os domingos, e receber a hóstia. Se alguém pergunta por que procedem dessa forma, respondem que havendo dinheiro sempre resta alguma esperança. E além disso a barriga dói como o diabo. Rezando de barriga cheia é muito melhor.

REPÓRTER VAIADO POR DESLIZE SOCIAL...

A cidade de Balsas, ao sul do Maranhão, foi teatro de uma cena vergonhosa para o repórter acostumado a tomar banho de calção em Icarai ou Copacabana. Saía de casa metido numa quase imoral roupa de banho, mas assim mesmo foi vaiado pela molecada:

— Hei, olha o besta que vai para o rio de calção! Fiaul

Era surpresa para aquela gente acostumada a andar despida e ir assim para a praia. Por isso o repórter baixou a cabeça e regressou para o hotel, confuso e perturbado. Naquela cidade estava proibido pelas leis naturais tomar banho vestido. Meia hora mais tarde, nova crítica sofreu a imprensa do Rio. É que o repórter olhava muito interessado para as moças banhando-se despidas. Isso está considerado falta de educação em Balsas. É mesmo estupidez. Motivo por que as observações não tardaram:

— Você não nasceu despido?
— Nunca viu ninguém nu? Matutol

ESTATÍSTICA

De acordo com o recenseamento de 1940, a cidade de Pedreiras, no Maranhão, possui cerca de 6.000 habitantes. Desses, mais de 2.000 é constituído de mulheres de vida suspeita. Não há divisão entre os pobres, preconceitos de castidade ou sub-divisão entre os grupos que procedem bem ou mal. O sexo forte é relativamente reduzido. As possibilidades de casamento, também. Por isso, não sucede o que se vê no Rio, onde as dificuldades matrimoniais são apenas para os homens.

PONTO FINAL

Em Teresina, onde está sendo redigida esta reportagem, uma boa parte da população é formada de mulheres duvidosas. O mercado de carne humana se aglomera na parte sudoeste da cidade, estendendo-se pelas praias, pelos subúrbios e chegando ao próprio coração de Teresina; por sinal um coração que tem seus aspectos pouco limpos. Sob a ponte de ferro do rio Parnaíba as moças banham-se despidas, enquanto o repórter finge que está pescando. As velhas são as mais desavergonhadas. E a gente do lugar parece admi-

rada que um jornalista venha do Rio para surpreender uma coisa tão natural, tão sem importância... E neste momento uma luz baça, apagada, mal consegue filtrar-se; igual aos espíritos das humildes lavadeiras do Poti e do Parnaíba...

RESUMINDO

Quando nos propusemos levar a efeito esta reportagem, era o espírito natural de curiosidade, muito da profissão, o que mais nos animava. No fim de contas, as lavadeiras de Teresina deveriam constituir motivo para uma série panorâmica de fotografias muito do agrado do leitor; coisa diferente aqui nos estava reservada. As lavadeiras, além de representarem uma faceta do problema econômico destas redondezas, não chegam a possuir os detalhes plásticos que o repórter esperava. Elas dão conta do seu trabalho, lavando a roupa dos fregueses mas sem roupa para vestir; elas despem-se sem o menor preconceito, escandalizam-se quando alguém vai tomar banho de rio mesmo com o último tipo de calção "bikini", mas não alimentam o menor espírito de malícia. Elas querem lavar as peças de roupa, aproveitando as manhãs e tardes de sol quente, seu maior colaborador, mas desejariam, como toda gente, melhorar de situação.

— Talvez a sua reportagem tenha fa-

lhado do ponto de vista sensacionalista — dizia-me agora à tarde um amigo. Em compensação, pode ficar certo de que o seu trabalho vai despertar, lá na Capital da República, um movimento de justo interesse pelas humildes mulheres a quem você encontrou vivendo um mundo à parte e dignas de qualquer auxílio. Elas dão um reflexo da vida de conseqüências e das privações por que passam, não só as lavadeiras de Teresina, mas as mulheres pobres de todo o interior brasileiro.

Era a expressão da verdade o que ouviamos desse amigo. E deixando em paz as simpáticas e laboriosas lavadeiras, voltamos com nova soma de observações, fruto da nossa paciente excursão. Observamos, sentimos de perto, e mesmo espiritualmente partilhámos da existência inglória dessas criaturas, que tão intimamente conhecem o quanto custa ganhar o pão cotidiano. Se nem todas primam pela sua linha de conduta moral, é absolutamente certo que ali, como em todas as aglomerações humanas, há de tudo, e portanto também mulheres honestas, de irrepreensível atitude, embora prées aos costumes da terra. São assim as lavadeiras de Teresina, a quem os senhores acabam de conhecer através desta reportagem feita, não haja dúvida, a trôco de muita sacrifício.



Em cima: Curiosa e intuitiva representação do Céu, com motivos mitológicos. O Sol, um índio, perseguindo a deusa Lua. Em baixo: Um eclipse do sol provocado pela Terra e visto da lua, na tragam lama, com a qual fará a Terra. No céu as Plíades e outras constelações do hemisfério boreal. Em baixo: Um eclipse do sol provocado pela Terra e visto da lua, na concepção do artista James Perry Wilson, cujo quadro ofereceu ao "Hayden Planetarium"

JÁ SE PODE IR AO CÉU SEM MORRER

O leitor já ouviu falar no "Hayden Planetarium" de Nova York? Trata-se de uma instituição científico-diversional considerada verdadeira maravilha de engenho e arte, integrando o Museu de História Natural Americano no que diz respeito aos corpos celestes constantes do nosso sistema planetário.

Essa monumental obra tem o nome de seu grande benemérito, Mr. Charles Hayden, um cidadão norte-americano daqueles que fazem parte de uma geração de propulsores do progresso científico dos Estados Unidos na direção da cultura popular, a quem se ficou devendo o Planetário.

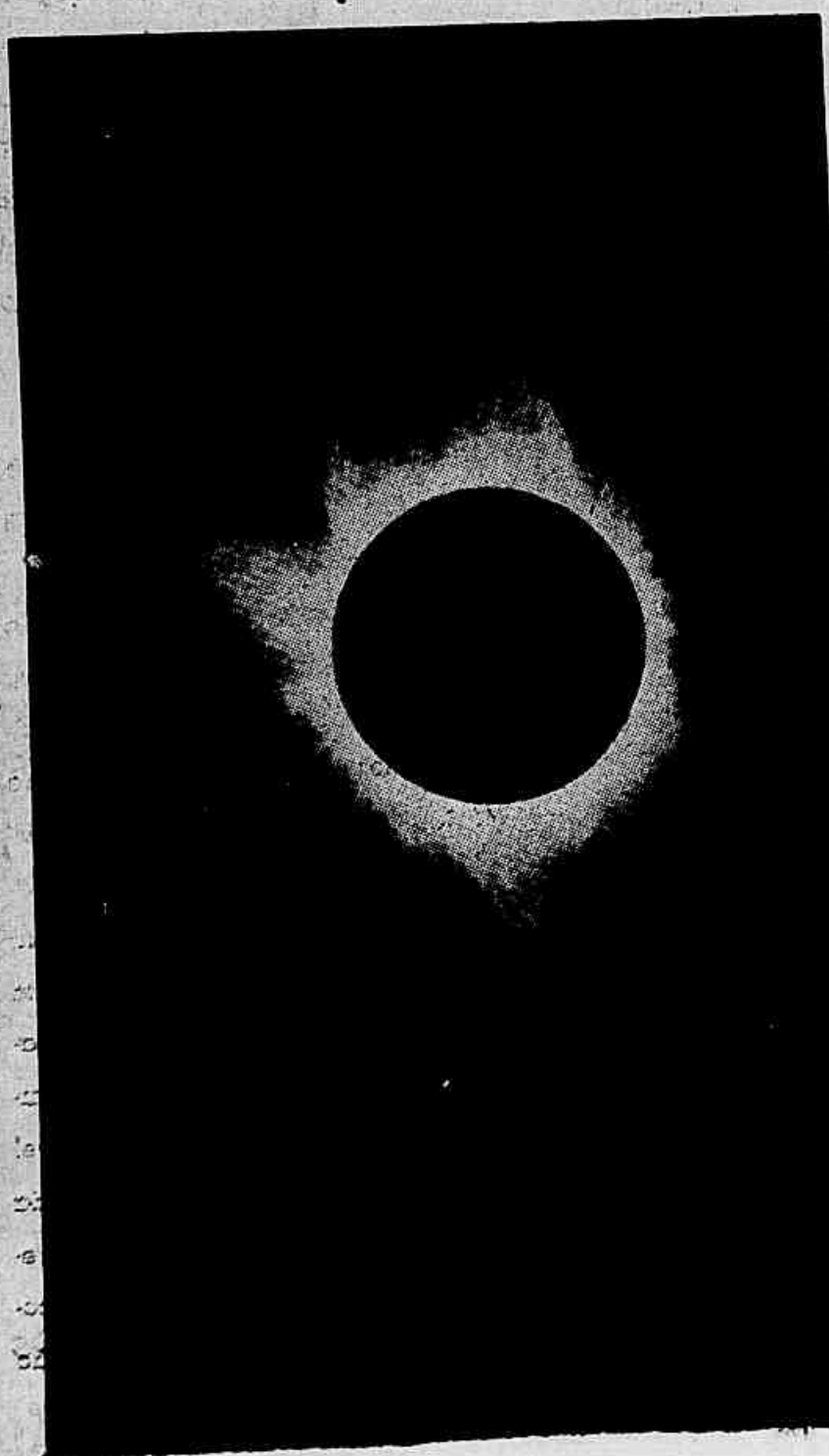
Mr. Hayden, homem de grande fortuna, fez esse presente ao "American Museum of Natural History", o que demonstra o interesse de muitos dos milionários daquele país em favor da ilustração do povo.

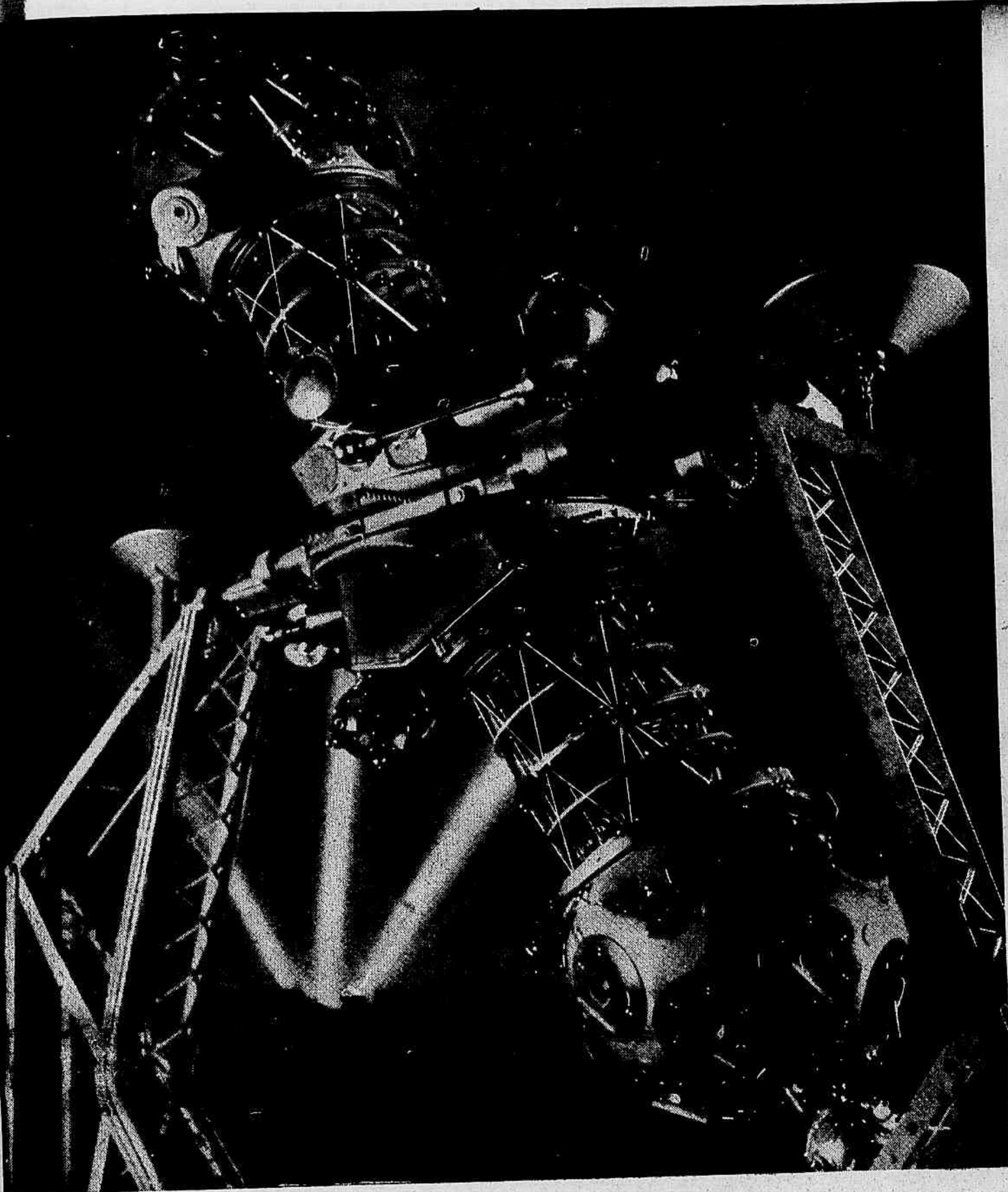
Passemos agora a falar do Planetário. Quando entramos nele e começamos a ver o firmamento estrelado com toda a magnitude sideral de suas constelações, a Via Láctea, astros e satélites, as-

teroides e cometas, temos a impressão de que deixámos a Terra e viajamos pelos espaços sem fim, em contacto com todas as belezas luminosas que a Natureza nos mostra.

Quem não se extasia olhando o céu numa noite primaveril sem nuvens, em cujo fundo escuro as estrelas cintilam como jóias engastadas na abóbada infinita? Pois uma visita ao "Hayden Planetarium" nos dá uma impressão exata dessa maravilha, com a vantagem de que, ali, todos estamos visitando o firmamento, vendo o céu, viajando calma e perfeitamente vivos, através do nosso sistema planetário, entre estrelas e astros a milhões de quilômetros da Terra em que vivemos!

O teto e as paredes que, momentos antes, limitavam o espaço daquele zimbório, desaparecem como por encanto e passamos a ter a impressão de que nos encontramos ao ar livre, vendo-se lá no alto, escuro céu constelado. Olhamos o horizonte e reconhecemos o contorno irregular dos edifícios da cidade em perfil, na obscuridade da distância. Tudo aquilo é como um passe de mé-





O fantástico aparato de projeção do "Planetarium", visto de perto, destacando-se, ao fundo, uma visão noturna da Aurora Boreal e Nova York em silhueta. Esse aparelho faz lembrar uma figura mecânica de aspecto sobrenatural, mas, graças a ele, é que os visitantes do Planetarium conseguem admirar tão impressionante espetáculo

gica. Súbito, surpreendendo-nos, surgem as estrelas. O ambiente se enche de deliciosas harmonias musicais em surdina, fazendo-nos recordar daquela nossa crença antiga de que havia uma música celestial emanada dos astros!

E lá estão, sobre nossas cabeças, milhares de estrelas a brilhar tão gloriosamente como resplandecem nas noites de estio, vistas das montanhas ou das planícies.

Diante do espetáculo empolgante, escapa da boca dos espectadores um murmúrio de admiração e prazer. E' que não há quem possa acreditar que esteja diante de uma composição mecânica e pictórica feita pelo engenho humano e sim, realmente, em face do verdadeiro firmamento com toda a sua fulguração que tanto nos é familiar desde crianças.

Nessa ocasião o locutor, postado a um ângulo do proscênio numa tribuna, começa a falar aos presentes, comodamente sentados em anfiteatro e dá esclarecimentos como se estivesse a servir-nos de guia nessas excursões pelos domínios celestiais.

E, com uma espécie de ponteiro elétrico e luminoso, vai apontando os lugares siderais na imensa abóbada do "Planetarium" conforme o programa daquela noite memorável. Decididamente entramos no outro mundo... Vamos então refrescando a memória acerca de nomes de estrelas e suas constelações, graças àquela cicerone. Vemos a lua surgir, os planetas e cometas descreverem suas órbitas através do imenso campo das estrelas. O que gira acima de nossas cabeças é o céu com toda a magnificência de luzes e corpos celestes em movimento. E somente então podemos compreender técnica e cientificamente por que motivo a lua se nos apresenta com aquelas fases, em crescentes e minguantes, lua nova

e lua cheia, apresentando-nos sempre uma face. Somente aí temos uma idéia exata e perfeita do movimento dos planetas e descrever suas eclipses em torno do sol, e, pela primeira vez, tivemos oportunidade de admirar a marcha de um cometa jornadaando pelo céu com sua cabeça luminosa e sua imensa cauda fosforescente como gigantesco foguete voador de misteriosa propulsão!

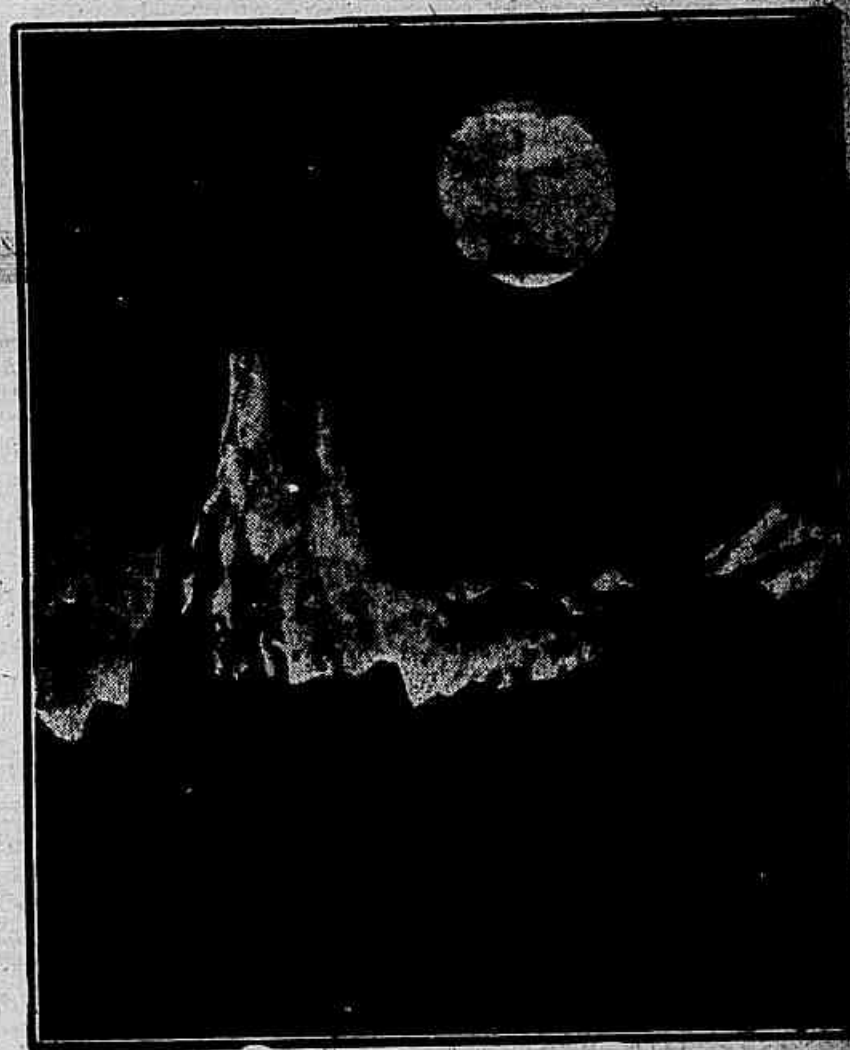
Tudo isso é explicado pelo locutor, muitas vezes num estilo jocoso, provocando risos da assistência, especialmente, quando ele nos leva à lua. Ciência e arte cênica, uma espécie de "show" no recôndito do infinitamente grande é maravilhoso, uma excursão pelo céu durante cinquenta minutos, quase uma hora, e que, de bom grado, desejariamos prorrogar por mais duas, dez horas, uma semana...

E então a voz do locutor nos adverte que a noite vai acabar e já vem despontando o dia. Para os lados do oriente vemos aparecer, gradual e suavemente, o clarão das alvoradas, precedendo o sol. Muita gente ali ainda não tivera oportunidade de admirar o nascer de um dia. E muitos não podem reprimir um "oh!" que lhes sai do peito involuntariamente. Surge o sol na linha do horizonte e o locutor então nos diz: "Já é dia". Isso é uma maneira delicada de dizer-nos também: "Podem dar os lugares para os outros".

Mas, quem vai uma vez ao "Planetarium" fica obrigado a lá voltar muitas outras vezes, tal o fascínio de belezas sem par de que se viu escravidado. E cada vez que ali volta, novas surpresas, outras magnitudes celestiais lhe são mostradas científica e graça literária, enchendo os cinquenta e explicadas com véve e talento, com realidade ta minutos de estranho e magnífico espetáculo

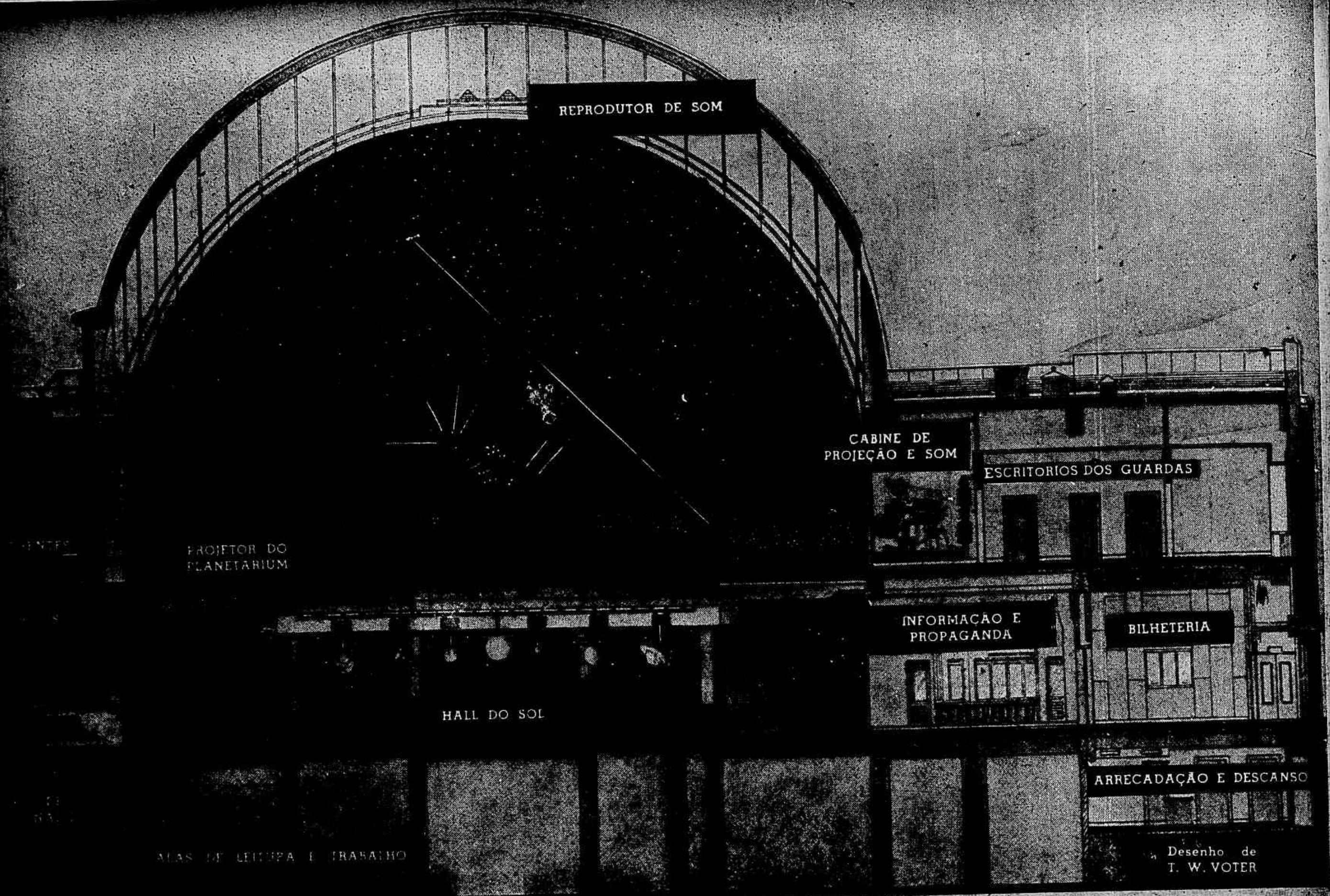


De cima para baixo: A representação pictórica da Constelação do Touro, vendo-se no ombro esquerdo as Plêiades, ou Seteestrela, ou, como lhe chamam nos Estados Unidos, as "Sete Irmãs". Panorama lunar, vendo-se, lá em cima, a Terra, concepção científica do



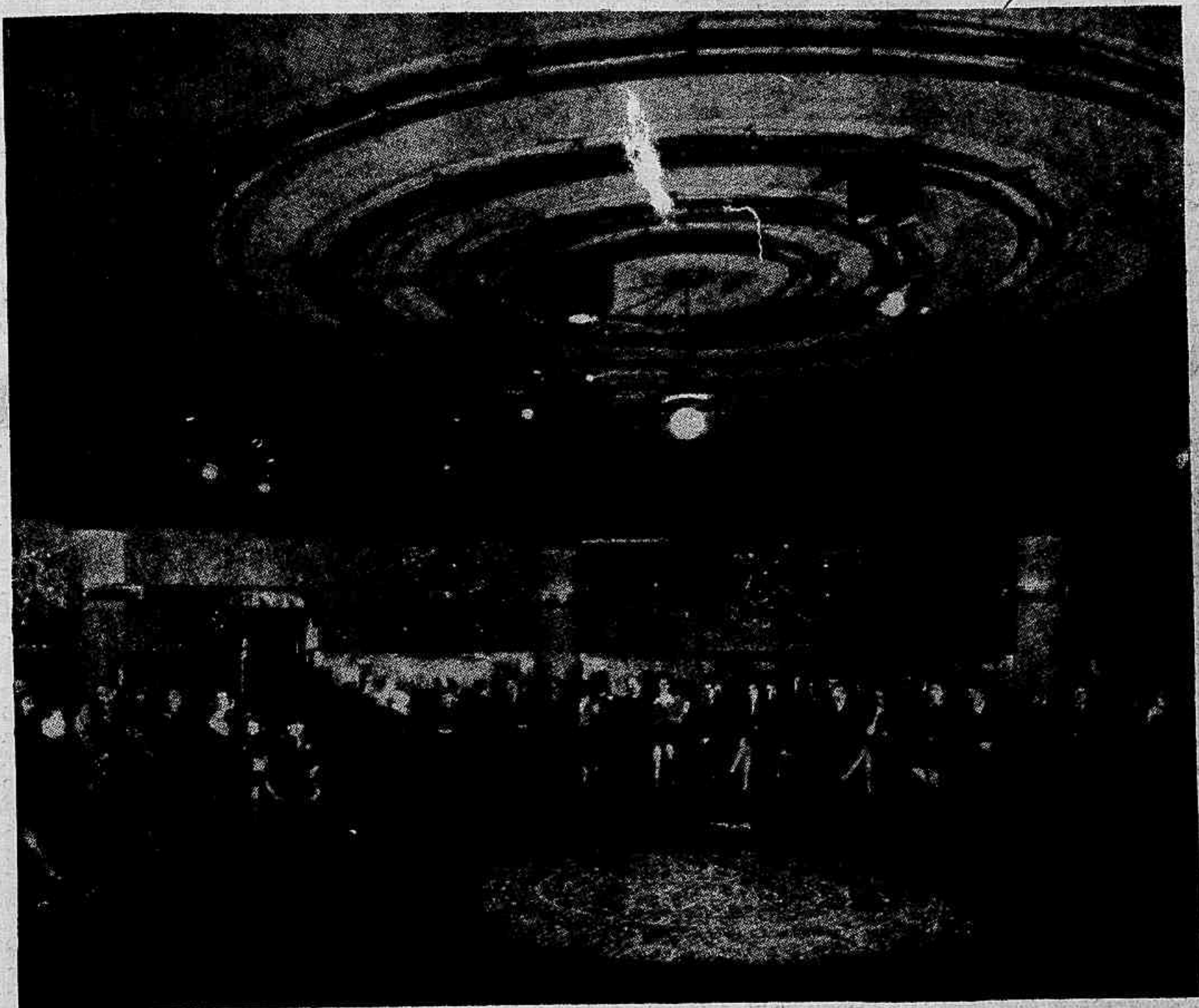
artista Howard Russell Butler para nossas viagens à lua no "Planetarium". O planeta Marte, visto da superfície de uma de suas pequeninas "luas", desenhado por H. R. Butler, após longas e cuidadosas observações telescópicas





Para que o leitor possa ter uma idéia aproximada da magnitude e composição interna do grande Hayden Planetarium, aqui mostramos a grande instituição internamente, através de um corte transversal. Em baixo, o mesmo edifício nos mostra a sua fachada e o volumoso zimbório, onde admiramos todas as belezas celestiais por meio dos mecanismos e instalações a que se refere esta reportagem, com detalhes e fotos ilustrativas. Uma visita ao Hayden Planetarium é obrigatória a todo o turista que vai a Nova York, e, não raro, centenas de brasileiros ali se encontram, para conhecer essa maravilhosa organização. Simultaneamente com a subida ao Empire State e a visita à Estátua da Liberdade, figura, invariavelmente, uma noite destinada ao Planetarium — ou Nova York não terá sido visitada a rigor.





O projetor do "Planetarium" pode mostrar todas as estrelas visíveis a olho nu, todos os astros, satélites e outros corpos celestes vistos pelos astrônomos. O globo maior, ao centro do teto, representa o Sol. Os demais planetas e seus satélites giram em torno a ele

com o mais deslumbrante encantamento que se pode imaginar.

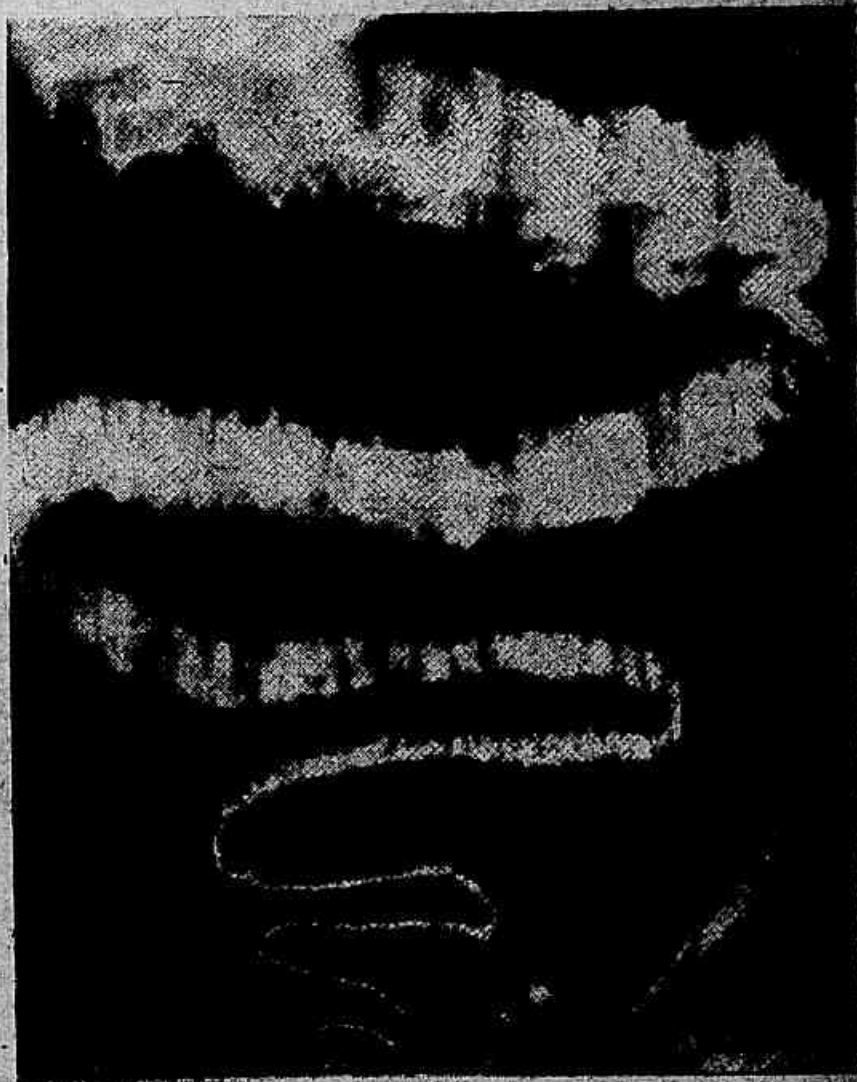
E' uma viagem pelos céus, vendo-se o movimento dos astros, a marcha dos cometas, as parábolas luminosas dos planetas, a Terra vista da lua, como se ali estivessemos realmente, o nascer do sol, o brilho rosicler da aurora, o rodar dos meteoritos, o lucilar dos asteroides, o fulgurar das estrelas, a beleza sem par da Via Láctea, tudo que há no Infinito e que as ciências cosmológicas e astronômicas dominam e perscrutam na contemplação da suprema obra do Grande Arquitecto do Universo: — DEUS.

Mas no "Hayden Planetarium" não se pode

admirar apenas a beleza do céu. As mensagens que do Infinito nos envia a Natureza representadas nesses blocos de minérios a que damos o nome de meteoritos, lá estão expostas à visitação pública.

Um deles, o Wilamette achado perto de Oregon City em 1902, pesa 15 toneladas sendo o maior meteorito até hoje encontrado nos Estados Unidos; mas, também ali se vê o colossal corpo celeste de ferro e níquel, trazido de Greeland e encontrado em Cape York, terra de esquimau, por Peary em 1897 e que pesa 36 e meia toneladas, o maior meteorito existente em museus de qualquer parte do mundo.

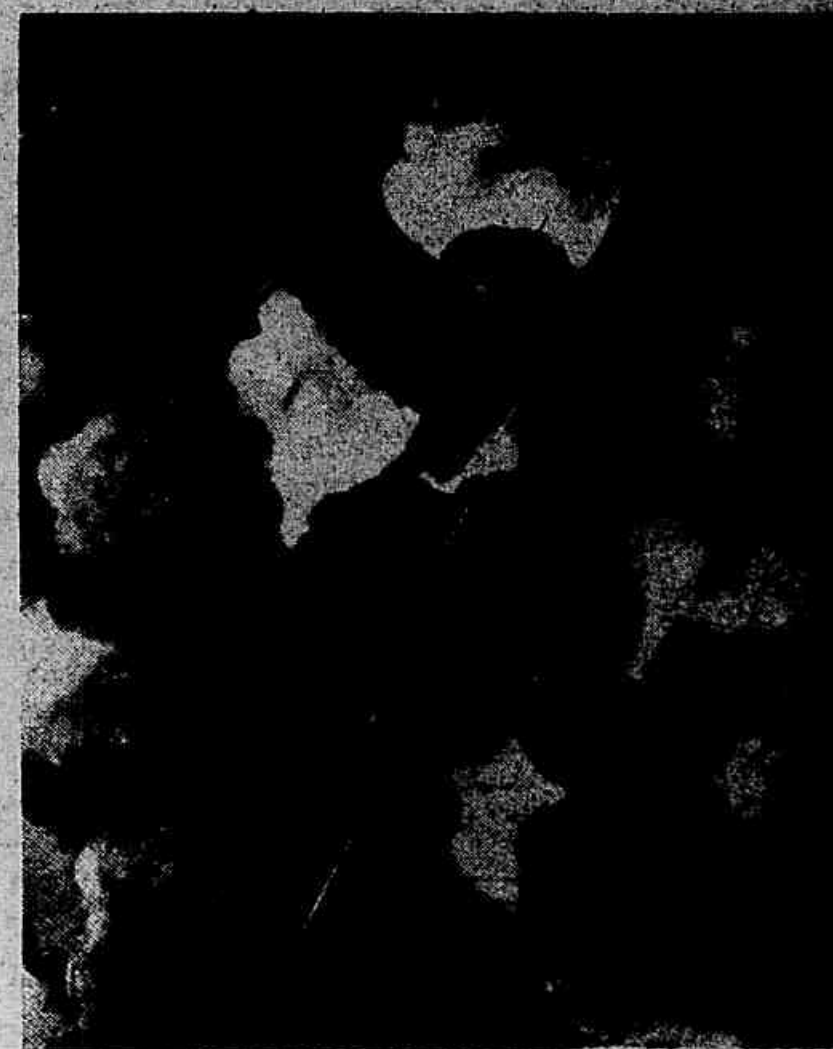
Reprodução exata do sistema astronômico de Copérnico, de há muito universalmente aceito, tudo animado por este fascinante sistema do "Planetarium" e dando ao espectador uma noção exata daquilo que até então representava para ele um quase fenômeno impenetrável



De cima para baixo: Fantástica visão da Aurora Boreal, pintada no Alasca, a cinquenta graus abaixo de zero, pelo artista Leonardo M. Davis, que aquecia os pincéis com lâmpada de álcool. Outros



audaciosa concepção do Sol e de parte do Céu, com figuras indígenas a dançar nos seus ritos. Assim como os gregos tinham em Zeus o maior dos Deuses, aqui vemos uma Água a emitir raios na concepção mistica



Esquálido e faminto, caminhava trôpego puxado pela mão da avózinha, tendo os pés mergulhados em hipotéticos sapatos.

Marchava lentamente, aos tropeços, como um carro danificado a reboque. Suas pernas hesitantes, mal se prestavam a levar-lhe a carcassa infantil. Seis anos apenas e Julinho já conhecia o jejum forçado de uma fome de oito dias. Moravam no Engenho Novo e dirigiam-se a pé para o Riachuelo. A caminhada seria longa, cruel, interminável, mas sua mãezinha ordenara...

Para Julinho a palavra materna era um dógma, uma lei, uma ordem imperativa que se não discutia. Surgissem os maiores obstáculos, terrível que fôsse a sua fadiga, mesmo que as forças o quisessem abandonar, os seus pés gemessem dentro dos moribundos sapatinhos, ele caminhava porque muito pior que tudo isso, seria o castigo à falta de obediência... Assim fora educado. Obediência cega, obediência sem raciocínio, obediência passiva, cumprimento rigoroso, absoluto das ordens maternas. Portanto, deixava-se arrastar sem articular palavra, sem se queixar, sem pedir água, sem nada dizer, absolutamente nada... Sua avôzinha para distraí-lo ia contando-lhe uma história que ele não ouvia porque pensando, fazia um retrospecto de sua vida tão curta ainda, mas repleta de sofrimentos. Como era feliz há dois anos passados! Moravam numa bela casa, tinham criados, havia muita comida... sobretudo muita comida, comida de sobra que ele todas as tardes distribuía pelos pobres da redondeza, admirando-se que alguém pudesse passar fome. Depois

quém pudesse passar fome. Depois seu pai perdera o emprêgo, vieram os maus dias, as brigas de sua mãe com o marido, as cenas terríveis que sempre o amedrontavam, as privações de tudo e por último aquêlo sofrimento supremo que êle considerava o mais custoso de suportar: o suplicio da fome. FOME, a sua maior tortura. Querer comer e sua mãe não lhe dar coisa alguma. Nem ela nem ninguém. Por que? Êle que mitigara a fome das outras crianças, sentindo o coraçãozinho comovido quando alguma lhe dizia que ainda não comera... E hoje, fazia justamente oito dias que sua boquinha não provava o sal de uma comida qualquer. Era só o enjoado café com pão seco.

Caminhando sempre, olhava o céu, o belo céu que era tãda a sua admiração, que durante o dia se enchia de luz e à noite repleto de estrêlas, ornamentava-se de luar; o céu que êle fitava com inveja, pois lá moravam os anjos...

o céu que ele fitava com inveja, pois lá moravam os anjos... Lembrava-se de que, certa vez, um venerável senhor, afagando-lhe a cabecinha, dissera à sua mãe: — “Senhora, seu filho é um anjo!”. — Seria verdade? Ele, um anjo? Por que? Não era belo. Possuía o complexo de sua fealdade, do seu raquitismo, da sua fraqueza. Julinho pensava: — E se fôsse mesmo um anjo? Então não tardaria em morrer para ir morar naquele céu tão lindo, sua constante fascinação. Fitou uma nuvem branca que pairava acima de sua cabeça como um grande cisne deslizando num lago azul... talvez os anjos estivessem escondidos em suas asas e o espreitassem lá de cima. Sentiu uma sacudidela na mão: Está dormindo? — perguntou sua avó. Despertou do devaneio e continuou a caminhar mais atento. Depois, insensivelmente contemplou o céu outra vez. Quedou-se deslumbrado pelo esplendor da natureza. O céu apresentava cambiantes de cores num maravilhoso pôr de sol. Como tudo era belo, pensou. Pena sentir de vez em quando aquela dorzinha no estômago... A noite caiu lentamente. Era o “Angelus”. Sentiu uma grande aflição, uma agonia, uma tristeza imensa. Suava frio. Olhou mais uma vez para cima. Agora a concha rósea do crescente pairava entre nuvens opalinas. Sentiu uma tonteira. Novas ferroadas no estômago vazio. Acariciou a mão da avó: — Avózinha, tô com fome. — Filho, fale baixo para que sua mãe não ouça. Vamos à casa da comadre Chiquinha para jantar. Hoje é dia de festa e há muito doce p’ra você... — E comida também? — perguntou. — Sim, filhinho, muita comida — balbuciou trêmula de emoção a piedosa avó. — Mas avózinha, tô cansado... — Tem paciência. Agora que vai comer, não esmoreça. Lembre-se de que já é um homenzinho. — Julinho calou-se. Refletiu. E’ verdade, sou um homem. Uh homem de seis anos, mas um verdadeiro homem. Lembrava-se de ouvir muita gente dizer que se não almoçasse as dez horas morreria de fome; a outros ouvira ainda que “não podia prescindir da merenda às duas horas, porque não aguentariam esperar a hora da janta”; ouvira também de uma criança falar para sua genetriz: “Mamãe, tô morrendo de fome” e até o filho da lavadeira, seu vizinho de quarto na moradia coletiva em que habitava, um menino gordo, corado, forte, reclamava a toda hora, pão, por que estava “morrendo” de fome... sempre se comparar-se com as outras crianças

que estava "morrendo" de fome...

Sempre tivera o complexo de sua fraqueza ao comparar-se com as outras crianças porém, agora, não sabia porque, vinha-lhe uma convicção contrária. Sim, ele era mais forte que todas as outras, muito mais. Há oito dias tomava apenas café com pão seco e não reclamara, nem se sentia morrer. Estava vivo, bem vivo, vencendo uma distância enorme sem um gemido, sem parar, sem ao menos pedir água. Esse raciocínio fortaleceu-o, estimulou-o. Sentiu-se agigantado, superior. Uma pontada nas costas paralisou-lhe um segundo o pensamento. Ia comer, conjecturava, gostava muito de ir àquela casa. Havia tanta comida, tanta fruta, uma fartura enorme até ao desperdício, como dizia sua mãe. Pena que o menino da casa fôsse maluco e às vezes, quisesse bater-lhe. Mas não se aborrecia por isso porque sua avó lhe dissera que os malucos eram irresponsáveis, eram crianças grandes, eram os embriagados do Destino. Por isso tinha muita pena do maluquinho. Agora marchavam para lá. Era dia da festa. Imaginava quanta coisa boa estaria à sua espera. Quanta comida para mitigar sua fome de oito dias. Novamente olhou para o céu e sua alminha pura ainda, branca flor que se entreabria no lado mau da vida, se enternecia, julgando que os anjos, compreendendo o seu grande sofrimento, lá de cima, despertaram em sua avózinha a idéia feliz de levá-lo àquela casa para comer. Passou a língua pelos lábios sequiosos. Reparou onde estava. Nem a metade do caminho ainda percorrera! Sentiu um desânimo, uma coisa exquisita. Contemplou outra vez o céu, e, teve a impressão perfeita, de que um grande cisne branco vinha ao seu encontro baixando suavemente, descendo... transportando em suas asas diáfanas os anjinhos que lhe atiravam comida... Faleou um pé. Fechou os olhos como sono...

— Este menino não aguenta mais...

Acordou no colo da avózinha ouvindo-a dizer: — Este menino não aguenta mais... — abriu os olhos e viu-lhe duas lágrimas escaparem furtivas, como que envergonhadas... — Está melhor, queridinho? — Não tenho nada não, avózinha. — Ponha o menino no chão que a senhora não pode levá-lo até lá, falou sua mãe. Era verdade, ela já não possuía forças para carregá-lo. Era tão velhinha!... — Ponha-me no chão, avózinha, eu não tenho nada — pediu o menino, só tô com fome... — Psiu! — advertiu-lhe rispidamente sua mãe, isso não se diz, principalmente na rua. Nada de choro. — Julinho calou-se. Num supremo esforço de vontade caminhou forte, ativo. Sentia de quando em vez, as perninhas tremerem e os pezinhos arderem, porém, acima de tudo o lema: obediência. Olhava os bondes, os autos, os ônibus... Quanta condução e sómente eles a caminharem como por castigo. Meteu os dedinhos no bolso. Estremeceu de alegria. Tocara numa coisa redonda... Se-

gredou: — Avózinha, pare. Achei um dinheiro. — todos se interessaram. Abriu a mãozinha vitorioso e sorridente. Eram dez centavos apenas. Sua avó lembrou que possuía outros dez e se achassem nas carteiras vinte centavos mais, poderiam tomar o bonde, levando o menino ao colo. Busca infrutífera. Desilusão rápida. — Não temos dinheiro, adiante — falou o pai. A caminhada recomeçou. Julinho sentiu uma dor aguda no pé. — Avózinha, meu dedo furou a meia e tá machucando. — a ela ajoelhou-se, tirou-lhe o arremêdo de sapato, ajeitou com carinho da melhor maneira o pezinho na meia e recalçou-o falando: — Lembre-se, meu filho, que vamos comer. Já estamos perto. — animou-se um pouco. Mesmo assim, andava trôpego, quase inconsciente, jogando heroicamente as perninhas para a frente. Apreendeu novamente o céu, o longínquo céu que seria dele um dia. Contemplou as nuvens e viu, sim, viu perfeitamente, meia dúzia de anjinhos fascinantemente lindos, dizendo-lhe adeus com as mãozinhas gordas e rosadas... Já não eram as pernas que lhe tremiam, todo o corpo era per-

lhe tremiam, todo o corpo era percorrido por estremecimentos internos e externos. Sentiu marteladas na cabeça. — Avózinha, suplicou, não posso mais. — Coragem, meu filho. Olhe. Estamos chegando. Vê a casa iluminada? — Julinho empinou os pezinhos para ver melhor. Suspirou, tentando uma respiração profunda, que a sua grande fraqueza não deixou concluir. Era verdade. Ali estava há poucos passos o palacete da tia Chiquinha. Quanta luz! Quanta gente! — sorriu. Houve uma parada da família. Ligeiro conciliábulo. Deliberaram. Sua avó entraria pela frente, pois que era os pais penetrariam pelos fundos.

A única descendentemente vestida. Ele com os pais penetrariam pelos fundos. Prosseguiram. Como foi paradoxalmente longa, interminável a distância tão curta agora a percorrer! Sentiu náuseas. Por que? Não comia há oito dias. Não compreendia a causa do seu enjôo. Suas dores aumentaram. Teve mesmo um começo de vômito seco, cujas contrações causaram-lhe dores mais atrozes. De nada se queixou. Nova parada. sua mãe falou: — Chegamos. — Milagre! Ficou bom de repente, completamente bom! Iria comer finalmente! Tôda a sua fadiga, tôda a sua tristeza, tudo se fôra instantaneamente com a miraculosa visão da casa onde iria comer! Tiveram que romper a multidão de curiosos que constituía o "Serenó". O palacete estava iluminado até o jardim, onde chegavam os acordes de uma orquestra. O menino olhou aquela festa de luzes com os olhinhos esgazeados, maravilhado com o esplendor do luro dos convidados, com o vozerio cá de fora da multidão que espiava invejosa, a felicidade alheia. Olhou, na sua curiosidade infantil, os que estavam à porta, contentes, felizes, bem vestidos. Alegrou-se também. As almas simples e boas também compartilham graciosamente da felicidade ou infelicidade alheias.

Entraram furtivamente, como ladrões, cosendo-se à parede para que ninguém os vissem e foram para a grande cozinha do palacete. Como ali tudo era magnífico! Julinho ficou estonteado ao deparar com as iguarias que sobejavam por tôdas as mesas e prateleiras. Notou que seus pais questionavam. Sentiu um pressentimento cruel. Teve um sobressalto. Que tolice! Noutra ocasião êsse fato lhe causaria preocupação, quase medo, porém, agora todos os seus sentidos estavam focalizados para um só objetivo: Comer! Comer! Esqueceu-se.

focalizados para um só objetivo: Comer! Comer! Esqueceu-se.

Pelo corredor entrava o ruído alacre dos felizes, comensais e dos talheres, as grandes e comunicativas risadas de fim de banquete, aquelas risadas dos que já comungaram com Baccho. O pobrezinho ria também de tudo e para todos. Olhava boquiaberto: aqui, uma travessa com os restos apetitosos de um peru recheado, ali, um arroz de forno, mais além, uma galinha, peixe, enfim, todas as iguarias escolhidas para um pantagruélico banquete de burgueses apatacados... Haviam pratos já dilacerados, outros mal tocados, travessas imensas, inteiramente rejeitadas pelos paladares saciados e ele com tanta fome. Haviam outros que nem saíram da cozinha, pois estavam ainda intactos e quentinhos... Quanta comida! Quanta! E as frutas? As compotas? Os vinhos gelados? Os doces? Ah! os doces! Aquilo era um deslumbramento para o seu paladar de faminto. Comer de tudo! Sim, raciocinava, ele comeria de todos aqueles pratos e sua imaginação nada restringia à sua gula infantil aliada ao enorme jejum que vinha sofrendo... Oh! O delicioso perfume daqueles manjares que lhe acariciavam as narinas. Sua boquinha estava cheia de água... babava-se todo, o coitadinho, prelibando a grande alegria de comer. Os criados continuavam na sua faina de carregar pratos e mais pratos, garrafas, compoteiras... Que alucinação para o pobre camponês da fome. Semi-aparvalhado tudo contemplava ainda julgando sonhar. Beliscou o bracinho. Não, não era sonho. Os anjos, os seus amiguinhos do céu, é que lhe proporcionavam aquele desejado banquete, tendo inspirado à sua avózinha a feliz idéia de ir à casa da tia Chiquinha. Por isso, mentalmente agradeceu-lhes. Notou que seus pais continuavam a brigar. Sentiu novo aperto no coração. Tais ceias lhe desagradavam e inquietavam sempre. Mas não lhe sobrava muito tempo para pensar nisso porque viu com alegria sua avó entrar risonha e apressou-se a correr-lhe ao encontro: — Vovó, quando vamos comer? — Espera um pouco, filho, e assim dizendo ela dirigiu-se aos seus genitores que, pela sua atitude, já estavam sendo alvo da curiosidade dos criados. Novamente Julinho foi acometido pelo pressentimento cruel de há pouco... era tão terrível que estremeceu e fez força para não pensar... quis esquecê-lo e foi contemplar um sedutor leitão coradinho, todo embalsamado em rodela de limão que lhe parecia estar dizendo: — Devora-me! Devora-me! Uma criada, já idosa, a rainha, sem dúvida, daquele paraiso culinário, reparando na criança, sentiu-lhe a fome e chegando-se a ele, ofereceu-lhe uma empada soberba, quentinha, cheirosa, dizendo: — Toma, meu filho; tá com fome? — O menino chegou a estender a mãozinha que logo se retraiu tímida, colando-se ao orpinho esquelético, arrependida. Sorrindo, com os olhos fixos no petisco, num gozo prematuro do paladar enfurecido como os animais ferozes à vista do primeiro sangue, porém, tolhido pelo olhar disciplinador de sua mãe, que lhe fazia um sinal imperioso, irrevogável, respondeu a sorrir, trajando no olhar embaçado de prazer, na boquinha a babar, as palavras gaguejadas a medo: — Obrigada, daqui há pouco eu vou comer porque há oito... — Julinho! — gritou-lhe imperativa e enérgica sua mãe, adivinhando o que ia dizer. Ele correu para ela agradecendo com um olhar a oferta da boa senhora. Neste instante sua avó dizia: — Não é possível. E o menino não come?! Vou falar a Chiquinha — e saiu arrebatadamente. Foi então que a coisa espantosa se deu, que o seu pressentimento se concretizou brutal, violento, inconcebível. Sua mãe chamou-a bem para perto e disse-lhe baixinho: — “Vamos-nos retirar. Só espero a comadre para cumprimentá-la. Se alguém lhe perguntar se comeu, seja quem for, diga que já, ouviu? — e na sua grande inconsciência do orgulho e do egoísmo, concluiu: — Não se esqueça: Já comi, obrigado... — e virando-se para o marido: — Basta de tanta humilhação! — Se uma daquelas imensas prateleiras repletas de pesados pratos houvesse despencado sobre sua cabeça, ele não se admiraria tanto. Pela vez primeira sentiu uma revolta contra

(Cont. na pág. 50)

(Cont. na pág. 50)

OBEDIÊNCIA

Conto de TANCREDO FAYÃO PINHEIRO



O GALÃ QUE SE DESILUDIU DO CINEMA

UM CONTADOR QUE O RÁDIO ABSORVEU POR COMPLETO ★ CHEFE DE FAMÍLIA COM O ORDENADO DE OITOCENTOS CRUZEIROS MENSAIS ★ TROCOU A DIREÇÃO ARTÍSTICA DA RÁDIO NACIONAL PELO CINEMA ★ PLANOS QUE O FUTURO DECIDIRÁ

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

... VEIO A OPORTUNIDADE DO RÁDIO

Celso Guimarães é paulista. Ali de Jundiaí, cidade onde aos primeiros albos de sua infância, organizava batalhões com fuzis feitos de cabo de vassoura e uniforme de papel fino. Ainda na terra da uva e do vinho paulista, mostrando vocação para a arte de representar, montava circo no fundo do quintal, valendo-se do cachorro vira-lata para servir de fêra, enquanto seus irmãos se encarregavam de outros malabarismos circenses. Nêsse ramerrão de vidinha do interior, chegou aos bancos da Escola Paroquial São Francisco, a fim de aprender as primeiras letras do alfabeto. Teve, então, como companheiro de estudos e travessuras, o locutor Nicolau Tuma que, mais tarde, veio a se popularizar como o "speaker metralhadora".

Conhecido o alfabeto, aprendidas as quatro operações, o filho do ferroviário Carlos Hummel Guimarães ingressou no Ginásio Rosa, que veio a trocar pelo São Francisco. Ai, começaram suas atividades amadoristas no teatrinho escolar, prestigiadas por sua genitora, dona Georgina Foot Guimarães que, diga-se de passagem, comparava religiosamente a todos os espetáculos em que o filho tomasse parte. Era, por sinal, a mais entusiasta conselheira do artista que se anunciava.

No decorrer de 1923, quando as atenções populares convergiam para os acontecimentos revolucionários do ano anterior e a possível eclosão de outro movimento, o menino de Jundiaí, perante a fina flor da sociedade campineira, recebia das mãos do diretor do Liceu Salesiano de Campinas, o diploma de perito contador. Era o começo de uma existência que, a partir daquele instante, ganhava relevo. Por isso, com a vaidade que domina todo o cristão nesses momentos, Celso olhou para o porvir, sonhando em se ver à frente de um bruto livro "Razão", escriturando os lucros e perdas de uma importante organização.

Mas quiz o destino que ele fosse trabalhar num pequeno escritório. Achou melhor prosseguir nos estudos, matriculando-se como dicente do Ginásio do Estado, em São Paulo. A par dessa iniciativa, veio-lhe o desejo de expandir suas veleidades literárias. Procurou, então, um jornal. Ofereceram-lhe o cargo de gerente de um semanário: "O Século".

Apesar do título de gerente, nosso reportado, na realidade, cozinava todo o jornal. Redigia as notas funebres; preparava as reportagens; revisava a matéria; corretava anúncios e, finalmente, se incumbia da distribuição. Pois nessa fértil operosidade jornalística é que o foram encontrar seus companheiros de Faculdade quando, por insinuação de um deles, o intimaram a participar de um quarto de hora acadêmico da Rdio Record. Todos sabiam-no competente mestre de cerimônia e não menos interessante ator, atividades exercidas na Associação dos ex-alunos Salesianos.

Apanhado de surpresa, sem saber dizer não, o menino de Jundiaí viu-se, na capital bandeirante, anunciado ao microfone de uma das mais importantes emissoras do Estado, apesar dos protestos de um dos diretores da estação, que lhe achava a voz muito estridente. Pois assim mesmo, Celso estreou na onda da PRB-9, provocando toda a sorte de telefonemas. Com isso, fôra transposta a primeira barreira. Depois, as primeiras fês, contrariando a opinião do diretor da Record, acharam sua voz agradabilíssima, despertando-lhe o desejo de se tornar profissional.

Mais uma vez a sorte veio ao encontro de Celso. A chance que ele procurava surgiu na Rdio Cruzeiro do Sul, então em sua fase experimental. Era o mês de abril de 1932. Um cantor, improvisado em locutor, cometia as maiores atrocidades ao anunciar os números e pedir opiniões. Foi quando ele resolveu verificar se de fato sua voz era rachada, conforme dissera um dos maiores da estação. Apresentou-se nos estúdios da Cruzeiro, candidatando-se ao posto de locutor. Deram-lhe a vaga em caráter provisório até entrar em concurso com mais de trinta candidatos. Venceu a todos, tornando-se o locutor-chefe da emissora das organizações Byington. Nêsse prefixo, veio a ser o primeiro "announcer" da primeira cadeia sul-americana de rádio, a famosa Rêde Verde e Amarela.

Não foi das mais longas a presença de Celso Guimarães na onda da Cruzeiro do Sul, uma vez que no decorrer de 1934, vamos encontrá-lo comandando a linha de programações da Rádio Educadora Paulista. Nêsse prefixo, permaneceu até os últimos dias de 1936

As preocupações radiofônicas de Celso Guimarães em nada influem no chefe de família que, todas as manhãs, acompanhado de seus filhos Vera e Celso, exercita os músculos pedalando com gosto. E quando o ponteiro entra na casa das dez, enquanto Celsinho segura a pasta, ele sapeca um beijo muito paternal na filhinha, que está curando o "Sacré Coeur". Na vivenda da rua Raimundo Correia, deixa de existir o homem de rádio para encontrarmos só e sempre o homem familiar, que dá um exemplo de suas noções de responsabilidade





Ainda aqui se revela o carinho de Celso Guimarães pelos filhos. Com o mais vivo interesse, acompanha os estudos das crianças, zelando para que tenham boas notas no fim do ano, e então, o prêmio será um delicioso período de férias, longe do Rio, das aulas, de todas as preocupações do ano inteiro. Em companhia da papai, Celso e Vera estudam com vontade maior, encontrando quem lhes dê todos os esclarecimentos sobre a matéria que, no dia seguinte, vai ser motivo das aulas. Bom pai e professor espontâneo, o locutor aí os atende.

quando, levado por tentadora proposta da Rádio Nacional, embarcou para o Rio, a fim de assumir a direção artística dessa emissora. Na PRE-8, acabou acumulando funções, uma vez que participava, como participa, dos espetáculos de teatro cego, das apresentações de programas e da produção de peças. Aliás, por sua iniciativa, aquela estação, aos primeiros dias de agosto de 1937, mandou aos lares brasileiros, o "Teatro em Casa", origem de todo o atual departamento de teatro-cego da PRE-8.

A VERDADEIRA GRANDE EMOÇÃO

Iniciando-se com trezentos cruzeiros mensais, já em abril de 1934, na qualidade de exclusivo da Cruzeiro do Sul paulista, Celso Gui-

marães via seus vencimentos atingirem a importância dos oitocentos cruzeiros, fato que o animou a contrair nupcias com a senhorita Maria Stela Reys. Presentemente, com quarenta e dois anos de idade, dos quais dezessete vividos nos bastidores radiofônicos, seu ordenado ultrapassa a casa dos dez mil cruzeiros.

O primeiro contacto do menino de Jundiaí com o microfone, ao contrário do que acontece com maioria, não lhe trouxe nenhuma emoção, uma vez que os programas universitários, produzidos a título de divertimento, tornaram-no senhor desse instrumento ultrasensível que espalha sua voz por todos os recantos do território nacional. Já a notícia de que fora convidado pelo governo norte-americano para, em companhia de Sagramor de Scuvero, José Roberto Pentado e Lúcia de Alencar, trabalhar nas maiores organiza-

ções radiofônicas do Mundo, como a Nacional Broadcasting Company, provocou-lhe a maior das emoções de sua carreira.

Sua viagem ao país de Uncle Sam proporcionou-lhe o ensejo de atuar ao microfone da Columbia Broadcasting System, além de servir de ponto de partida para o preparo de um livro de viagens sob os auspícios da Civilização Editora, foi lançado com o título de "Um sonho", tendo sua edição de cinco mil exemplares esgotado em três meses.

No momento, o galã das novelas da PRE-8 desenvolve intensa atividade ao microfone, participando da maioria de histórias e capítulos ali apresentadas, além de comandar, desde seu lançamento, o programa "Ondas Musicais", irradiado em cada noite.

(Cont. na pág. 10)



Nos momentos de folga, quando a tranquilidade do lar convida à meditação, um pouco de boa música não faz mal a ninguém. Pai e filha vão ouvir uma suave melodia de Massenet; desse modo, Celso Guimarães consegue, mais facilmente, esquecer a miragem do seu trabalho de galã cinematográfico.



Celsinho é o dono do periquito, mas papai é quem trata de lhe dar a ração às horas certas. Essa obrigação, nunca ele deixa de cumpri-la, evitando assim a fuga precipitada dessa bonita ave, que ficou sendo uma das mascotes da família. Mas as mascotes maiores são Vera e Celsinho.



Isto que o leitor está vendo não é, de forma alguma, o "parking" de corridas em Epsom, nas carreiras de Paris ou de Nova York. Também não é uma praça de Urucânia em plena época de bênçãos do Pe. Pinto. Isto aqui é um ângulo da Esplanada do Castelo, onde se ergue o edifício do Ministério da Fazenda, ponto de ligação para o centro e a Avenida Beira Mar. Todo aquele trecho fica entupido de veículos por falta de garagem, atravancando o trânsito de forma lamentável.

RIO - UMA CIDADE ENTUPIDA

○ Rio é uma das grandes cidades do mundo em que o tráfego de automóveis se agrava dia a dia, provocando distúrbios de várias naturezas, desde o congestionamento até aos desastres de caráter sério.

Ao sair à rua o carioca não sabe se volta naturalmente com suas pernas ou se trazido numa ambulância. Há uma permanente confusão nas ruas, uma balbúrdia ensurdecadora, com direções de trânsito que se alteram em determinadas horas, passando a ser contra-mão o que era mão e dando mão o que não era permitido antes.

Há ruas e avenidas que mudam de orientação como de cor mudava aquele famoso camelo de Geopura. O povo que precisa atravessar as ruas e praças, os largos

Duzentos e quarenta mil pneus ameaçam de manhã à noite, a integridade física do cidadão carioca ★ Derrubado o Castelo para, grande parte, transformar-se em garagem ★ Mão única, contra-a-mão e fora de qualquer mão ★ A população aumenta, toda gente tem "seu carro" — mas o local para guardá-lo não existe ★ Tem a palavra a Inspetoria do Trânsito

Reportagem de JOÃO ALVARENGA
Fotos de ARNALDO VIEIRA

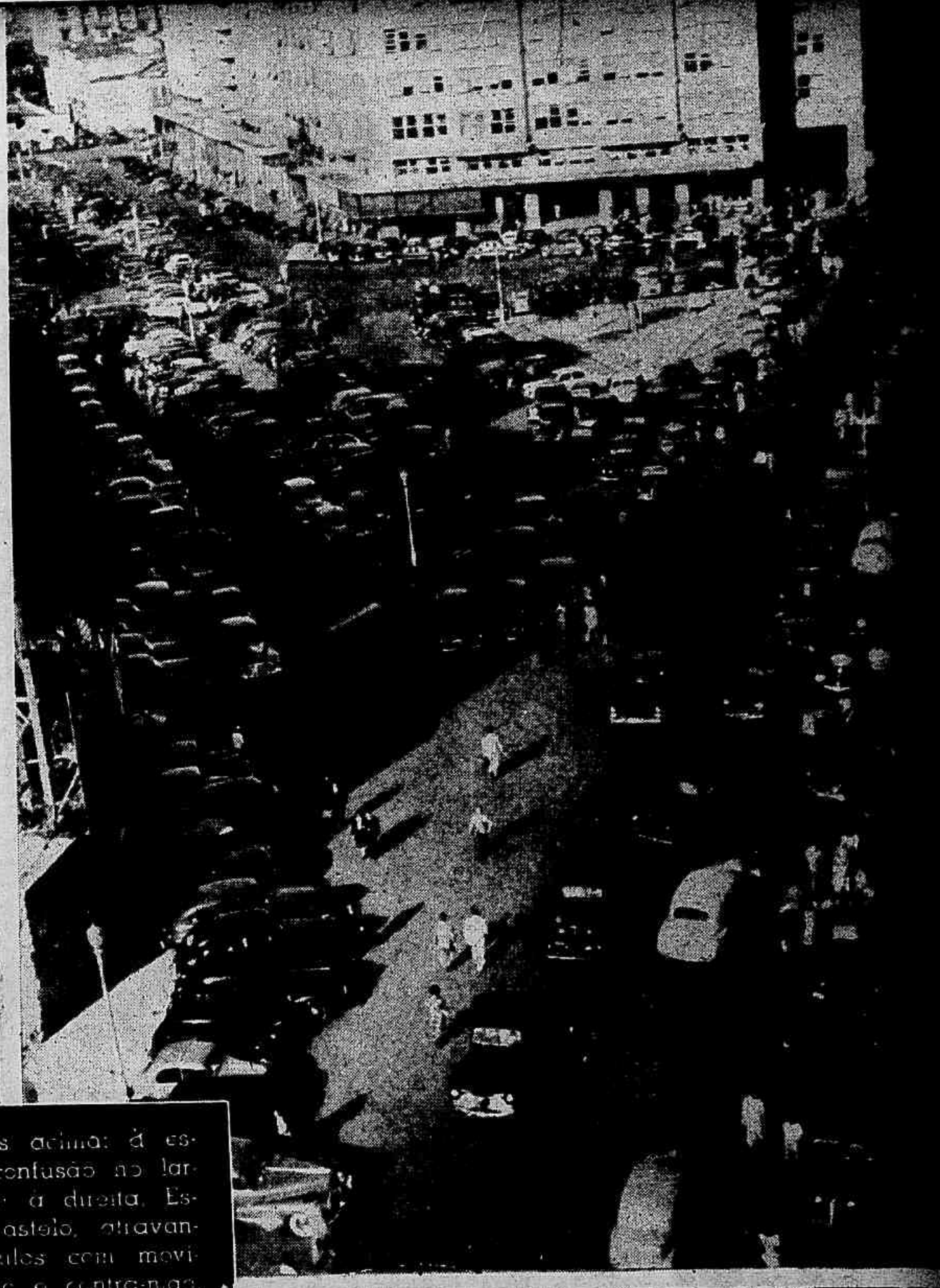
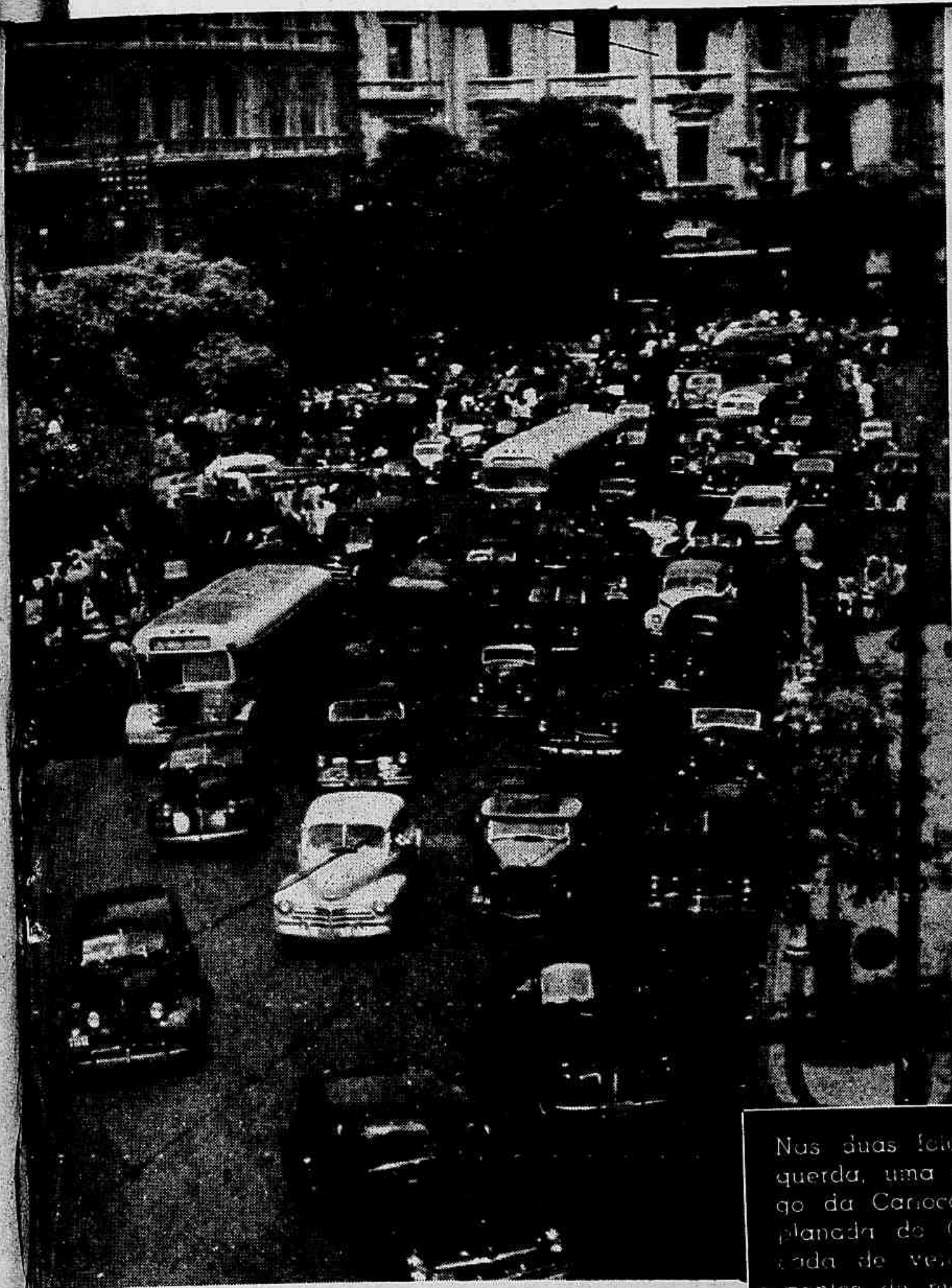
e as avenidas, se estonteia a correr de um lado para outro, desorientado, na iminência de ser atropelado pelos 240 mil pneus que rodam pelas ruas desta cidade maravilhosamente barulhenta.

O problema é cada vez mais sério e de aparência inselúvel. Está à frente do serviço de trânsito do Rio, o sr. Edgar Estrêla, cidadão que, há cerca de quinze anos, dirige tudo o que diz respeito ao tráfego de veículos desta capital. Infelizmente os congestionamentos são cada vez mais insuportáveis, os desastres se multiplicam, os acidentes com perdas de vidas aumentam assustadoramente, sem que se possa esperar uma solução.

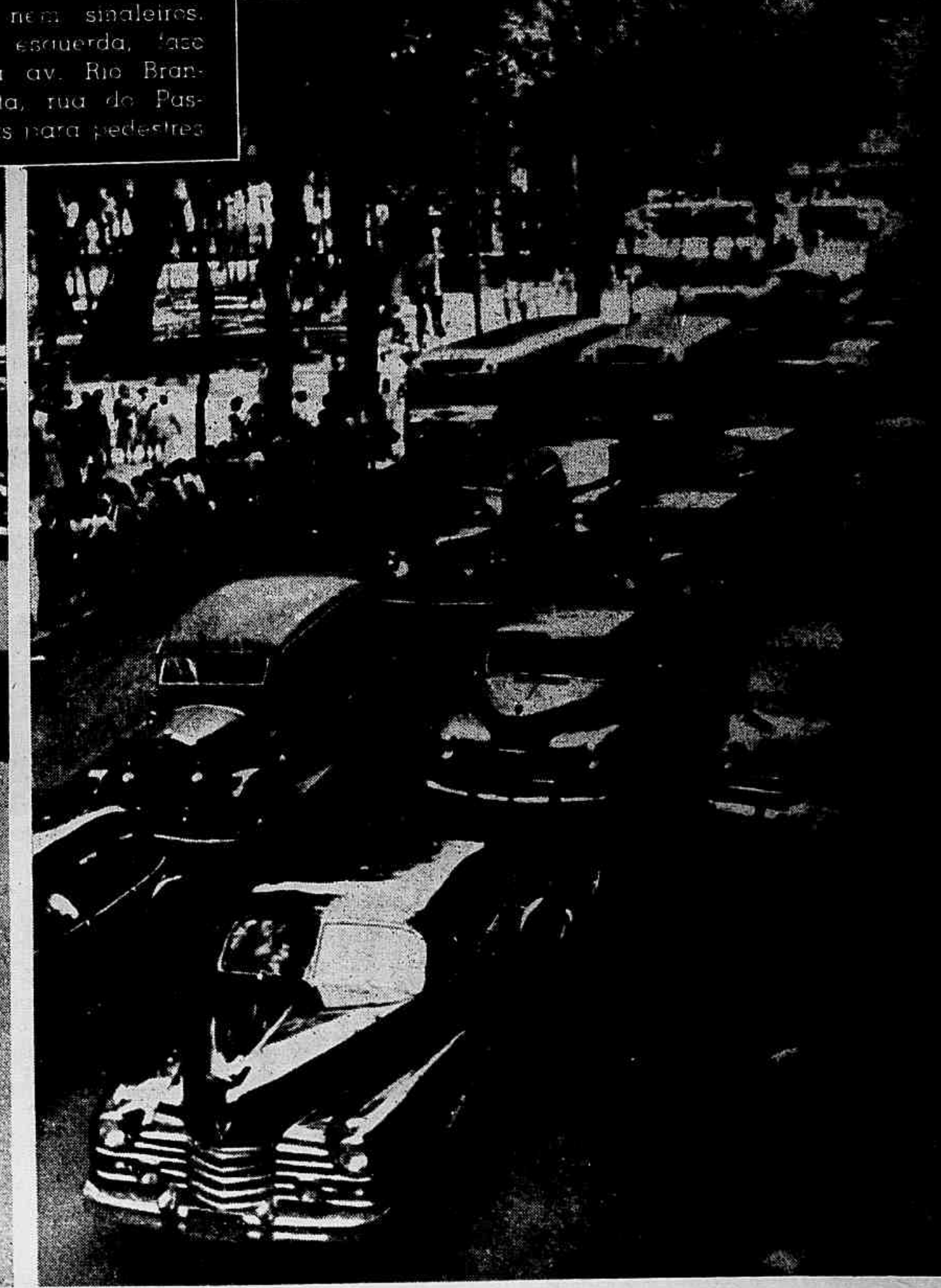
A suposição é lógica: se, quando era o Rio uma cidade sem o número de carros que hoje possui, com

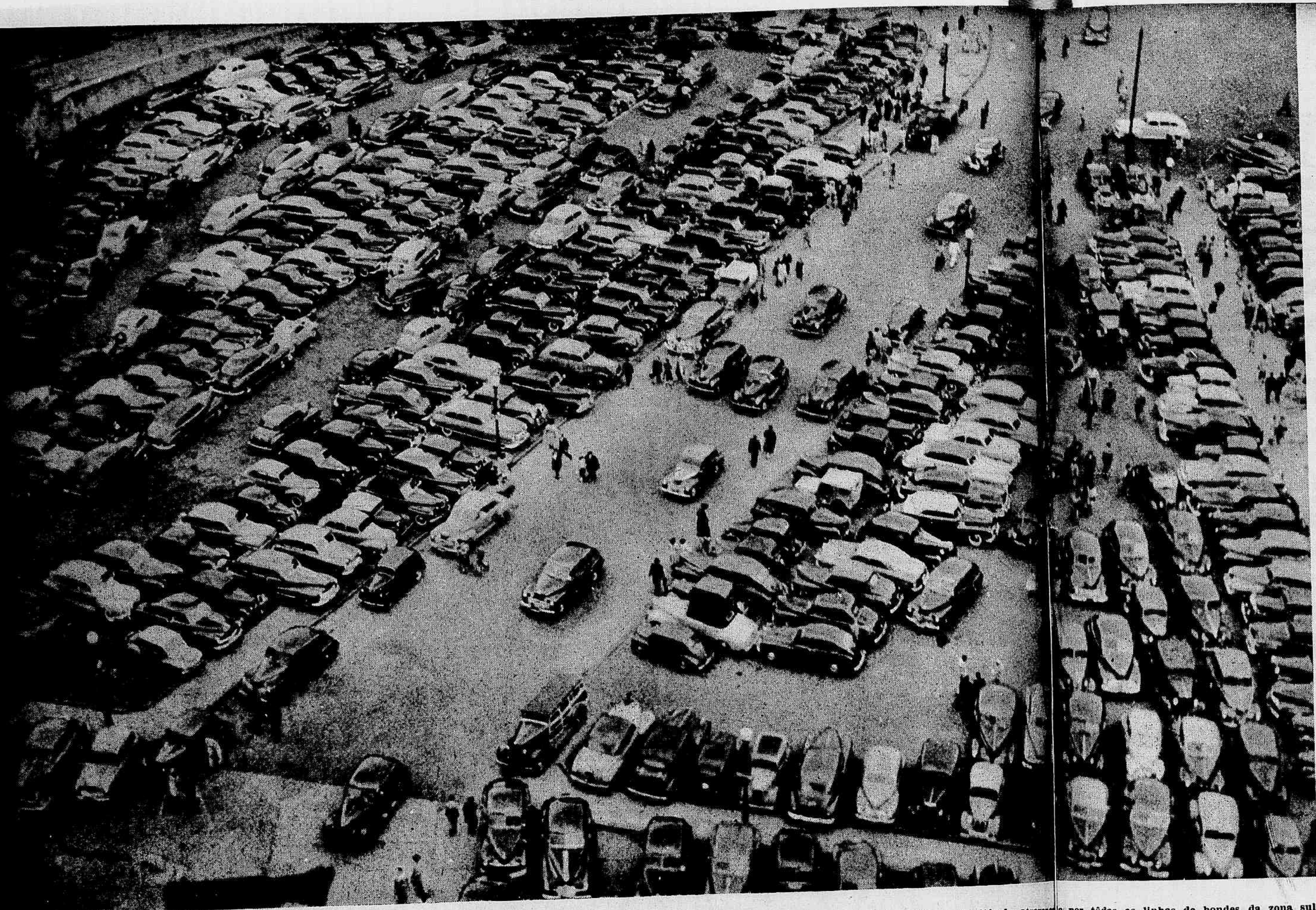


A Avenida Rio Branco, nos horários de almoço, a certas horas da tarde e às primeiras da noite, só dá mão para a zona sul. É a mão única. Esse flagrante foi apanhado da Avenida, próximo à Nilo Peçanha, sobre a rua de São José. Ainda era pequeno o movimento, mas pode-se ter uma idéia das dificuldades em que se encontram os transeuntes e mesmo os motoristas que vêm com seus carros e precisam desembocar na Avenida Rio Branco. Vejam as pessoas que estão ilhadas entre o fluxo de veículos.



Nas duas fotos acima: à esquerda, uma confusão no largo da Carioca; à direita, Esplanada do Castelo, atravessada de veículos com movimentos de mão e contra-mão, sem guardas nem semáforos. Em baixo: à esquerda, fase tumultuária na av. Rio Branco, e à direita, rua do Passeio, sem faixas para pedestres.





Derrubou-se o morro do Castelo com a intenção de dar espaço para melhor arejamento do centro do Rio e mais amplitude para os movimentos da população em crescimento. Mas, como vemos, toda essa obra do Castelo se converteu numa garagem em plena rua, com um oceano de carros dificultando o trânsito. Em baixo, à esquerda, um flagrante ainda sem movimento na rua do Passelo, pois que, das dezessete às dezenove horas, esse mesmo trecho



um tráfego muito mais reduzido e provinciano, não foi possível atenuar o mal, que diremos hoje, com sessenta mil veículos de todas as espécies a correr vertiginosamente pelas ruas da cidade?

Há, ainda, particularidades curiosas a respeito do nosso serviço de tráfego. Uma delas é a utilização dos sinais luminosos, nem sempre colocados em lugares convenientes.

Vejamos, por exemplo, o que se passa com o poste de sinalização colocado na esquina da rua do Passelo com Avenida Mem de Sá.

Na posição em que está, provoca acidentes com todos os veículos que desembocam no Largo da Lapa, vindos da Avenida Augusto Severo. A causa é simples: passando diante daquele cruzamento, bondes de várias linhas, em dados momentos colocam-se de tal sorte que impedem a visão a todos os motoristas e pedestres que vêm dos lados da praia.

Tais veículos avançam sobre o Largo da Lapa mesmo quando o sinal está fechado para eles, ameaçando a vida de quantos no instante atravessam aquele local, conflagrados no sinal aberto para pedestres, e isso sucede porque os bondes que sobem a avenida Mem de Sá obstruem a visão dos motoristas que vêm do lado oposto.

Ainda no Largo da Lapa, estendendo-se por toda a rua do Passelo, observa-se uma particularidade em face do nosso movimento de automóveis e ônibus, caminhões e demais veículos, que provoca sensações e espanto a pessoas desambiantadas no Rio ou que ainda não conheciam o regime de tráfego dali.

do centro urbano fica absolutamente intransitável, atravessado por todas as linhas de bondes da zona sul e outras da Praça Quinze. A direita, com a abertura da Avenida Presidente Vargas, todo mundo pensou que o carioca iria ter mais espaço para mover-se; mas o que se vê é apenas isso: multidões de automóveis transformam o leito da via pública em garagem, com invasão até dos passeios, dificultando aos pedestres a passagem.

Todos os ônibus e carros que descem da praia e entram na rua do Passelo, fazendo sua curva no Largo da Lapa, não estão sujeitos ao sinal da esquina de Mem de Sá com a rua do Passelo.

Os bondes que vão em linha reta estão; mas os automóveis, não. Esse regime põe em sério perigo a vida dos transeuntes e sitia todos aqueles que precisam atravessar a rua do Passelo ao Passelo Público, ou se dirigindo para lá, a fim de tomar os seus destinos.

Esse trecho entre o Largo da Lapa e a rua Senador Dantas é qualquer coisa de dramático em certas horas do dia. O número de veículos forma uma pasta escura e, vistos de cima, da sacada de qualquer apartamento ou escritório na rua do Passelo, cobre completamente o solo. É um oceano negro, uma papa a deslizar entre árvores e arranha-céus, como uma torrente de lava escura e tão ameaçadora quanto a que escorre da cratera dos vulcões.

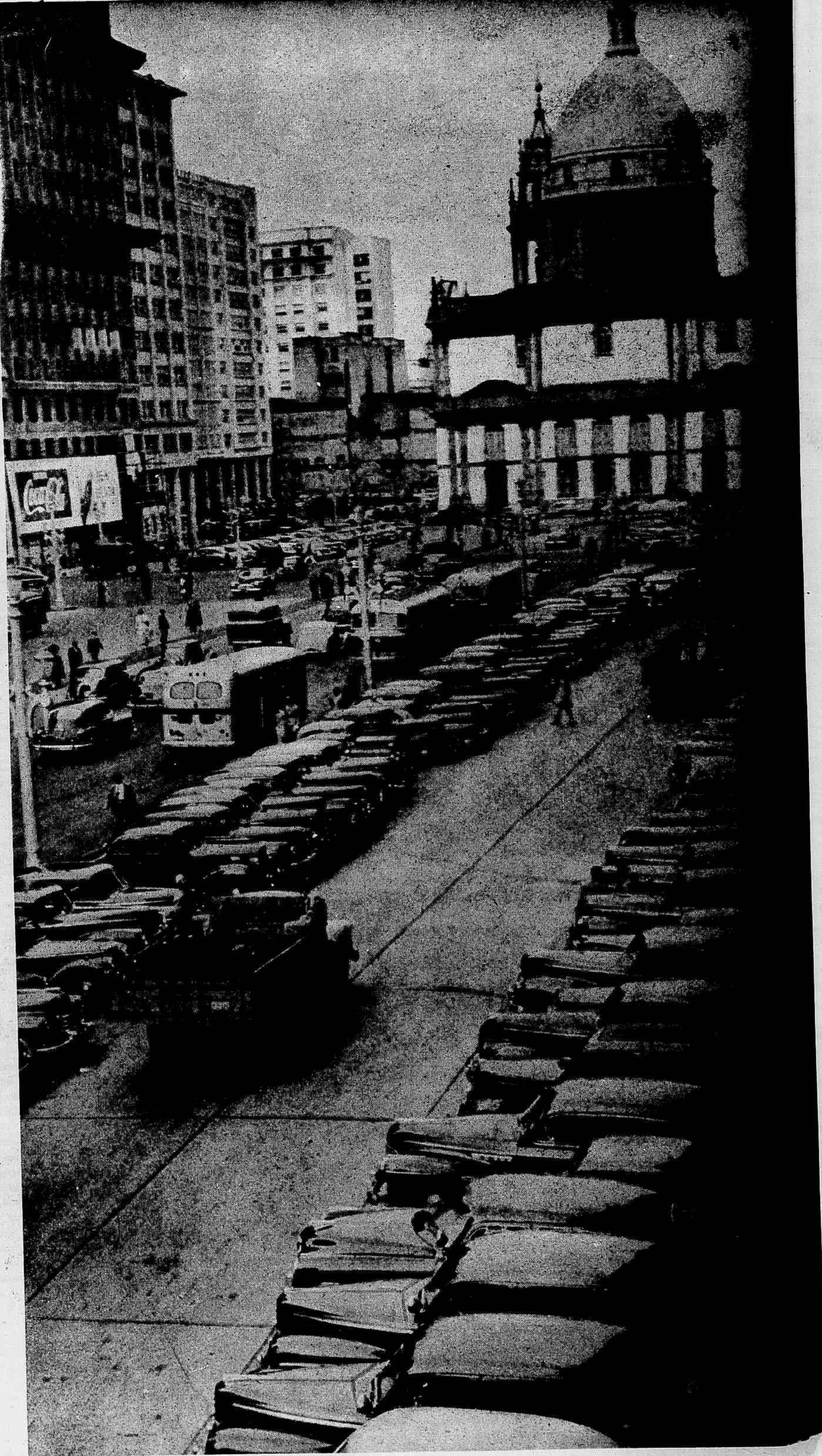
Chegando essa torrente à esquina da rua Senador Dantas com a Luz de Vasconcelos, para entrar na Praça Gandhi e deslizar pela Cinelândia, Avenida Rio Branco ou Rua de Santa Luzia tudo então fica hermeticamente entupido. Os carros que descem pela rua Alvaro Alvim buzina desesperadamente, protestando contra a interrupção do tráfego, enquanto os outros que também pararam, os imitam, fazendo um barulho ensurdecedor.

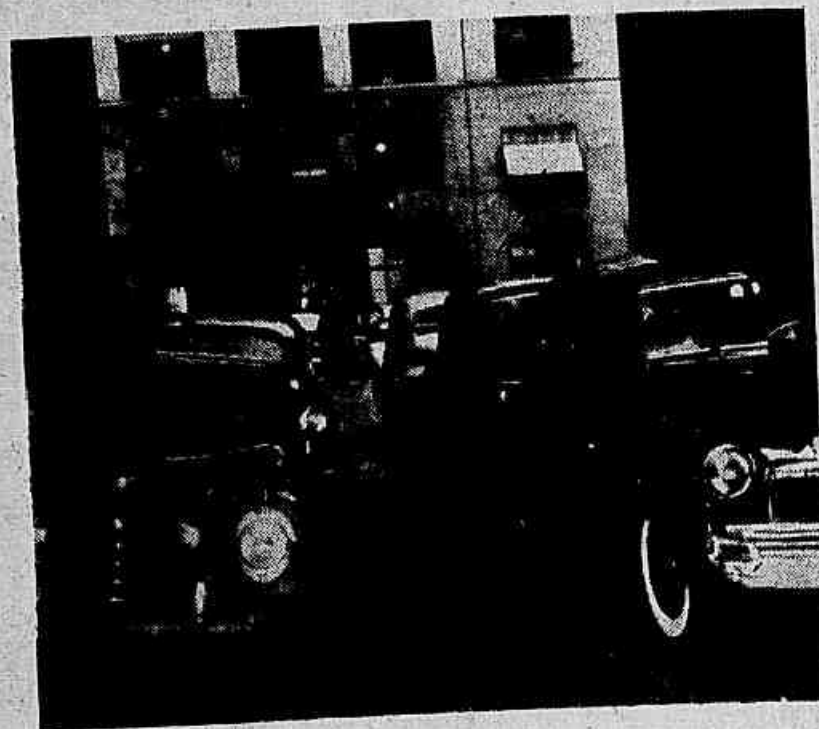
Justamente naquele local há diversos cinemas, teatros próximos e um hotel de luxo exatamente na esquina. Muita gente põe a cabeça às janelas para saber

se o mundo que vem acabando; mas não é, graças a Deus, o barulho é porque um bonde se interpõe entre os vários fluxos de carros e tudo parou irremediavelmente.

Aumentando o alarido, ouve-se o apito estridente do guarda que faz força para repor a coisa no seu normal; porém, vê seus esforços perdidos. As vias públicas naquele trecho do centro se vão enchendo sucessivamente de carros e mais carros, dando a impressão de milhares de famílias que estão a fugir de uma catástrofe, de uma invasão de marçianos, de uma calamidade mortal.

Há, em todos os países, sinais de uso universal acerca de orientação do tráfego, vendo-se os mesmos em discólicas estradas e antes de pontes, passagens de nível, curvas, etc. Os guardas também usam os seus apitos de acordo com os preceitos de um código internacional do tráfego. Assim, um apito longo tem um significado; dois apitos curtos e consecutivos, também; três, podem dizer uma coisa que todo motorista deve saber; assim por diante. Parar, acender as lanternas, seguir, etc.; o apito do guarda tem sua significação importante e preciosa para o trânsito e sua segurança numa grande cidade como é o Rio. Mas que vemos a todo momento? Os guardas apitam exaustivamente, permanentemente, sem que se possa perceber o que dizem aqueles silvos alucinados, pois se misturam os longos com os breves, numa confusão louca... Os desses espetáculos vemos diariamente, entre as dezessete e as dezenove horas, na Praia de Botafogo.





Uma área interna de um edifício da Esplanada do Castelo com os carros ocupando abusivamente o espaço destinado a pedestres. Veja-se o auto sobre o passeio

Os bondes que sobem e descem, tomam grande parte do leito da via pública, enquanto filas enormes de veículos de todas as marcas e feitos atravancam as ruas aumentando a confusão geral com o intensivo abuso de suas businas que fazem córo com o nervoso apitar dos guardas.

O carioca ainda não se tornou o indivíduo mais irritado e psicopata deste mundo porque, para atenuar sua nevrose, tem ele a paisagem salvadora em que pode descansar os olhos. E é um tipo resignado por hereditariedade. Se não fosse essa auto-defesa, o pobre apresentaria nas estatísticas do mundo o maior índice de loucura deste planeta.

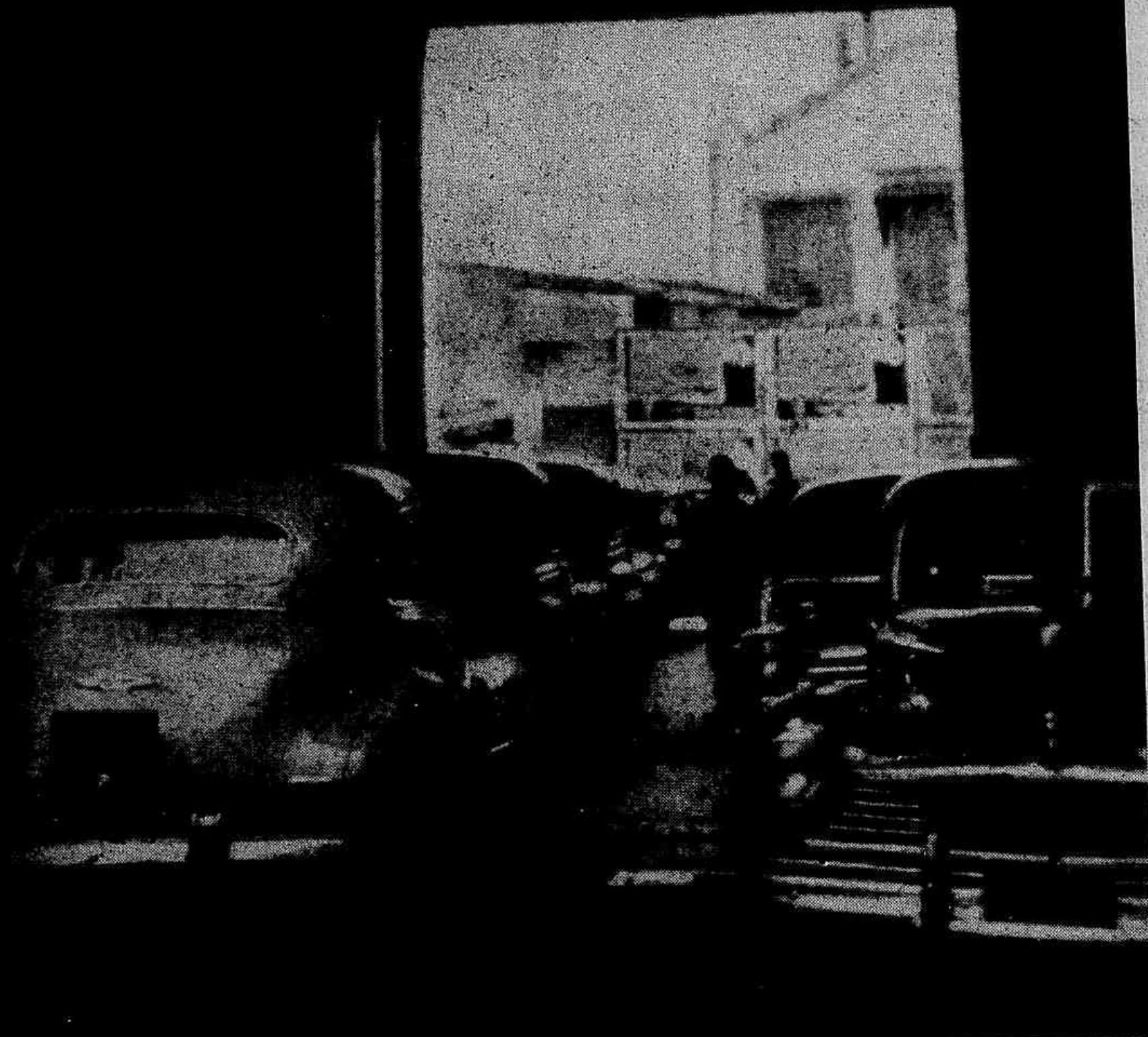
De quando em quando a Diretoria do Tráfego põe em execução um programa de educação popular para ensinar o povo a atravessar as ruas movimentadas de nossa metrópole.

Vieram as faixas de segurança, pintadas de branco ou demarcadas por uma fileira de tachas de metal bem visíveis a pedestres e a motoristas. Mas, ao invés de persistirmos nessas lições ou impormos multas a todos aqueles que infringem os regulamentos, tanto a pedestres como a motoristas, mesmo os famosos de chapa branca, o que se vê é o abandono das aulas e o relaxamento imediato de tudo o que se ensinou e que se aprendeu.

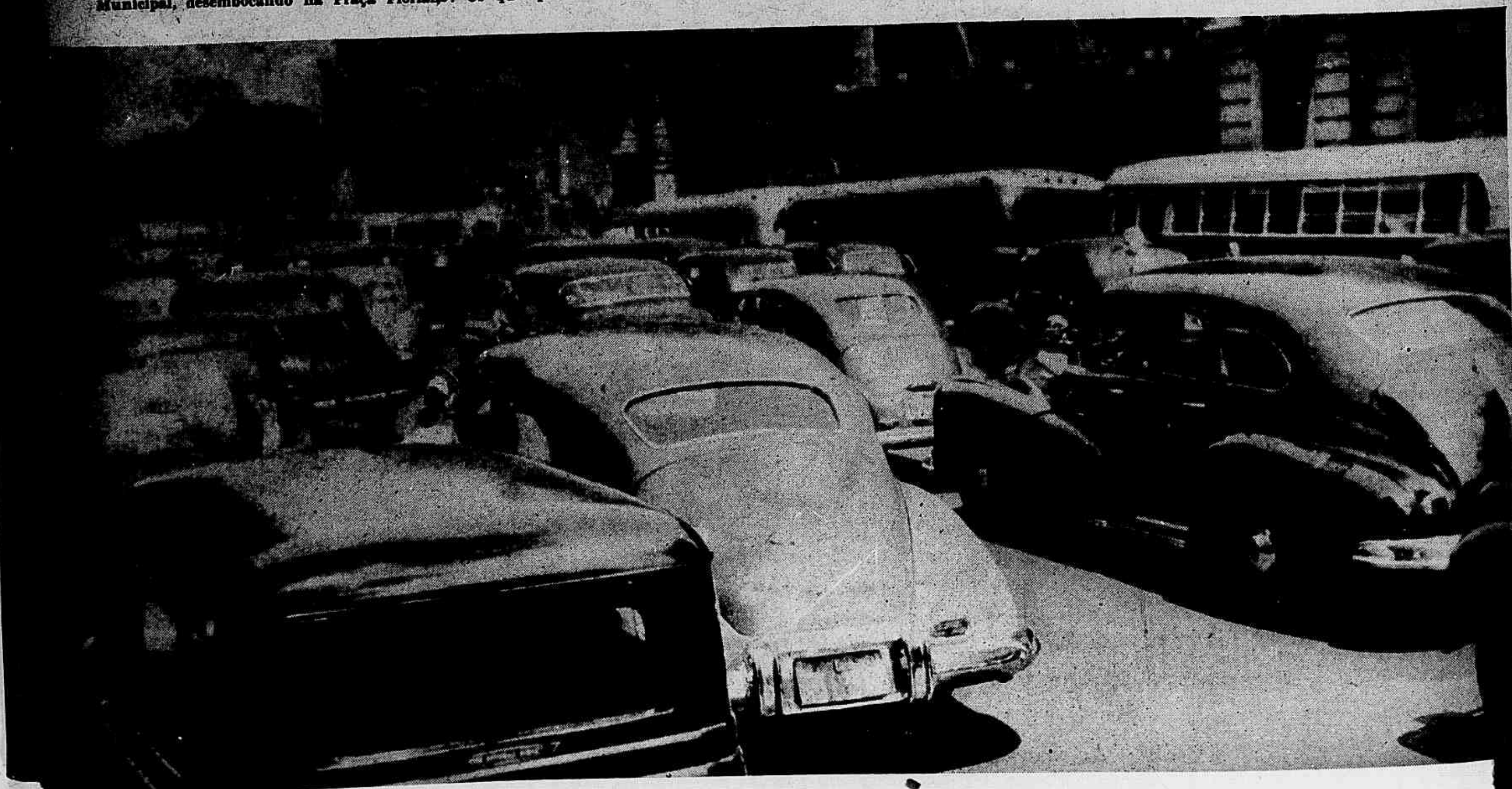
Nosso drama nas ruas, praças e avenidas, é permanente e a todas as horas. O número de veículos aumenta sensacionalmente e cresce também, proporcionalmente, o número de ameaças aos que vivem nesta terra e precisam atravessar-lhe as vias públicas.

Pergunta-se então: Haverá remédio para tudo isso? Qual o plano da Diretoria do Trânsito para resolver esse problema nesta cidade?

E' este um assunto que interessa vivamente o povo do Rio, e o chefe do serviço de trânsito poderá oferecer-lhe, ao menos uma esperança...



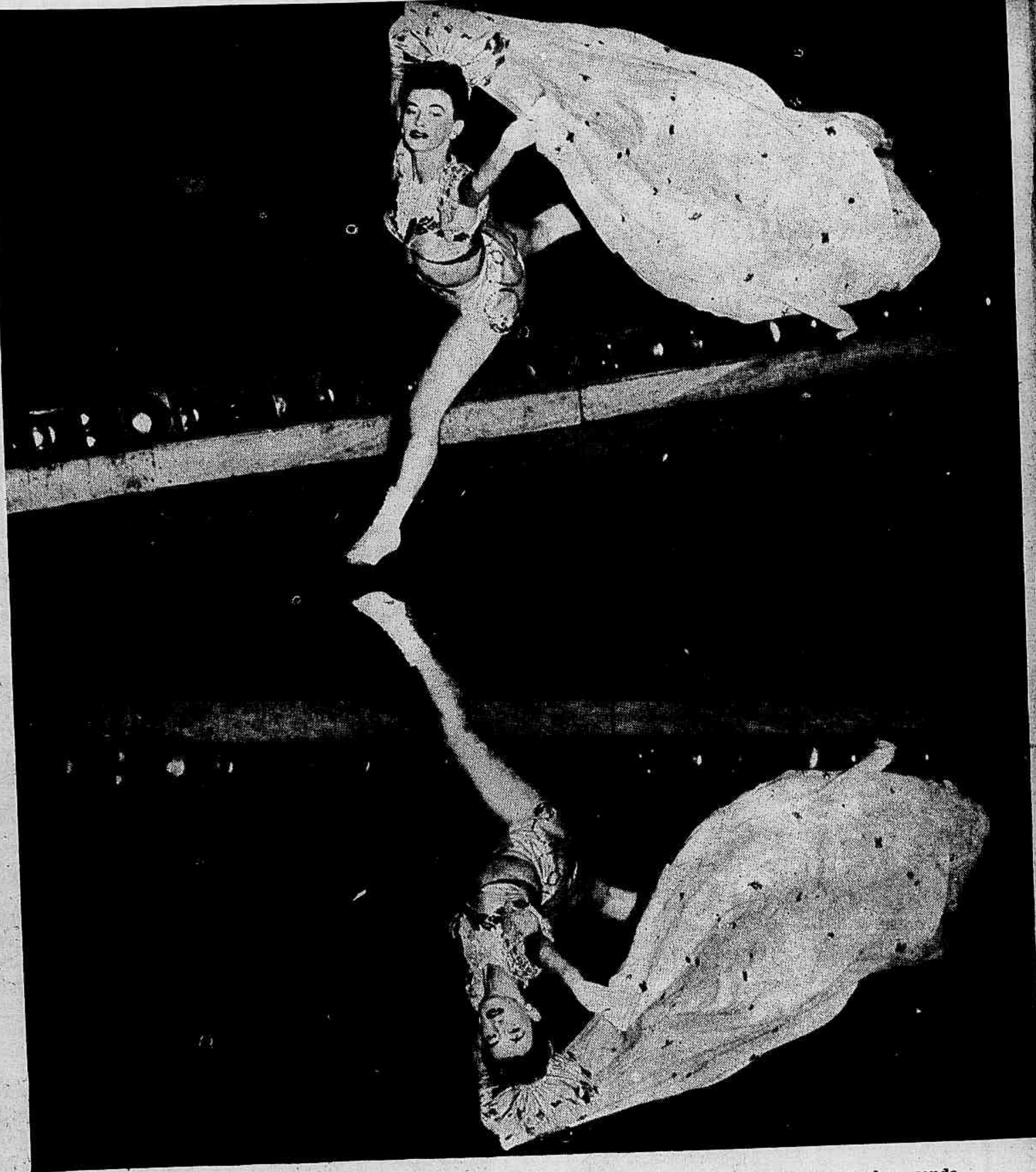
Em cima: Há nos grandes grupos de edifícios do Castelo, passagens internas, fora das ruas. Essas também foram invadidas pelos automóveis, impedindo o trânsito. Em baixo: Trecho da Avenida Rio Branco, lado do Teatro Municipal, desembocando na Praça Floriano. Os que precisam atravessar ficam sitiados pela morte!



O NOME DO PAGÃO



Dutra -- Escolham logo o nome do garoto que eu quero acabar o batizado!



Genevieve Norris começou a patinar no gelo muito jovem e de tal maneira se aperfeiçoou que acabou sendo uma das grandes atrações internacionais nesse gênero. Mereceu de Sonja Henie rasgados elogios e continua estudando, submetendo-se a um regime de alimentação e cultura física pouco invejável. Mas com essa disciplina é que ela consegue a elasticidade de movimentos e o desafio a todas as leis de gravidade, atestados em suas "performances". Na gravura, à esquerda, Genevieve e Bob Payne executando "Mercado Persa", e ao alto, ballando sobre o reflexo do gelo, tal como se possuísse dupla imagem.

ELAS BRINCAM DE PATINAR NO GÊLO

UM ESPETÁCULO QUE SÓ CONHECIAMOS ATRAVÉS DO CINEMA, HOJE APRESENTADO "EM CARNE E OSSO" — E PATINS ★ RECORDANDO SONJA HENIE E SEU ENCONTRO COM CARMEN MIRANDA ★ UM DESAFIO CONSTANTE A TODAS AS LEIS DE GRAVIDADE

Os brasileiros travaram relações com os bailados sobre o gelo, através dos primeiros filmes cinematográficos norte-americanos em que essa novidade foi introduzida. E quando se fala em "ice show", sem demora o nome de Sonja Henie se associa às nossas mais gratas evocações, a maravilhosa Sonja Henie, então campeã dessa especialidade, que há dez anos fez uma visita ao Rio em caráter de férias. Mas Sonja Henie veio assistir o Carnaval carioca, descansando dos patins, ávida de conhecer o samba — e nessa ocasião ela encontrou-se com Carmen Miranda. Se na realidade foi o empresário Lee Shubert que, então, contratou a "pequena notável", levando-a para a Broadway, poucos sabem que a valer, foi Sonja Henie quem primeiro "descobriu" a Carmen, tratando de recomendar-lá ao experimentado "manager". Desde então, Carmen ficou sendo a fan número um da ex-campeã mundial de patinação sobre o gelo.

Anualmente, em janeiro, o Madison Square Garden, em Nova York, troca suas habituais apresentações de "box", pelas de um "show" no gelo, que tem como "estrela" a veterana campeã e famosa atriz da tela. Ao mesmo tempo, outra companhia de Sonja Henie, depois de exibir-se em um teatro da Broadway, inicia uma peregrinação pelo interior dos Estados Unidos, à maneira dessa que o Rio assiste no momento e que tanto sucesso vem alcançando.

Foi Sonja Henie quem acostumou o cidadão "yankee" a se viciar nesse gênero de espetáculos, e a tal ponto, que escolas de patinação especializada vieram a ser fundadas em Nova York, em Chicago e na Califórnia, delas saindo centenas de jovens artistas, logo arrebatadas por sagazes empresários, para demoradas "tournées" ao estrangeiro.

Uma delas é a que se encontra em terra brasileira desde o princípio do ano, e assim, pela primeira vez, nos é dado assistir "dentro de



Também é preciso ter talento, muito talento, para patinar sobre o gelo. As revelações dessa modalidade coreográfica são renovadas uma vez por ano, e o grupo de oito deliciosas "glamour-icers" que se vê acima, bem poderia denominar-se um conjunto de "brotinhos", pois, na realidade, começaram sua carreira já em 1949. Em baixo, a figura dinâmica e vivaz de Dorothy Day, também neste momento exibindo-se às platéias cariocas. Ela fez sua aparição na qualidade de "television ingenue", em Hollywood, aparecendo também em filmes cinematográficos; mas preferiu especializar-se em coreografias sobre o gelo, adquirindo essa maravilha de elasticidade, tão invejada

casas", um espetáculo de tal modalidade, coisa que só vínhamos conhecendo através do cinema. Entretanto, mesmo os filmes dessa especialidade caíram de moda.

Faz alguns anos, houve um simulacro de "show" no gelo, apresentado em uma pista do Casino da Urca, mas de reduzidíssimas proporções. Os artistas, coitados, corriam o risco incessante de se espatifarem, de patins e tudo, em cima dos espectadores, espalhados por algumas dezenas de mesas, mais dispostos a fazer uma fêzinha na roleta do que a aplaudir as patinadoras "congeladas"...

Em Buenos Aires, seus felizes habitantes mais cedo do que nós, vinham conhecendo esse espetáculo. Agora, porém, está provado que um elenco assim dispendioso, pode vir ao Brasil sem incorrer em prejuízos inevitáveis. Certamente, em futuro não distante, outros "shows" nos vão ser mostrados, e quem sabe se em um deles não virá a própria Sonja Henie?

Ela cogita, de há muito, em repetir essa visita ao Brasil. Seu interesse pelas nossas coisas foi tão pronunciado que, desde 1939, em cada uma de suas aparições nova-iorquinas, nunca além de três semanas, feito liquidação aqui no Rio, lá está sempre um ballado que se inspirou em motivo musical brasileiro. O "Tico-tico no fubá", dançado por Sonja Henie, no alto de seus patins de metal, é sempre recebido com estrepitosos aplausos pelos americanos do norte, e a exibição faz-se depois de um locutor, pelo alto-falante do teatro, anunciar aos presentes que tudo quanto vai ser visto, constitui uma sincera homenagem de Sonja Henie à sua particular amiga "miss Miranda".

★

Mesmo no rigôr do verão, poderemos assistir a espetáculos dessa natureza, pois toda a instalação, por ser artificial e obtida por processos

(Cont. na pág. 52)





Por NÍSIO DA SILVA PINTO

Eu não tenho nenhum plano. Vou deixar que a sorte me guie. Mas se as coisas não correrem bem, irei visitar o Vaticano, as Catacumbas, as ruínas de Roma...

— Pare! Mas que falta de gosto! Ruínas? Qual nada! Partamos em busca de uma aventura, onde não falte nem vinho, nem música, nem... mulheres.

Enquanto o caminhão corria, deixando atrás cidades semi-destruídas e a lembrança triste dos "fox-holes", as palavras do meu amigo Ferreira dansavam em meu cérebro: vinhos, mulheres e música... Não; na cidade eterna, berço da civilização latina, eu não queria apenas tratar das coisas do corpo. Este já o tinha bastante fatigado. Queria algo que durasse mais, assim como uma tela de Miguel Angelo uma escultura de Da Vinci, ou o contrato com os lugares onde evocaria em toda sua plenitude a odisséia heroica dos cristãos primitivos. Roma podia, realmente, ser-se mais útil nas coisas do espírito, restabelecendo em mim crença na espécie humana, mostrando-me, enfim, que o homem, não obstante os seus deslizes, realizou e ainda realizará empreendimentos capazes de ofuscar os períodos convulsos que a História registra através dos tempos.

Nem distinguia a música que chegava aos meus ouvidos, tal a absorção de que estava possuído. Mas um descuido do motorista fez com que o caminhão saltasse, entrando em zig-zags. Ferreira soltou uma imprecação, e tudo voltou ao normal.

Era domingo. A porta do Hotel controlado pelos americanos, que nos receberam irmanamente eu apreciava um verdadeiro desfile de raças heterogêneas. Bem próximo, um "colored" brasileiro conversava alegremente com um louro sobrinho de Tio Sam, exibindo um inglês cuja clareza de pronúncia assombrava o seu ouvinte. Metas mãos no bolso do grosso casaco de lã, disposto a percorrer, ainda sem rumo, as ruas de Roma. O sol, tímido, parecia invejar a minha indumentária contra o frio... Meu olhos tudo iam examinando, inclusive as pessoas que passavam umas encasacadas, caras tristes e alegres; outras, cumprimentando-me espontaneamente. De vez em quando eu ouvia, satisfeito:

— Comme va, brasileiro?

A porta de uma igreja parei. Seus sinos dobravam alegremente, anunciando o término da missa. Muitas pessoas deixavam o seu interior, e a uma, eu acompanhei, atônito com os olhos para em seguida seguir-lhe os passos. Seus cabelos louros emolduravam-lhe o rosto, parecendo uma auréola de luz.

Senti que a minha vontade tinha sido absorvida, e que aquela criaturinha se apossara de mim, podendo tornar-me rei ou escravo.

Seguindo-a, eu buscava encontrar as palavras que pudessem exprimir, na sua linguagem, todo o seu deslumbramento. Tudo em vão. Mas eis o acaso tornando-se meu cúmplice. Querendo abrir a bolsa que carregava, ela descalçou a luva, e esta caiu ao chão. Foi para mim o "abre-te Césamo!". Rápido, curvei-me ainda a tempo de apanhar primeiro a sua pequenina luva branca. Um sorriso aflorou-lhe aos lábios, e ouvi, enternecido, o seu "gracia; gracia, brasileiro". O que se seguiu foi para mim verdadeira surpresa. Como por encanto, comeci a falar-lhe, desembaraçadamente, do muito que ela me impressionara, à saída da igreja. Conteei-lhe que me repugnava a idéia de considerar-me "dono da terra", e que só me deixaria envolver em qualquer aventura amorosa se esta fosse nascida de mútua simpatia. Queria, assim, saber da sua opinião. Ela mais uma vez sorriu. Deu-me o braço, e falou:

— Gentile brasileiro; andiamo inscieme a casa mia.

Um frêmito passou por todo o meu corpo. Juntinhos, fomos caminhando. Eu já esquecera tudo: Vaticano, ruínas, até mesmo Miguel Angelo e Da Vinci. Afinal, tinha ao meu lado uma tela perfeita, real, digna da atenção daqueles mestres imortais...

Uma bela casa foi-me mostrada. Era ali que ela morava. Meio confuso, entrei. Tudo aos meus olhos era deslumbramento. O primeiro compartimento era uma sala enorme, cujas paredes mostravam painéis de beleza extraordinária. Um, representava a família dos Borgias, com o resplendor de suas riquezas, marco de uma

HISTÓRIA DE UMA LUVA BRANCA

NAQUELE dia a frente estava calma. Não fôra o próprio ambiente, o explodir periódico das granadas inimigas, e poderíamos até esquecer a guerra. Porisso mesmo, estávamos já prevenidos quanto à possibilidade de uma licença. A grande, a torturante expectativa era apenas o saber quem seriam os contemplados. Ao meu lado, Ferreira — o bom humor em pessoa, dedilhava o seu violão, e, enquanto os acordes maviosos desse instrumento, tão grato aos brasileiros, punha uma nota de melancolia no ambiente frio e enfumado, uma voz rouca, quase insuportável não fôra o seu ritmo perfeito, torturava os nossos ouvidos.

— Ferreira, disse eu, porque você não se limita a tocar? Confesso que uma "Lurdinha" funcionando soa melhor que a sua voz...

Meu amigo parou de cantar e sorriu.

Seus dedos continuaram a dedilhar velozmente as cordas do instrumento; logo depois elevou a voz, emprestando-lhe todo o seu "sentimento artístico". Desta vez quem sorriu fui eu, enquanto o Ferreira murmurava:

— Esses mineiros são sempre assim. Basta a gente cantar "Saudades do Matão" e eles ficam logo bonzinhos...

★

— Sargento, pode estar certo. Eu vi o seu nome na relação. E' logo o primeiro.

— E porque todo esse interesse? — perguntei ao ordenança do meu Capitão, muito embora já esperasse a resposta:

— Ora, Sargento; o Senhor é do "peito"...

— Ia-me voltando, quando a voz do ordenança ecoou melodiosa, quase uma súplica:

— Então Sargento: pode ser umas duzentas?

— Liras?

— Sim; é para uma "viração"... Prometo que pagarei no pagamento.

Eu já estava acostumado com esses "golpes". Depois de ter a soldadesca descoberto que eu dispunha de algumas economias, era sempre assim. Todos queriam dar-lhe informações as mais diversas, em troca de um "empréstimo".

Voltei para o alojamento. Ferreira dormia, o violão sobre o ventre. Fiquei admirado, pois jámais conseguira dormir em meio àquela balbúrdia, só o fazendo após a ordem de silêncio.

— Olha, pessoal! Parece que teremos licença.

Todos se acercaram de mim, querendo saber do fundamento da notícia.

— Uma granada tedesca trouxe-me a nova...

Deram-me alguns "cachacos" pela brincadeira, enquanto eu, calmamente, fui arrumar a minha mala.

Pouco instantes depois o Capitão entrou no alojamento. De pé, ouvimos o seu discurso recomendando-nos bom comportamento, até que ele nos pareceu um anjo — pelo menos para mim — quando disse:

— São os seguintes os contemplados...

★

A noite custou horrivelmente a passar. Muito cedo ainda eu já estava de pé, com tudo arrumado. Finalmente, chegou o Tenente que ia acompanhar os felizardos. Imediatamente embarcamos na viatura.

— Você aí, que faz com esse violão?

— Ah, "seu" Tenente; isto é a minha "cara" e a minha "conversa"! Sem ele não arranjo nada...

Ferreira escancarou-se num sorriso. Empurrando amigavelmente um colega, sentou-se ao meu lado.

— Então, Mineirinho; que pretende fazer em Roma? Por mim, quero apenas que uma "ragazzia" ouça o meu violão. O resto, será fácil...

época. Minha curiosidade vagava contente pelo ambiente, quando ela voltou junto a mim. Trajava agora um vestido simples, saias largas, com os cabelos louros presos por uma fita. Perguntou-me se sabia andar de bicicleta, e, diante da minha afirmativa, murmurou, maliciosa, ao meu ouvido.

— Vamos agora ficar a sós... Amanhã você voltará, para conhecer a nossa casa e a tradição da família.

Ficar a sós! Um mundo de promessas. Seguro pela sua mão, saímos. Dentro em pouco, o bulício da cidade ficava para trás. Eu imprimia à bicicleta toda a velocidade possível, na certeza de que aquela corrida estava-me levando ao paraíso.

Quando chegamos, tive outra surpresa. Aquela vivenda encantadora era a sua casa de campo, onde iríamos ficar a sós. Uma rápida inspeção me deixara a certeza de que realmente estava num paraíso, muito embora um paraíso que fôra atingido pelas bombas inimigas, pois os últimos compartimentos estavam destelhados, fazendo com que a realidade estivesse presente ao meu sonho, cuja duração ainda não previra. Meu estado de fadiga, a ligeira confusão que se estabelecera em meu espírito, levou-me a repousar num divã, reclinando a cabeça. Foi quando, olhos cerrados, senti sobre a testa o contato acariciante de pequenina e delicada mão.

— Sou eu...

Varrendo do cérebro todos os pensamentos importunos, puxei para junto de mim aquela criaturinha encantadora. Começara o meu sonho...

★

Já era noite quando nos despedimos. Eu havia prometido voltar no dia seguinte, sendo que o desejava profundamente. Ela fitou-me querendo guardar, como disse, a minha figura de siciliano. Seus lindos olhos azuis estavam fixos, como querendo ver através

(Cont. na pág. 52)

TEM A PALAVRA SILVEIRA SAMPAIO

"A peça a que vão assistir tem a pretensão de ser uma sátira. Sátira aos homens e às mulheres que gostam de enganar, mas que detestam ser enganados. A maioria da humanidade, enfim.

De posse do texto da peça, o diretor da mesma, pelo fato de ser muito amigo do autor, quis também fazer a sua satirazinha. E como se acreditava diretor de teatro, quis satirizar o próprio teatro. Assim, os senhores assistirão aqui, pretensamente caricaturados, a todos os gêneros teatrais, desde a "tragédia grega", com o seu indefectível côro, até o gênero dos irmãos Marx, com passagens pelo drama clássico, a comédia francesa, o musical americano, etc.

Quis também o diretor criticar os "símbolos" e assim, quando um dos personagens quer enganar a mulher, caminha no palco com o "passo de ganso" dos antigos soldados da Wermarcht, num símbolo de agressividade. Em outra ocasião, por motivos diferentes, adota o andar de um fauno.

Os personagens desta peça foram buscados numa classificação médica da humanidade que divide os homens e as mulheres em dois grupos: os "introvertidos", ensimesmados, metidos consigo mesmo, remoedores de seus próprios pensamentos, jogadores de xadrez, olhadores de microscópio — e os outros, os "extrovertidos", faladores, conversadores, sociáveis, comunicativos.

Tem chegado ao autor da peça uma certa crítica, de que o 1º ato é um tanto monótono, cansativo — e ele procura se justificar da seguinte forma: afinal de contas quem são os personagens do 1º ato? Exatamente os "introvertidos", os jogadores de xadrez, Inês e Januário, a mulher abandonada e o marido abandonado. Ora, se a platéia se cansa deles em menos de uma hora, o que não diriam o respectivo marido da Inês e a mulher do Januário?

Por conseguinte os personagens psicologicamente estão certos, e o andamento do ato não podia ser outro. E um dos atores, o que vai representar o papel de Aloísio, o falador, expansivo, comunicativo — com uma certa tendência para a "psicose maníaco depressiva", isto é, para as fases de excitação seguidas abruptamente de fases de depressão, pelo mesmo motivo de ser muito amigo do diretor e do autor, quis também fazer a sua satirazinha. E exagerou as marcações de um e o texto do outro. Dessa forma, se os senhores acharem esse personagem muito exagerado, não se esqueçam de que se trata de uma caricatura, de outra, de outra."

SILVEIRA SAMPAIO



Continúa

QUANDO nos nos preparávamos para redigir as legendas destinadas às fotos feitas durante uma representação da peça "A inconveniência de ser esposa", Silveira Sampaio entrou pela redação, tirou o casaco, arregalou as mangas, abançou-se a uma das mesas — e ele mesmo se desobrigou da tarefa. O homem é realmente infernal: autor, ator, diretor (tudo isso no teatro e no cinema, simultaneamente), além de médico pediatra. Ficou sendo também jornalista. Feita essa advertência, pode o leitor examinar o trabalho do nosso colaborador espontâneo. Aqui ao lado, vão as palavras que, à maneira de prólogo, todas as noites, Silveira Sampaio dirige ao público, antes de iniciar o espetáculo. Nas páginas seguintes, as legendas. Não as entendendo, só há um recurso — assistir à peça.



INES e JANUARIO (Laura Suarez e Flávio Cordelro). Personagens squizóides, introvertidos, ensimesmados, jogadores de xadrez, remoedores dos próprios pensamentos. Trocados em miúdos: a mulher abandonada e o marido idem



PAULA e ALOÍSIO (Elizabeth Hodos e Silveira Sampaio). Personagens ciclóides, extrovertidos, sociáveis; tendência para a "psico-maniaco-depressiva" — em fase de excitação, na "primeira sátira da trilogia do herói grotesco"

O teatro de Silveira Sampaio não começou agora, como pensam muitos; há vários anos, esse rapaz que hoje concentra em sua pessoa as atenções maiores do público e da crítica mais autorizada, escrevia mas deixava na gaveta o fruto de seus trabalhos teatrais. Não que o fizesse por vontade própria, mas apenas porque empresário nenhum se atrevia a encenar suas peças. Andou peregrinando pelo cinema, quando o cinema brasileiro era ainda mais experimental do que nestes dias — e chegou, mesmo, a redigir o "script" de uma comédia que Jaime Costa interpretou, denominada "Futebol em família". Mas depois resolveu conservar-se em silêncio até mais ver. Um dia, reunindo um grupo de amigos tão "doidinhos" quanto ele, meteu ombros na tarefa de fazer um filme, quer dizer, de escrevê-lo, dirigi-lo e ajudar a representá-lo. Daí saiu "Uma aventura aos quarenta", que levou anos para ser concluído, mas foi. E foi de tal jeito que, malgrado tôdas as imperfeições técnicas, arrancou um troféu da Associação Brasileira de Críticos Cinematográficos. Talvez tenha nascido daí o entusiasmo maior de Silveira Sampaio, que resolveu apresentar então "A inconveniência de ser espôsa", no Teatrinho Íntimo do Leme, em elenco onde Aimée era a primeira figura. Sucesso absoluto. Daquela jeito.

E novamente Silveira Sampaio mergulhou em silêncio, cuidando das suas crianças — porque ele é pediatra — mas sempre com a atenção voltada para o teatro. Foi-lhe ter às mãos o Teatrinho de Bolso, na praça General Osório, em Ipanema, e repetiu-se o triunfo com "Da necessidade de ser polígamo." Nada menos de cinco meses ficou a sátira em cartaz, até quando, cansado de repetir o mesmo papel, decidiu renovar o programa. Veio então "Entre os bichos de boa vontade" — mas só por uma noite, a da estréia. Dizem uns que a peça desagradou ao público, outros que simplesmente não agradou ao autor-intérprete-diretor. E conquanto o animassem a repor os bichos no palco liliputiano de Ipanema, ele preferiu reprisar "A inconveniência de ser espôsa". Diga-se, aliás, que meses antes a "Inconveniência" fôra mostrada ao público de São Paulo, no Teatro Brasileiro de Comédia, aquela casa de espetáculos da rua Major Diogo que é uma perfeita maravilha. Só não ficou mais tempo em cartaz porque Silveira Sampaio precisava regressar e aqui o reclamava a segunda peça. Neste momento Silveira Sampaio conclui a terceira sátira da "trilogia do herói-grotesco" (denominação do próprio autor). Enquanto não se faz a estréia, damos aos leitores alguns "flashes" de "A inconveniência de ser espôsa", peça que ao ser assistida por João Villaret mereceu do ilustre ator português esta definição:

— E' qualquer coisa de novo, de absolutamente novo, que venho encontrar no teatro brasileiro, e não receio afirmar que no autor existe uma das afirmações mais audaciosas e felizes da literatura dramática deste país. Tenho visto muitas e admiráveis manifestações do teatro aqui no Rio, mas poucas me impressionaram como a de Silveira Sampaio.



TRANSFIGURAÇÃO DO "CLIMA". Agora, já Aloísio se encontra em fase de depressão, mas acontece que Paula ainda permanece em fase primitiva, a de excitação. Daí o desequilíbrio e a diversidade de atitudes, de expressões, de alma



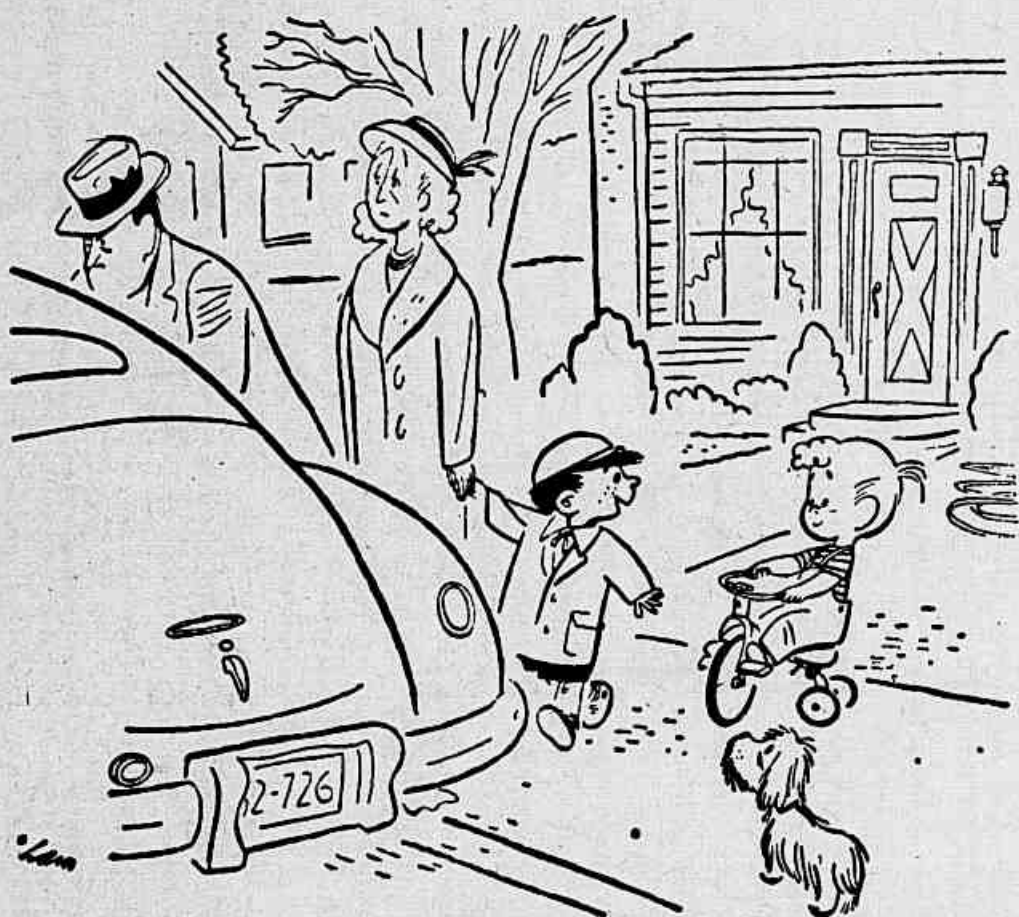
NA PEÇA HÁ DE TUDO. inclusive uma sátira ao próprio teatro. Em dado momento, Paula e Aloisio declamam suas lamentações, fazendo-o num côro de autêntica tragédia grega. E por aí adiante, até quando as situações se resolverem, definitiva ou aparentemente, e tudo se resume numa frase: "A comédia acabou! A comédia acabou!" O público talvez dispensasse a advertência, porque a peça de fato chegou ao seu termo — mas não custa nada prevenir. E o público sai do teatro, sentindo que, realmente, aquela mulher tinha seus contratempos e inconveniências em ser apenas o que tantas são — esposa



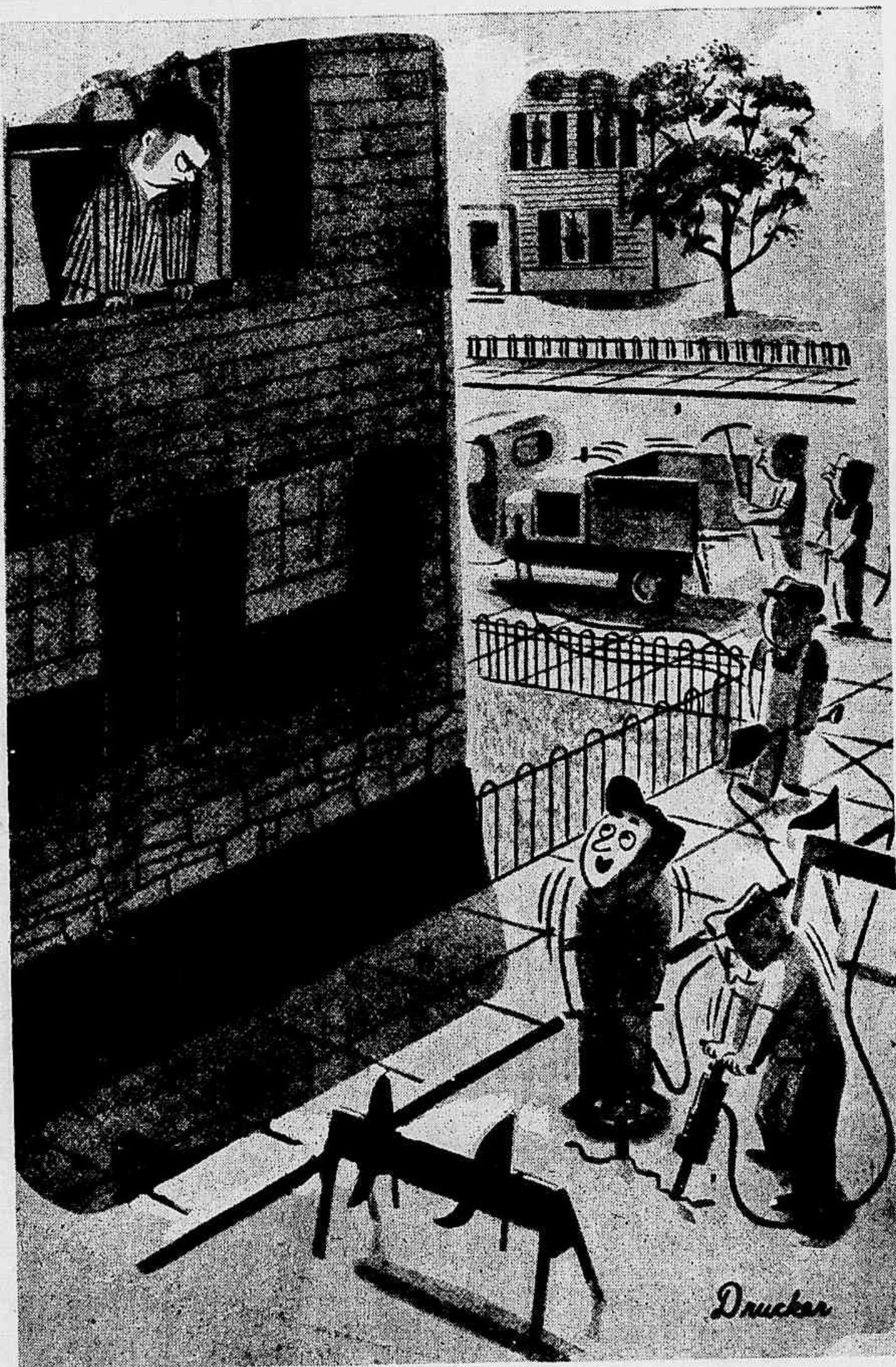
NESTA ALTURA, quando as coisas assumiram proporções mais graves, os squizóides dissimulam e fogem da realidade. A realidade nem sempre resulta agradável, motivo porque Inês e Januário, dentro dessa situação, fingem. Fingem amor



ESTE FLAGRANTE, bateu-se fora da situação da peça. Vale apenas como documentário, para o leitor observar as expressões naturais de Flávio Cordeiro, intérprete de Januário, e Elizabeth Hodos, de Inês, sem preocupação de cena



— Mamãe queimou o feijão outra vez — por isso vamos jantar fora!...

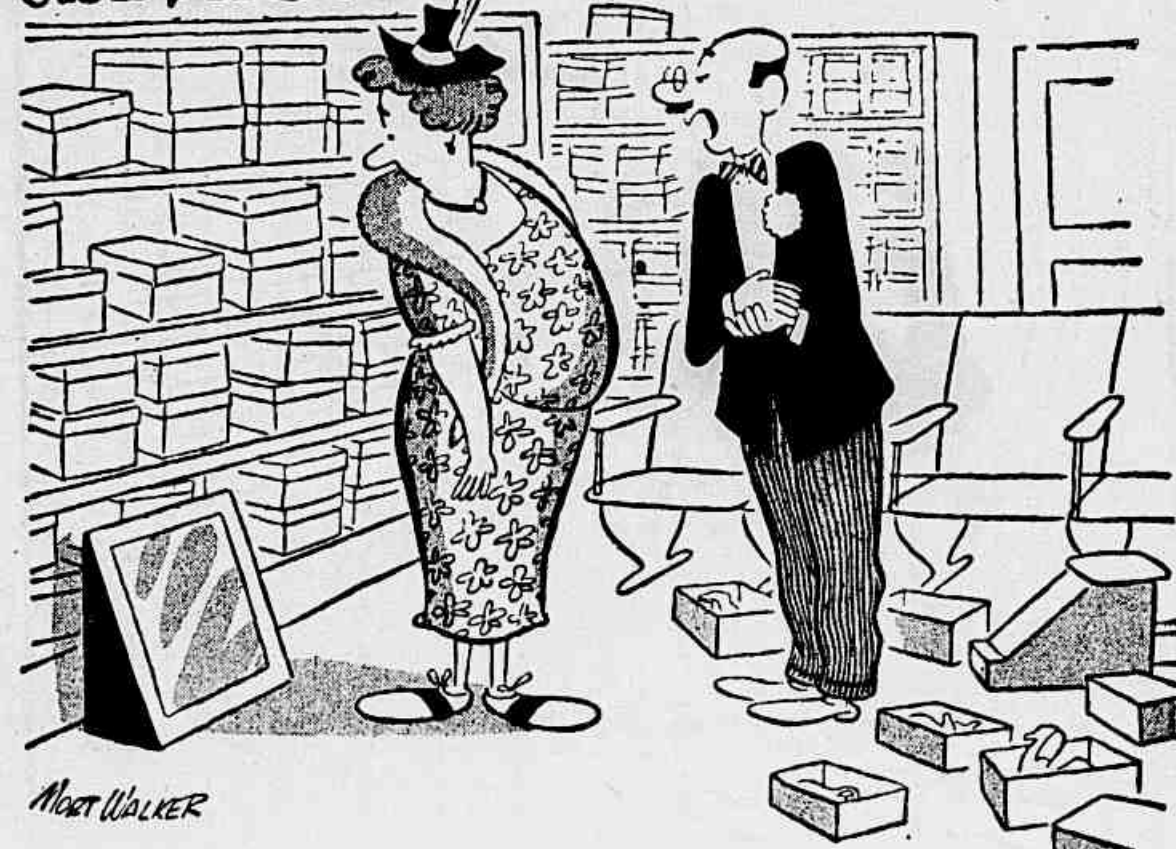


— Bom dia... Bom dia...



BOM HUMOR

CALÇADOS



— Gosta destes, madame? E' o último tipo e o mais confortável...

NOS BASTIDORES FEMININOS

O problema de muitas mulheres casadas que trabalham fora do lar, é manter uma perfeita harmonia entre o trabalho dentro e fora de casa. Para auxiliar muitas jovens que se encontram na mesma situação, uma americana, casada e com um bom emprego, organizou uma lista do que devem e não devem fazer as suas companheiras. Eis a lista; é possível que alguma coisa possa ser aproveitada entre nós uma vez que existe grande diferença entre a mentalidade das mulheres e homens da nossa terra e as mulheres e homens de Tio Sam.

NÃO FAÇA

Não creia que o trabalho de casa seja um trabalho puramente feminino, deixe que o seu marido a ajude a manter a ordem, o azeite, etc. (pois sim... dirão os nossos homens...) Não se deixe impressionar pelo volume de trabalho que tem a executar; um programa traçado previamente resolverá o assunto e lhe dará tranquilidade de espírito... Não deixe todo o trabalho pesado para ser feito no fim de semana... Não enxugue toda a louça. Os copos e as pratos podem esperar que a água esorra... Não planeje menus complicados cuja execução levaria horas e horas... Não encha a casa com uma quantidade imensa de "bibelots", pois tirá-los o pó levaria muito tempo... Não coleccione vasos com plantas; molhá-los, tirar as folhas mortas, exige tempo. Adie esse prazer para quando você deixar de trabalhar... Não se comprometa consigo mesma a ter a sua casa na mesma ordem em que sua mãe costuma trazer a dela... Assim, você evitará que um sentimento de fracasso a domine quando não conseguir atingir o ponto desejado.

FAÇA

Organize um programa semanal, assinalando os dias e as horas em que cada coisa deverá ser feita... Faça-o de tal forma que pelo menos um dia na semana, o Domingo, por exemplo, fique completamente livre de trabalhos caseiros. Isto ser possível se em cada noite da semana você fizer alguma coisa. Assim, no dia, de folga, você sairá para se divertir juntamente com o seu esposo. Antes de traçar o programa, discuta-o com o seu esposo afim de que ele próprio escolha as tarefas que gostará de executar. Além disso, deixe que ele enxugue a louça, encere o chão, dê brilho às pratas... "Os homens, diz ela, gostam de executar esses serviços porque o resultado aparece imediatamente..." (os homens americanos, é claro...) Levante-se cedo bastante para poder arrumar a casa antes de sair. Não há nada mais desanimador do que entrar-se em casa, de volta do trabalho e encontrar a cama desfeita, o cinzeiro cheio de pontas de cigarros e os jornais da véspera espalhados pelo chão... Organize um menu para a semana inteira e deixe-o em lugar bem visível... Pode ser que o seu marido, chegando em casa mais cedo tenha vontade de iniciar o jantar... (mais uma vez, pois sim... dirão os nossos). Faça as suas compras, toda a vez que possível, pelo telefone. Não esqueça que o seu tempo é preciosíssimo... Use e abuse do "pyrex" pois as sobras poderão ficar na geladeira e aquecidas no dia seguinte no mesmo lugar. Prepare o mais que possa, a refeição da manhã, na noite anterior. Deixe a mesa posta, o bule do café limpo, etc. Use serviços individuais e não toalhas de mesa. Lavam-se e passam-se mais rapidamente... Faça uso de todos os produtos existentes no mercado e que podem poupar o seu tempo. Tenha sempre ao seu alcance alguns livros de culinária e consulte-os de vez em quando afim de que possa variar os menus... Não é fácil? Naturalmente que sim! Manter uma casa em perfeita ordem nunca foi coisa muito simples. O melhor que você tem a fazer... é arranjar uma boa empregada!

O. B.

★

O organdi será o tecido favorito nesta estação e na próxima. Nos vestidos de baile ele será o "rei". As vezes surgirá, como no modelo aqui apresentado, em diversas camadas num tom, ou em tons diferentes.



PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCEDES SANTOS

Seria o destino?...

NAQUELA tarde fria e cinzenta de junho, o pequeno navio "Itatinga" ancorava no armazem 13 da cidade do Rio de Janeiro. E... nesta mesma tarde uma jovem inexperiente pisava pela primeira vez o solo da "cidade maravilhosa". Com ela, vinham as mais doces ilusões, o encanto de uma primavera em flor com os seus mais belos matizes. O destino, porém, na maioria das vezes, na sua crueldade insaciável, não poupa as suas vítimas. O botão se fez flor quase que bruscamente e a dura realidade da vida encarregou-se de mostrar-lhe, nas mais vivas cores, tudo o que de mal, baixo e degradante a sua alma de jovem ingênua ignorava. E assim... foi que ela despertou para a vida.

A princípio, sem apoio e orientação, vagou longo tempo pelas ruas da grande metrópole. O seu pudor de moça incauta, na maioria das vezes, conseguiu desviá-la das sórdidas estradas que a todo transe queriam levá-la ao fim que tão heroicamente resistiu por algum tempo. Entretanto, que força moral pode possuir um caráter em formação? Quase nenhuma ou, melhor dizendo, nenhuma. Conheceu fome e nudez. No auge do desespero, deixou de tomar conhecimento de que o bem existe também sobre a terra. A maldade inoculada violentamente no seu cérebro jovem não deu margem ao raciocínio ponderado, e um dia, esquecendo-se da tradição de sua família pobre mas honrada e de sua situação de mulher perante esta mesma família, afundou-se impiedosamente no lodo da imensa cidade.

— Por que a vida tem sido para mim tão dura e o destino tão cruel? Que fiz eu para merecer tamanho castigo? Vivo em completa escuridão. Será que não tenho direito à mais fugaz felicidade? Uma luz sequer na interminável noite em que estou mergulhada?

As suas frases dolorosas e aflitas calaram no mais profundo do meu eu. O silêncio que para mim, naquele instante, era de suma importância, a ela se afigurou uma afronta, um desprezo às suas perguntas.

— Fale. Diga alguma coisa. Será que até você me condena e despreza?

Não. Não direi nada — pensei. Ao deparar-me, todavia, com aquele rosto jovem que tantas vezes desabrochou em sorrisos ternos e felizes nas nossas brincadeiras de infância, senti-me indigna dentro de mim mesma. Sabia que seriam inúteis os meus conselhos e súplicas para que ela retornasse ao seio da família. Por que razão, entretanto, haveria eu de prolongar o sofrimento daquela infeliz, se não existe na tragédia de sua vida o marco abominável da culpa? Errou, é bem certo, mas por imposição de um destino que não devia ser o seu. No entanto, seriam assim tão avassaladoras as consequências deste erro que lhe negavam o direito a uma palavra amiga? Acredito que não, e por esse motivo foi que, num rasgo não de benevolência e sim de solidariedade humana, mostrei-lhe que nem tudo em sua existência mal começada estava perdido. Tentei dizer-lhe que não se afundasse no desalento da fatalidade, pois muitas vezes a força de vontade proporciona a regeneração. Não quis acreditar-me e num soluço cortante disse-me que as minhas palavras lhe abriam ainda mais a sua chaga moral. Que no caos em que estava mergulhada a sua vida somente um gesto resolveria tudo: o suicídio. Tirei-lhe a mórbida idéia. Fiz-lhe ver que o destino, venturoso ou não, é sempre destino. Que no caminho da vida nunca devemos nos acovardar, sejam nele arrebatados as ilusões, o afeto ou a mocidade, pois dizem que quando nos foge uma ilusão, é uma verdade que fica; um afeto que se desvia é um sentimento que se compõe; uma mocidade que passa é uma experiência que perdura.

Depois deste rude encontro nunca mais vi esta malfadada flor que tão cruelmente desabrochou nesta grande cidade. Um dia desta semana, entretanto, encontrei-me casualmente com outra amiga de infância. Esta terminava de chegar de minha cidadezinha natal e contou-me o trágico fim que tivera Sônia, num quarto de pensão desta capital. A família, que ignorava por completo o destino do ente amado, hoje chora lágrimas de saudades sobre o livrinho de orações, a única prova que a morta deixara de sua curta existência sobre a terra. Sônia não se suicidou, porém morreu tuberculosa. Ao ser inteirada de sua morte, uma dor muito grande apoderou-se de mim e, instintivamente, lembrei-me, não sei por quê, de uma poesia de Casimiro de Abreu, intitulada "De joelhos", onde o poeta diz:

"A doce virgem, como a terna planta,
Nunca floresce sobre a terra ingrata.
— Bem como a rã — qualquer fôlha a espanta,
— Bem como o lírio — qualquer vento a mata."

Correspondência

Esperança (Distrito Federal) — "Existe uma grande diferença de cultura entre nós dois. Ele, entretanto, por delicadeza, nunca deixou transparecer esta diferença."

Minha boa amiga. Absolutamente, você jamais roubar-me-ia o meu tempo por pedir tão pouco. Terei mesmo imensa satisfação em orientá-la dentro de minhas possibilidades. Todavia, neste pequeno espaço eu não poderia indicar-lhe a lista de livros que você me pede, nem tão pouco poderei organizar um método capaz de ser útil a uma "criança" sequestrada do saber. Remeta-me o seu verdadeiro endereço e fique certa que farei o que for humanamente possível por você. No entanto, desde já pode acreditar que este homem, mesmo sendo possuidor de grande cultura, jamais a colocaria numa situação difícil.

NOTA — Toda correspondência para esta seção deve ser endereçada a M. Mercedes Santos — Problemas da Mulher — Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Maranguape n.º 15 — Lapa — Rio de Janeiro.



CHAPÉUS DE PALHA

Marta Torens, da Universal-International, sugere dois elegantíssimos modelos para a primavera, o primeiro em palha com flores e véu e o segundo em palha, guarnecido de renda branca.





SILHUETAS JUVENIS

○ S modelos aqui reunidos, são de Jeanne Lafaurie, Janvin, Pierre Balmain, Germaine, Lecomte, Patou, etc. São modelos juvenis, próprios para a estação que atravessamos. As saias, como vemos, tanto são amplas como estreitas o que não deixa de ser agradável, pois assim cada uma poderá escolher aquilo que melhor vá com a sua figura.



A saúde do EEEÉ

DR. SABOIA RIBEIRO

PERIGO AERÓGENO

O catarro habitual ou de repetição da criança constitui ocorrência muito frequente, exprimindo ao mesmo tempo um conjunto de condições que a tornam particularmente propensa às infecções comuns dos primeiros anos.

Pode-se com propriedade, chamar a esse conjunto de condições, o "perigo aerógeno", pois é, principalmente, em virtude dele que se processam as infecções das vias aéreas altas da criança os estados catarrais e muitas doenças que logo nos primeiros tempos se instalam na criança numa época em que seu sistema de defesas é ainda efetivamente precário.

Em três ordens principalmente, podemos dispor os fatores que integram o "perigo aerógeno".

- 1.º — Uns de natureza constitucional, como a diátese exsudativa;
- 2.º — Outros devidos a infrações no regime higieno-dietético da criança, como carência de vitaminas na alimentação, sais minerais, ar, luz e sol, tão necessários à excitação das defesas naturais da criança;
- 3.º — Enfim, fatores ligados à própria ambiência da criança, com a qual não raro, convivem pessoas portadoras de afecções catarrais as mais diversas. Otites, afecções oculares, bronquites diversas, tosse de tipo vário, não têm, muitas e muitas vezes outra origem.

Por outro lado, muitas infecções da criança são apenas antecipadas pelo "perigo aerógeno", no qual se deve pensar, sempre, toda vez que se está diante de uma criança portadora de catarro mais ou menos crônico.

O catarro que se prolonga, ou volta a pequenos intervalos, numa criança, tem, por isso, uma importância sem dúvida muito grande.

No entanto, as afecções das vias aéreas altas na criança são, a miúdo, descuradas, pois com exceção da difteria e sua complicação o crupe, é crença muito espalhada que as mesmas correm sem riscos, curando-se espontaneamente.

Há de certo, muita unilateralidade nesse juízo.

Em primeiro lugar é preciso estar lembrado do coriza sífilítico, com sua secreção abundante, e mais tarde mudada em secreção aero-sanguinolenta ou sanguinolento-purulenta, valendo por um sinal precoce da infecção luética, com sua gravidade própria na criança.

Convém considerar, também, por outro lado, que em seu período inicial uma angina diftérica pode confundir-se com outra qualquer angina. E' crença geral, entretanto, que a difteria, na criança, irrompe sempre súbito, acompanhada de febre alta, tosse ruidosa, voz rouca, respiração difícil.

Isso é perfeitamente errôneo.

Sem dúvida, o maior perigo da difteria consiste, sempre, no crupe, que se anuncia com os aludidos sintomas, porém, o aparecimento deste é, de ordinário, no seguimento de uma afecção catarral da garganta.

No lactente, por outro lado, seu aspecto clínico habitual é como um coriza, com secreção sero-sanguinolenta ou sanguinolento-purulenta.

Quando crianças mais crescidas, em pleno estado de saúde, adoeçam com febre alta e participação do laringe — voz e tosse roucas, angústia respiratória — raro esses sintomas, irrompendo bruscamente, significarão difteria, porém, falso crupe.

O perigo da difteria e sua complicação o crupe, antes está em toda e qualquer afecção da garganta, deixada sem tratamento, mesmo com aparência de simples resfriado, isto é, uma infecção de tipo catarral.

Se se pode afirmar que o perigo da difteria é o crupe, também se pode dizer que o perigo das afecções catarrais das vias aéreas altas é a difteria.

A conclusão, portanto, a tirar, é que as anginas, na criança, têm geralmente, uma significação antes séria.

Deve-se somente acrescentar que, justamente nas crianças portadoras de resfriados de repetição e amídalas doentes (e não somente as amídalas faringéas senão também as palatinas que, hipertrofiando-se, em virtude de infecções repetidas das vias aéreas altas, vêem a constituir as conhecidas vegetações adenóides, com todas as suas más consequências); dizíamos que, justamente entre as crianças frequentemente resfriadas, é que mais costumam evoluir as anginas banais para a difteria e o crupe.

E' evidente, então, que todos os cuidados devem merecer essas crianças, a fim de evitar surpresas de um estado aparentemente sem importância, como são, de ordinário, as anginas na sua fase inicial.

E' que, nessas crianças, co-existe, quase sempre, a diátese exsudativa, estado que se acompanha, de um lado, de uma particular tendência às infecções (pois nelas há uma inata diminuição do poder defensivo em face das infecções), e de outro, a receptividade maior daqueles órgãos linfóides para o desenvolvimento dos processos infecciosos da garganta.

Notadamente o rinofaringe, com as vegetações adenóides, é justamente considerada a porta de entrada de muitas infecções, nos primeiros anos, mais ou menos graves. Não é sem razão que já o compararam a uma encruzilhada rica de um tecido sempre pronto a inflamar-se, de difícil expurgo quando sede de infecções, enfim, uma espécie de reservatório de micróbios que somente esperam circunstâncias favoráveis para invadir a circulação geral, após ter ameaçado os órgãos vizinhos (ouvidos, e o mais).

A generalização das vacinas, no tratamento das diversas localizações das infecções das vias aéreas, qualquer que seja o diagnóstico firmado no início das mesmas, eis tudo que urge de mais racional e sem quaisquer contraindicações para uma terapêutica mais específica ulterior, na hipótese de uma revisão da natureza da angina em cada caso.

Aliás, a providência de vacinar as crianças contra as infecções, a título profilático, vai, cada vez mais, entrando na prática de todos os dias, e não virá talvez longe o dia em que só adquirirão precocemente infecções como a coqueluche e a difteria e viverão sujeitas eternamente aos resfriados as crianças cujos responsáveis descaram de recorrer à vacinação profilática em tempo, por indesculpável negligência, senão relaxamento.



BLUSAS BRANCAS

UM novo grupo de blusas, todas brancas e todas indicadas para este período do ano. As blusas voltam a ser trabalhadas, vendo-se incrustações de rendas, nervuras, bordados. São modelos elegantes que completarão, admiravelmente, as suas "toilettes".

Crianças nervosas

Nada é mais comum, atualmente, do que encontrarmos crianças, mesmo da mais tenra idade, com propensão para o nervosismo ou já nervosas. E por que acontece isso? Simplesmente por erro de educação!

Por incrível que pareça, é a própria família quem mais colabora para tornar uma criança nervosa. O excesso de barulho, os gritos, os sustos que metem à criança, os carinhos excessivos, são alguns dos transmissores do nervosismo.

Vemos frequentemente mães, pais, tias e avós que "brincam" com a criança fazendo-lhe cócegas, atirando-a para o alto, sacudindo-a e fazendo ainda muitas outras "gracinhas" parecidas que excitam a criança tornando-a nervosa e irritadiça. Se os pais compreendessem que não é necessário sacudir, fazer cócegas ou acarinhar demasiadamente a criança para demonstrar o seu amor por ela; se compreendessem o quanto a prejudicam com essa prática, talvez se modificassem um pouco.

E o pior de tudo é que com essas "brincadeiras" prejudicam a criança psíquica e fisicamente. Certos males que a criança apresenta são muitas vezes originados do nervosismo e, assim, chegaremos à conclusão de que muitas doenças que a criança apresenta são provocadas por erros de educação!

Poucos pais quererão acreditar nesta afirmativa, porém será fácil confirmá-la procurando ouvir a palavra do médico.

Muito barulho, muita excitação não podem, de forma alguma, fazer bem à criança. Muitas vezes a mãe, por educação ou por timidez, não tem coragem suficiente para impedir que outras pessoas da família "brinquem" com o seu filho; sua culpa também é grande, pois para beneficiar o filho não importa atrair para a sua própria pessoa a antipatia da família. O bem-estar e a saúde do filho serão a sua compensação.

O que é evidente é que o nervosismo na criança pode muitas vezes ser evitado; dêem-lhe um ambiente sadio, sossegado, deixem que fique em paz na sua caminha quando fôr pequenina e que brinque naturalmente, ao ar livre, quando um pouco maior.

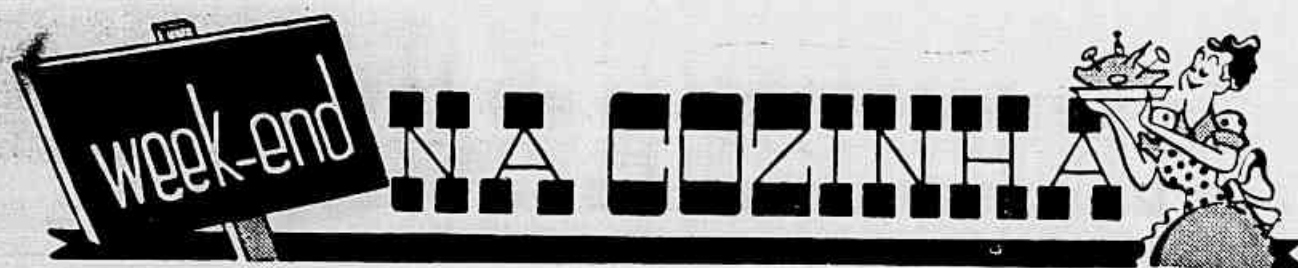
De tudo se conclui que de um erro de educação pode-se prejudicar grandemente a criança e esse prejuízo perdurará, geralmente, mesmo na maturidade.



Se a sua filhinha tem três anos de idade, eis aí o seu guarda-roupa: um modelinho de cambraia, outro de lã, um trajezinho para o banho de sol, um modelinho em fustão e um casaquinho de lã. ★ A criança deve ser vestida de acordo com a estação. Nada de excessos, que só podem prejudicá-la. ★ A criança precisa de distrações adequadas à sua idade. Cabe aos pais saber escolhê-las e proporcioná-las a fim de que elas se desenvolvam dentro do seu próprio ambiente, dentro da sua própria mentalidade. ★ O despotismo gera a revolta. É preciso que se compreenda afinal que a criança tem a sua individualidade que deve ser respeitada.

S
S

blu-
as e
para
blu-
alha-
ções
bor-
egan-
arão,
suas



BOLO BRANCO

Tome 100 grs. de manteiga, 225 grs. de açúcar, 225 grs. de farinha, ½ xícara de leite, 3 claras, 2 colheres-de-chá rasas de fermento, 10 gotas de essência de baunilha e 10 gotas de essência de amêndoas. Derreta a manteiga ligeiramente, junte o açúcar e, sempre batendo, adicione aos poucos 1 clara, o leite, a farinha com o fermento e por último as duas claras restantes em neve. Leve ao forno a assar em duas formas como latas de goiabada, untadas, e uma com recheio de nozes e figos que a seguir ensinamos.

RECHEIO DE NOZES E FIGOS

Com 3 xícaras de açúcar, faça uma calda em ponto de açúcarar. Retire do fogo, bata um pouco e derrame sobre duas claras em neve, misture rapidamente e divida em duas partes; numa junte ½ xícara de figos e ½ de nozes picadas e deite entre os bolos; a outra parte despeje por cima do bolo, enfeite com pedaços de nozes e tirinhas de figo e deixe repousar para endurecer.

PÃO PARA SANDWICHES

½ quilo de farinha de trigo, 1 tablete de fermento 1 colher de açúcar, 1 de manteiga, 1 colher-de-chá de sal, 1 ovo e ½ xícara de leite. Dissolva o fermento no leite morno, junte o açúcar e um pouco de farinha para formar uma massa mole. Deixe crescer o dobro, incorpore o resto dos ingredientes, sove bem, enrole como um pão comprido, deite num tabuleiro untado, deixe crescer 1 ou 2 horas e leve a assar no forno.

PÃO DE MINUTO ESPECIAL

2 xícaras cheias de farinha, 2 colheres de manteiga, 1 xícara de leite, 1 colher de banha, 1 colher-de-chá de sal, 4 de fermento. Misture tudo, amasse o mais ligeiramente possível, deite às colheradas no tabuleiro e leve a assar no forno.

BISCOITOS SINHA

1 pacote de maisena, 2 gemas, 4 colheres de açúcar, 1 colher de manteiga, leite de 1 côco, uma pitada de sal. Tire o leite do côco sem água, amasse tudo junto e não ficando macio junte mais manteiga. Faça bolinhas pequenas, deite em tabuleiro untado e leve a assar. Pode substituir a maisena por polvilho.

BISCOITOS DE AVEIA

250 grs. de açúcar, 125 grs. de farinha, 125 grs. de aveia, 1 colher de manteiga, ½ xícara de chocolate e dois ovos. Faça pequenos biscoitos redondos e leve a assar no forno.

★

Na confecção de qualquer receita, torna-se necessário obedecer-se às medidas indicadas bem como escolher sempre os melhores ingredientes.

★

Da apresentação de um prato depende muitas vezes o bom apetite dos que estão à mesa.

★

E' preciso saber dispor com arte dos alimentos nos pratos, a fim de que causem sempre excelente impressão.



CULINÁRIA

Mesa rústica para uma refeição íntima no campo. A louça é em cerâmica e os copos em vidro grosso.

★

Flores e até mesmo certas folhagens nunca deverão faltar na mesa. Só se deve admitir a sua ausência quando em seu lugar ficar um prato de frutas.

★

Assim como existe a arte de se ves-

tir, de se enfeitar, de se mobiliar uma casa, deve também existir a arte de apresentar pratos na mesa. O bom gosto deverá presidir a organização de uma salada, assim como preside a organização de um guarda-roupa.

★

Torna-se muito mais agradável estar-se numa mesa bem arrumada, onde os pratos sejam apresentados com arte, do que estarmos numa mesa onde, se bem que a comida seja gostosa, tudo seja " Jogado" de qualquer maneira.



O "TAILLEUR" CLARO

SEJA qual for a época do ano, o "tailleur" encontra sempre um lugar nos guarda-roupas elegantes. Naturalmente que agora, nos dias de primavera ele adquire um aspecto mais alegre e que se consegue não só pelas tonalidades claras como também pelos feitiços mais leves e alegres como os que aqui apresentamos.



SERGE KOUSSEVITSKY ★ UM MÚSICO INDISCRETO ★ "CANTEM! CANTEM!"

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Aproveitando a visita de Serge Koussevitsky ao Brasil, o governo resolveu conceder-lhe uma condecoração especial: a grande cruz da ordem do Cruzeiro do Sul.

Trata-se de uma homenagem especial, como prova de reconhecimento pela relevante contribuição daquele regente no sentido de divulgar a música brasileira no estrangeiro e, além disso, amparar, orientar, ensinar e encaminhar, em sua carreira, inúmeros artistas nacionais.

Koussevitsky regerá a Orquestra Sinfônica Brasileira, numa série especial de concertos que, na opinião geral, serão o ponto alto da temporada sinfônica de 1949.

UM MÚSICO INDISCRETO

Membro da orquestra da B.B.C. de Londres, Bernard Shore ocupou, durante algum tempo, suas horas vagas como um passatempo especial: registrou aspectos dos ensaios do grande conjunto com alguns dos principais maestros. Episódios que ocorrem com as poltronas dos espectadores vazias, nas manhãs de trabalho, com a orquestra e o regente num esforço conjunto, foram cuidadosamente resumidos num livro "Fala a Orquestra", que já está na décima terceira edição.

All, Bernard Shore narra a maneira especial de dirigir-se aos músicos de cada um dos regentes, as suas exigências, o seu gosto e, em estilo leve, traça perfis sugestivos e maliciosos, fixando, nas relações entre músicos e maestros, a personalidade de inúmeros artistas.

CAPÍTULO SOBRE KOUSSEVITSKY

Definindo Koussevitsky diz Bernard Shore que a personalidade dele se compõe de ingredientes tais como "entusiasmo, energia" e acha que vêm temperados com o "sense of humour", que lhes atenua a severidade. Mas, adverte Bernard Shore, Koussevitsky só pode ser amansado com boa música. Tocando bem, a orquestra nada tem a temer dele. Se, porém, surge a menor imperfeição, Koussevitsky é bem capaz de repetir o gesto que teve durante certo ensaio do Rito da Primavera, de Stravinsky:

Exasperado, bradou:

— E' impossível! Não posso trabalhar com os senhores. Os senhores não têm

a menor noção do que é ritmo. Não sei por que, mas os senhores não têm ritmo. Mas não têm mesmo. E é um desastre.

E, retirando-se, disse:

— Sinto muito, mas vou partir.

E saiu. Já estava no expresso de Paris quando alguns membros da orquestra, aflitos, foram encontrá-lo e conseguiram convencê-lo de que era preciso dar outra oportunidade à orquestra...

Koussevitsky, porém, nunca nega elogio quando lhe agrada a execução. Diz Bernard Shore que ele, quando está satisfeito, diz, sem parar de reger: "Maravilhoso! Maravilhoso!" e esse murmúrio de aprovação, justamente porque é raro, compensa a crítica severa, mas sempre justa.

"CANTEM! CANTEM!"

Conhecendo admiravelmente cada instrumento, Koussevitsky tem, sempre, uma série de sugestões proveitosas para cada músico. Se quer advertir que há erro, pára e diz: "Vocês sabem que eu não estou gostando disso!". Ou, se o erro é muito grave, dirá: — Parem! Parem! Tudo isso está completamente caótico!

Porém, em geral qualquer manifestação de Koussevitsky é desnecessária e basta olhar para a fisionomia do maestro. Ela mostra, na expressão que assume, aprovação ou desaprovação.

Registrando uma frase que lhe parece típica, Bernard Shore transcreve uma advertência que, segundo ele, ouvem sempre as orquestras que Koussevitsky rege:

— Cantem! Cantem! Façam com que cada frase cante! E' absolutamente necessário. Vocês devem saber que não pode haver música sem canto.

EXPERIENCIA INESQUECIVEL

A Orquestra Sinfônica Brasileira, que vai ser confiada à direção de Koussevitsky, durante alguns concertos, lerá com proveito o livro de Bernard Shore, porque, ali, há algumas advertências importantes sobre o gosto do regente. Mas, qualquer um percorrerá, com agrado, as páginas leves, divertidas, às vezes irreverentes, sobre celebridades encaradas do ponto de vista da orquestra e verá que, apesar de todas as pilhérias, Bernard Shore sabe apreciar o valor dos maestros. Resumindo sua impressão sobre Koussevitsky, por exemplo, ele diz:

"Nenhum regente conhece melhor as possibilidades da orquestra e, já que ele dispõe, ainda, do dom precioso de saber comunicar aos músicos a sua orientação, trabalhar com Koussevitsky é uma experiência inesquecível."



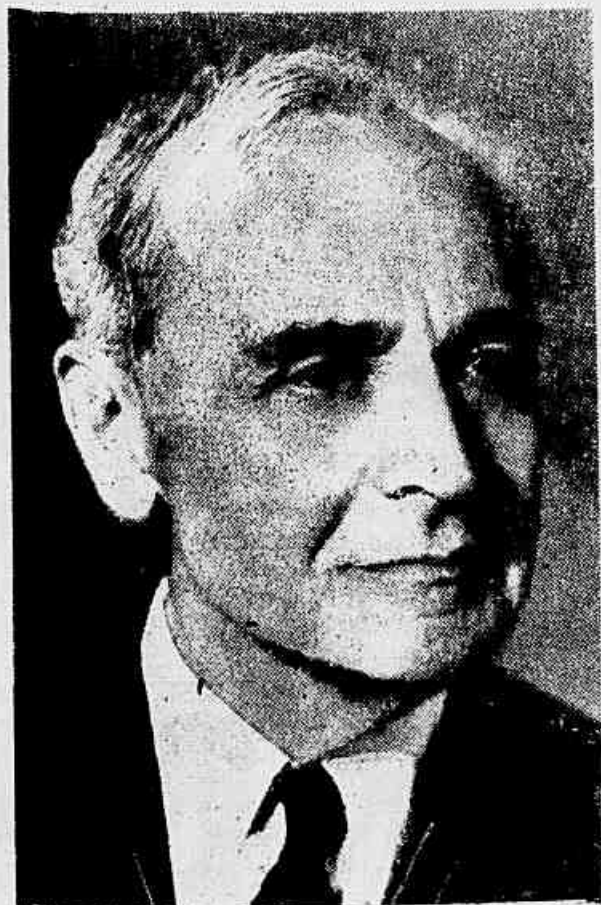
Que será seu filho AMANHÃ

advogado
engenheiro
medico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iodo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá o seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL



Koussevitsky

"MINHA JANGADA DE BAMBU"

ROMANCE DE RENATO DE ALENCAR

Na nossa literatura contemporânea o nome de Renato de Alencar é dos que se pronunciam com o maior aprêço por uma obra que se distribui por várias províncias do conhecimento. Filólogo, tem êle publicado alguns trabalhos de importância como "Antagonias da didática da unilateralidade do ensino" e "Traições da língua portuguesa". Poeta, já compôs um livro de versos, e romancista são dêle os romances "D. Marcelina" e "Núpcias de fogo e sangue". Agora Renato de Alencar nos dá mais um trabalho sugestivo: "Minha jangada de bambu". Trata-se de um romance em que se descrevem costumes do interior brasileiro. Num estilo vivo o autor pinta a nossa paisagem rústica e os hábitos de nossa gente. Os tipos desfilam diante dos nossos olhos, animados, coloridos, carne e alma a vibrar ao toque de mágica do escritor que sabe penetrar a fundo nos seus personagens. Percebe-se que Renato de Alencar quis no desenvolvimento de seu drama mostrar a importância da Maçonaria e o faz com habilidade. A frase de Saldanha Marinho com que fecha o último capítulo diz bem de seus intuitos; "Admiro duas instituições na humanidade uma é o Cristianismo, a outra, a Maçonaria. A primeira é divina. A segunda é a obra mais perfeita que o homem compôs". Com êsse conceito do grande republicano e liberal patricio, Renato de Alencar encerra o seu livro cheio de sentido humano.

De "A Notícia" do Rio

— Romance "Minha Jangada de Bambu" está à venda em tôda as livrarias do Brasil. Preço: Cr\$ 25,00. E pode ser obtido mediante vale do Correio ou pelo reembolso postal. Pedidos à COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Rua Visconde de Maranguape, 15. Rio de Janeiro.

VIDA Literária

E. CATTETE REIS

Geração de 45

Repercutiu, ~~uma~~, nos meios literários do país, principalmente aqueles ligados à chamada "geração dos novos e novíssimos", a conferência que, em São Paulo, proferiu o sr. Ledo Ivo, sem dúvida um dos representantes mais autênticos dessa numerosa grei de intelectuais patricios.

Não apenas aqueles a que se destinaram as palavras do autor de "Ode e Elegia" serviu a conferência em tela como um roteiro a futuros cometimentos dos prosadores e poetas. A repercussão a que nos referimos tem a sua razão de ser. O sr. Ledo Ivo, como poeta e como crítico, vivendo as mesmas angústias e os anseios de toda a classe, pôde sentir e, com apreciável percuciência e sinceridade, exprimir e conceituar, nos devidos termos, a orientação necessária e indispensável que deverá inspirar a todos os integrantes da "geração de 45".

Clamou o conferencista por uma definição mais clara e precisa dos mensageiros das novas formas e idéias; preconizou a necessidade de uma integração definitiva em postulados próprios dos que se atiram à realização de um novo capítulo de nossa história literária; e sustentou, finalmente, a idéia de se levar avante a cristalização dos valores dentro da uniformidade capaz de caracterizar uma "escola".

Destaque-se, principalmente, a sinceridade do poeta. Sua linguagem pairou alto, muito acima de egoísmos e cabotinismos. Não individualizou seus reparos oportunos. Como figura integrada no meio, fez, antes de mais nada, uma auto-crítica; e, assim procedendo, analisou com argúcia erros e virtudes, fazendo, ao mesmo tempo, uma profissão de fé, que vale, sobretudo, como o atestado mais fiel do entusiasmo e do vigor de que se acham possuídos os rebentos mais expressivos de uma geração, que se procura a si mesma, na ânsia muito respeitável de dar continuidade às manifestações mais puras da arte.

Oxalá seja objeto de devida atenção o suave roteiro aberto pelo poeta, naquela tarde esperançosa, em que, no Clube de Poesia, da Capital paulista, leu a sua mensagem sobre a "geração de 45".

EXUMAÇÃO BIBLICA

O dr. H. J. Plenderleith, zelador do Laboratório de Pesquisas de Museu Britânico, declarou que fragmentos de velhos textos hebreus com dois mil anos de antiguidade, pertencentes a uma compilação de relíquias do Velho Testamento, ora sob exame de sua parte "constitutam, talvez, os mais incalculáveis achados de toda a história da Bíblia". Informou ainda que Dankester Harding, curador de antiguidades do Reino do Jordão, tinha-lhe pedido que examinasse cerca de 150 fragmentos encontrados numa adega, nas plagas do Mar Morto, onde se descobriram pergaminhos bíblicos, há dois anos atrás. Identificando-os como datando de aproximadamente 150 anos antes de Cristo, Plenderleith declarou que o material era demasiado frágil para que pudesse ser analisado imediatamente, devido a sua antiguidade. Os pergaminhos tinham sido guardados em vasos vedados, tornando-se muito quebradiços.

SER POETA...

André Billy era um grande amigo de Apollinaire. Certa vez, passeavam juntos quando, lá pelas tantas, êste se pôs a dizer versos, improvisando mesmo algumas estrofes muito bonitas, o que fez Billy admirar-se.

— Então, és também poeta?

— Com toda a discreção, respondeu, em tom baixo de voz, quase em segredo, o amigo. E juntou, numa quase confidência:

— Mas, não digas a ninguém, pois se os diretores dos jornais em que trabalho souberem disso, perderei todo o prestígio junto a eles...

FREDÉRIC LEFÈVRE

Faleceu em Paris, o escritor e jornalista Frédéric Lefèvre, redator-chefe do

seminário "Nouvelles Littéraires" e que se celebrou como crítico e criador das entrevistas literárias.

Fredéric Lefèvre nasceu em 1889 e começou suas atividades nas letras em 1917, com a publicação do seu primeiro livro de crítica, "La jeune poésie française", publicando, em seguida, "Le Mépris Sauveur", que é um livro de ensaios filosóficos.

O renome desse escritor veio, contudo, em grande parte, da Seção "Une heure avec...", que manteve durante muitos anos em "Les Nouvelles Littéraires", onde apresentava uma série de entrevistas com algumas notáveis personalidades literárias.

Escreveu, ainda, "Matinées du Hêtre rouge" (1928); "Entretiens sur J. K. Hupmans" (1931; Sansons, fils de Sanson" (1931); "Le Sol" (1932); "Entretiens avec Paul Velery"; "Les Sources de Paul Claudel"; "Mes amis et mes livres"; "Les Réveries de Claustre Viell" (2 volumes) e "Orphée".

Fredéric Lefèvre pertencia, como oficial, à Legião de Honra.

BRASIL-URUGUAI

Foram alvo de expressivas homenagens, nesta capital, a escritora Angelina Silveira Aguiar e a declamadora Cesarina dos Santos Alvarez, ambas do Uruguai e que vieram ao Brasil, a convite da Associação dos Artistas Brasileiros, em viagem cultural.

Na recepção que lhe ofereceu a AAB as duas intelectuais do país irmão ti-



Ledo Ivo

veram oportunidade de fazer-se ouvir pela numerosa assistência ali presente, tendo a sra. Cesarina dos Santos declamado várias poesias de caráter infantil, de autores uruguaes, entre as quais "Canción de Natacha", de Juana de Ibarbourou; "Canción del Zapati Hecho Barco" e "Canción de la tortuga verde", de Ernesto Pinto; "Ronda de la Serna", "América Bendita" e "Rio de Janeiro", de Gaston Figuera; "Ciudad de Montevideo", de Humberto Zavilli; "La familia Gallinez", de Marajá Aguiar de Mariani; "Canción del Niño que quizo ir a la mar", de Luiz Bausero Bambi e Angelica Ferrari de Plaza.

ESCRITOR PARAIBANO

Em visita ao Rio, encontra-se o escritor paraibano L. Celso Mariz, autor de várias obras que mereceram aplausos da crítica.

Além do livro "Ibiapina, um apóstolo social do Nordeste" e de outros estudos sociológicos já publicados, entre os quais "Evolução Econômica da Paraíba", o sr. Celso Mariz está escrevendo uma biografia de Delmiro Gouveia, um dos pioneiros da campanha de aproveitamento do rio São Francisco.

IN MEMORIAM

O Instituto Interallado de Alta-Cultura prestou, no palácio Itamarati, uma homenagem à memória do Padre Leonel

Franca, uma das grandes figuras do magistério brasileiro, no qual pontificou como um mestre de notável cultura clássica.

A cerimônia foi presidida pelo sr. embaixador João Neves da Fontoura, presidente do Instituto, tendo falado os srs. Pedro Calmon, Sabóia Lima, Ferreira de Sousa, Prado Kelly, Austregésilo de Athayde, San Tiago Dantas, Jerzi Zbrozek, Levi Carneiro, Nilton Campos.

EXPOSIÇÃO DE LIVROS FRANCESES

Foi inaugurada no Museu de Artes Modernas, Edifício Banco Boavista — Avenida Presidente Vargas, uma exposição de livros e gravuras francesas.

Essa exposição, que reúne mais de 200 obras dos mestres e dos jovens artistas da Escola de Paris, ficará aberta até o próximo dia 7 e é patrocinada pelo Ministério da Educação do Brasil e pelo Centro Brasil-França.

GOETHE E A FRANÇA

Nos primeiros dias deste mês, será inaugurada, no Palácio Rohan, em Paris, a exposição "Goethe e a França".

O Palácio Rohan é propriedade dos Arquivos Nacionais que patrocinam a exposição, em comum com o Alto Comissário Francês na Alemanha, solenizando o bi-centenário do autor de "Werther".

GASTÃO DE BETTENCOURT

Deverá chegar brevemente a esta capital o escritor e jornalista português, Gastão de Bettencourt, chefe da Seção de Intercâmbio Luso-Brasileiro do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo.

Como anteriormente, o ilustre intelectual, durante sua estada entre nós, dará novo impulso às relações culturais entre os dois países, aproveitando a oportunidade para realizar três conferências sobre música portuguesa e subordinada ao tema geral "Música — devoção dos portugueses".

NOTAS ACADÊMICAS

"Ruy-orador" é o tema da conferência do sr. João Neves da Fontoura, a ser pronunciada na Academia Brasileira de Letras em comemoração ao centenário do grande tribuno e jurista baiano.

— Guilherme de Almeida reuniu toda a sua obra poética em um só volume, o qual deverá ser lançado no mercado literário dentro em breve.

— Dois livros de Cassiano Ricardo serão publicados brevemente: "Face perdida" e "Poemas Morais", os quais, segundo se anuncia, mostrarão novas perspectivas estéticas vislumbradas pelo estro do consagrado modernista.

— Conforme tivemos oportunidade de anunciar, o sr. Jorge de Lima já tem pronto mais um livro de versos, desta feita encerrando vários sonetos, que constituirão a sua volta aos tempos de iniciação poética, quando não havia ainda aderido ao movimento modernista.



MODELO N.º 1

Numeração de 36 a 44
Até Cr\$ 100,00 no varejo
Preço Cr\$ 78,00 por par
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 90,00 o par

★

MODELO N.º 2

Numeração de 36 a 44
Até Cr\$ 100,00 no varejo
Preço Cr\$ 78,00 por par
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 90,00 o par

★

MODELO N.º 3

Numeração de 36 a 44
Até Cr\$ 100,00 no varejo
Preço Cr\$ 76,00 por par
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 85,00 o par

★

MODELO N.º 4

Numeração de 36 a 44
Até Cr\$ 200,00 no varejo
Preço Cr\$ 145,00 por par
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 180,00 o par

ATENÇÃO SNRS. LOJISTAS

Oferecemos estes modelos nas cores preta, marrom e Havana.
CONDIÇÕES — À vista com 3% de desconto ou 90 dias sem desconto. Despesas de remessa por conta do comprador.

Escrevam hoje mesmo fazendo a sua encomenda para

FABRICA DE CALÇADOS JADE LTDA.

Rua Brito Melo n.º 127 — BELO HORIZONTE (MINAS GERAIS)



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

Examinem os nossos novos preços:

TIPOS DE PERFUMES	Essên- Extra- Lo- cias tos ções		
	10 grs.	50 grs.	1/4
Crepe Chine	12,00	22,00	30,00
Madeiras	12,00	22,00	30,00
Jasmin	10,00	22,00	30,00
Violeta	13,00	22,00	30,00
Rosa Natural	13,00	22,00	30,00
Q: Fleurs	15,00	25,00	35,00
F. Amour	15,00	25,00	35,00
Tab Blond	21,00	35,00	40,00
Narcisse N.	25,00	35,00	40,00
Mytzo	18,00	25,00	35,00
Tabul	25,00	35,00	40,00
Arp S.	20,00	35,00	40,00
Chan S S.	20,00	35,00	40,00
Nuit N.	25,00	35,00	40,00
Flor Maça FB	50,00	70,00	70,00
Arabesque FB	60,00	80,00	80,00
Casino FB	60,00	80,00	80,00
Soupplesse FB	50,00	70,00	70,00
Biarritz FB	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo FB	50,00	70,00	70,00
Heno del Campo FB	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles FB	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre FB	85,00	105,00	105,00
Champagne FB	60,00	80,00	80,00
Despesas de reembolso	6,00	6,00	6,00

NOTA — Não aceitamos pedidos menores de Cr\$ 100,00. Os perfumes marcados com as letras FB são legítimos franceses, em embalagem original.

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL PARA TODO O BRASIL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Avenida Marechal Floriano, 67
— Sobrado — RIO DE JANEIRO

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça
do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal,
Estado do Rio, Estado de São
Paulo, Estado de Minas Gerais

Todas as operações bancárias,
inclusive câmbio

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS
GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º andar — Sala 217



VARIZES

E HEMORRÓIDAS

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LIQUIDO

Jerusalém está no meu...

(Cont. da pág. 14)

"SOU COMO SOU"

Jerusalém está na ordem do dia na Assembléia das Nações Unidas e aproveitamos a oportunidade para ouvir a sua abalizada opinião sobre o assunto.

— "Muitos povos têm perdido partes dos seus territórios e poucos são os que as recuperaram. A Alsácia-Lorena é um exemplo disso. Israel é outro. Ninguém jamais ouviu falar na reconstrução de um estado depois de lhe tirarem a capital, Israel sem Jerusalém é o mesmo que o Brasil sem o Rio, a França sem Paris ou a Itália sem Roma. Não haverá paz no Oriente Médio, se Jerusalém for separada de Israel. Aliás, o destino de cidades internacionalizadas é provocar guerras e dissensões, como Dantzig e Fiume. Israel precisa de Jerusalém, e assegura a Paz em Jerusalém, dando as mais solenes garantias em relação ao livre acesso aos Lugares Santos. Temos uma compreensão por demais profunda do que a religião significa para o povo e isso constitui uma segurança de que saberemos conservar os monumentos sagrados da Cidade Santa e a mais ampla liberdade de crença aos fiéis de todas as religiões que ali têm o seu culto.

Voltamos a insistir com o libertador de Israel para que permitisse o trabalho da reportagem fotográfica, ao que finalmente acedeu, depois de muita relutância, exclamando: "Não gosto de poses, prefiro os gestos naturais porque sou como sou e não como me querem fazer".

A TRANSJORDÂNIA É UM PAÍS INVENTADO

Conforme o seu discurso, o "Irgun", agora politicamente "Heruth", é contrário à partilha da Palestina, e Menachem Begin assim nos respondeu sobre o ponto de vista do seu partido, a respeito das fronteiras de Israel:

Consideramos como base geográfica do Estado Judeu toda a Palestina, nos seus limites bíblicos, dos dois lados do Rio Jordão, a Cisjordânia, que é a atual Palestina e a Transjordânia, constituída em 1922 por desmembramento. Corra os olhos pela história e verificará que nunca existiu um país chamado Transjordânia, inventado pela Inglaterra, com a ajuda da Liga das Nações, que a criou tirando uma parte da Palestina, fazendo dela um reino e dando-a de presente a um príncipe da Arábia Saudita. Este príncipe quer tornar-se agora o rei da Grande Síria, pela união Síria, Iraque, Líbano à Transjordânia. O assassinato do general Zaim, ditador da Síria, é um dos frutos dessa política. Zaim foi morto porque se opunha aos planos de Abdulah.

NUM LIVRO A HISTÓRIA DO IRGUN

Só com grande dificuldade o repórter conseguia arrancar algumas palavras do líder do movimento subterrâneo na Palestina e uma reportagem quanto mais difícil, mais interessante.

Entramos no capítulo do passado, a história do Irgun Zvai Leumi, e procuramos indagar da soma em dinheiro que as autoridades britânicas tinham oferecido pela sua captura:

— "Os ingleses puseram a prêmio minha cabeça por dez mil libras" — e acrescentou com humor: — "Mas não desvalorizadas!"

Quando nos preparávamos para conhecer outros dados sobre as façanhas do exército clandestino por ele comandado, foi logo dizendo:

— "Leia o resto no livro que vou publicar brevemente!"

A curiosidade entrou em cena — indagamos o título, a resposta foi esta:

— "O senhor já viu dar-se nome a uma criança antes dela nascer?"

OBEDIÊNCIA

(Cont. da pág. 24)

sua mãe. Era incrível que tivesse vindo de tão longe, enfrentando o suplício de uma caminhada esfalfante, tivesse espedido as suas forças na esperança única de comer e agora, uma breve ordem, numa ironia atroz "já comi obrigado". Era demais. Queria comer, comer muito, devorar todas as iguarias, saciar sua fome de oito dias. Sentiu pontadas nas costas, náuseas, as pernas bambeavam e escureceu-lhe momentaneamente a vista. Reagiu. Equilibrou-se. Não era possível, pensava, ela vai revogar a ordem. Sua mãezinha era austera e o educara numa férrea disciplina, mas nunca fora cruel até este ponto. Levava-o hoje faminto, esfarrapado, suquinho, com os pés dilacerados até aquele palacete, depois de uma longa abstinência e agora, sem razão, inexplicavelmente ordenara-lhe que não comesse... Todo o seu organismo era uma reação violenta da fome, todas as moléculas do seu frágil corpinho gritavam-lhe: Comida! Comida! Seu pequenino cérebro não tinha mais controle, já não raciocinava. Uma aflição, uma agonia lhe invadia o peito. Quis falar, argumentar, não pôde. Não tinha mais voz. Esforçou-se para ao me-

nos chorar, lenitivo supremo dos desgraçados, mas também os seus olhos, única beleza física que possuía, estavam enxutos, terrivelmente secos, fixados obstinadamente, com alucinação, na comida, nos pratos ambicionados... Olhou-os bem. Piscou os olhinhos apavorados, e, curioso, as travessas agora haviam criado asas e voavam... voavam em seu redor e depois subiam para o céu vertiginosamente... Sim. Agora via bem. Correu à porta da cozinha, por onde saíram eles e ficou-se a olhá-los dolorosamente em sua ascensão incrível. Tapou os olhos para não ver. Reabriu-os. Suas mãozinhas estavam geladas de emoção. Compreendeu tudo. Era uma partida cruel que os anjinhos lhe haviam pregado. Lá estavam eles comendo os seus manjares, rindo-se alegremente e ainda jogavam-lhe, lá de cima, os ossinhos limpos, completamente limpos...

— Julinho, como vai você, meu filho? — Acordou da apatia em que ficara. Abriu os olhos. Era tia Chiquinha. Deixou-se abraçar sem nada dizer. Ainda estava estonteado. Não vivia. Só os seus ouvidos captavam tudo. Ouvia sua mãe rejeitar o jantar, alegando que já haviam comido, rejeitou ainda "um youco de doce" porque ia retirar-se, viera apenas para cumprimentá-la. Ouvia sua tia insistir: — "E o menino, já comeu?". Acordou. Olhou para ela. Seu coração teve um bater mais forte. Era sua cartada decisiva. "Sua mãe respondera que "o menino já comeu, obrigada". Como podia ela dizer semelhante monstruosidade, quando o seu organismo todo gritava fome, fome, estou com fome. Quero comer!? — Deu-se, então, o prodígio. Sua esperança última não falhara. Sua avó, fazia-lhe um sinal. Tia Chiquinha ajoelhou-se perto dele e abraçando-o perguntou, olhando-o bem nos olhos: — Julinho, meu filho, você já comeu? — Pausa. Silêncio. Angústia. Luta. Cãos. Ouvia a orquestra tocando uma valsa lenta, triste, muito triste. O cheiro da comida chegava-lhe às narinas, supliciando-o atrozmente, dilacerando-lhe a disciplina. Ia desmascarar sua mãe. Confessaria que não tinha comido há oito dias e tinha certeza, sua avózinha estaria do seu lado. Ela de longe fazia-lhe sinais tão esperançosos... Ouvia risos de crianças felizes e bem nutridas. A velha criada que lhe ofertara uma empada chegou-se ao grupo, falando: — Este menino parece que tem fome, D. Chiquinha. Sua mãe não tá falando a verdade... — sentiu uma alegria tomar-lhe a alminha. Possuía um advogado para a sua fome. Sentiu-se elevado do solo. Tia Chiquinha levantara-o nos braços perguntando com meiguice: — Fale, meu filho, você já comeu hoje? Lembre-se que um homem não mente!

Julinho olhou de novo para sua avózinha, que o encorajava sorrindo, olhou depois para sua mãe que o fitava séria, muito séria e compreendeu que a revogação da ordem tão ansiosamente esperada não viera, compreendeu que mais uma vez tinha que obedecer como sempre, sem raciocinar, sem revolta, passivamente... Sentiu que ia morrer. Olhou em volta as prateleiras, os pratos tentadores como quem diz um último adeus a uma coisa que nunca mais verá e, finalmente, sentindo as pérolas puras do seu pranto chegarem acompanhadas de soluços terríveis que procurou dominar, com os olhos muito abertos, de onde corriam dois fios silenciosos mas incontidos, heróico, sublime, valente e, sobretudo, obediente à ordem materna, respondeu baixinho, a chorar e a rir: — Já comi, sim senhora, muito obrigado...

VIVER COM AMOR

(Cont. da pág. 54)

vários dias ela procurou, persistentemente, recusar pensar nele. Com certeza Scott alimentava esperanças a seu respeito, tanto assim, que, ao saber que ela vinha a Nova York, lhe dissera ficar em Clinton à sua espera. Carol sabia que, em face da velha amizade que sempre existira entre ela e ele, devia haver algum perigo. Perigo para ambos. E como seria fácil realizar esse casamento!

Scott tinha uma natureza sensível e era muito diferente psicologicamente em relação a Bill, pessoa a quem não viria a unir-se mais, evidentemente. Quanto

a Scott, possuía ele uma qualidade que não podia ser facilmente desprezada, esquecida. Podia fascinar e, ao mesmo tempo, aborrecer. Pensava Carol que, se por acaso, viesse ela a unir-se a Scott, cometendo um grande erro em sua vida, estaria ela confortada pela lealdade de Scott. Logo que regressasse ao seu apartamento, ali encontraria Scott. Ao contrário de Cornélius, que sempre procurou gastar bastante; ao contrário de Clive, que sempre se colocou numa espécie de penumbra, escondendo o seu espírito, Scott estaria ali constantemente, em pessoa. Mas, seria ele uma pessoa já suficientemente conhecida e na qual pudesse confiar de olhos fechados?

Pensando nessas coisas Carol esteve desperta longo tempo antes de pegar no sono.

No dia seguinte, à hora aprazada, Cornélius telefonou-lhe com aquela voz alegre e cheia de felicidade, repetindo o convite. Carol não se sentiu com bastante coragem para recusar. E prometeu encontrar-se com ele para o almoço.

Freda estava contente com essa amizade e, gracejando, disse à amiga:

— Isto me dá motivos para regressar à nossa casa, querida. Deixo-a aqui em pleno romance com o seu belo amigo e levá-la a passeios e jantares. Tenho que voltar para casa. Ian precisa de mim. Gosto de saber que sou indispensável. Ainda ontem à noite, numa de nossas conversas pelo fone ele me comunicou em tom de queixa que a empregada lhe estava dando apenas duas espécies de vegetais, quando eu sempre lhe arranjei três. — e riu jovialmente. — Muita gente da própria família de Ian não pode compreender como pude eu torná-lo um homem feliz. Aham até graça nesse milagre. Mas isso é muito simples. Sempre procurei fazer as coisas como ele gosta, e isso me torna também feliz. Conservo a engrenagem doméstica muito bem lubrificada. Nenhuma peça se enferruja. Tudo vai bem. O que faz que muitas mulheres falhem como esposa é a suposição de que a simples rotina satisfaz o marido. Não; eles precisam sempre de algo mais do que o vulgar, do que o comumente confortável.

— Freda, — disse Carol decidida — não há nada que me faça permanecer aqui se você volta. Eu irei com você.

— Mas há muita coisa que pede sua permanência aqui, querida. Mas adivinhe o que se passa em seu coraçãozinho. Você está temendo que o velho esteja alimentando esperanças a seu respeito e você não queira molestá-lo com alguma negativa... Mas você pode ir proporcionando-lhe momentos de prazer, gastando os cobres dele, dentro da maior gentileza e finura, da maior linha de conduta, acompanhando-o a todos esses passeios, jantares e danças, concorrendo para um pouco de alegria naquele coração isolado, sem que sobrevenha qualquer compromisso final.

Freda fez um gesto com a cabeça e tornou com voz baixa, expressão cheia de ternura:

— Mas, eu sei Carol, que você prefere, ou melhor, preferiria comer um ca-

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1, e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carleca, 20 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME
RUA Nº
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

chorro quente com uma xicarazinha de café com Bill não é mesmo? Todo o dinheiro que Cornelius gastar com você, nada significa, não é mesmo?

— Mas — disse Carol a olhar fixamente através da janela — Mas... quando eu regressar a Clinton não vou mais permanecer como se fosse casada com Bill e ele estivesse ausente. em alguma viagem. Quero tornar-me digna de mim mesma e trabalhar. Vou procurar um trabalho, seja qual for. Trabalharei por qualquer salário. Mas irei fazer alguma coisa. Desejo sentir-me útil. Empregar-me-ei nem que seja em subscrever envelopes à máquina oito horas por dia. Quero tornar-me uma mulher que perdeu o marido, mas também que vai provar que o divórcio não a inutilizou. Perdi meu espóso, que era meu desejo de viver. Agora vou arranjar outro meio de vida, um emprego.

— Sim — disse Freda — muito bem! Mas eu desejo que você permaneça em Nova York por mais alguns dias e se divirta muito. Você sabe, querida. Muito lamentaria eu se você causasse tamanho desprazer ao coração daquele amigo com um milhão de dólares! Não deve voltar já para Clinton. Corresponda ao pobre Cornelius Weger, que tanto precisa de um coração amigo...

Continua

ESMOLAS

(Cont. da pág. 58)

— Meu caro... hum... pois é... são coisas que o senhor compreende perfeitamente, não está ao meu alcance realizá-las... Não sou também — sorri li-sonejado — tão importante que possa arrumar e desarrumar coisas dessa alçada. Hum... o senhor compreende... Há certas dificuldades...

A essas horas o homem do pedido também terá levantado da cadeira, e estará ao lado, de chapéu na mão, muito solícito, sorridente:

— O senhor pode sim, doutor! Nós votaremos no senhor porque é um homem que pode tudo!

O sorriso do proprietário dos tapetes e do porteiro irá se alargando, mudará de cor e se transformará num abraço camarada de correição.

— Pois é, meu caro! Vamos ver se poderemos dar um jetinho nisso. Segunda-feira mande o rapaz. Veremos o que se pode fazer.

— Muito obrigado, doutor! Vou dizer aos meus amigos que poderão dar seus votos com confiança. Sempre estou dizendo. Honesto, só mesmo o doutor! Até segunda, doutor! Passe bem, doutor!

★

Na rua os esmoleiros continuam de mão estendida e passando fome. Mas, segunda-feira, uma vaga estará preenchida por um rapaz muito eficiente.

N. B. — Mas para pedidos de esmolas é preciso que o sobretudo não esteja muito suado e que se tenha qualquer influência, nem que seja só no bairro.

TORMENTA

(Cont. do número anterior)

De feições transtornadas pelo ódio e pela humilhação, com todo o seu ser vibrando de indignação, Marciana punha à prova toda a sua presença de espírito e advertia os companheiros, já con-

taminados pela mesma revolta. O coronel! O Jerônimo! Misericórdia!... Não, gente! Não! Deixassem-no ir! A custo os dois negros libertaram o engenheiro que, mudo, desarmado, imbecilizado e sangrando nos cantos da boca, subiu correndo o morro e desapareceu. Marciana rompeu num pranto convulso. Maneco abraçou-a e quis consolá-la, mas Jovino sentenciou:

— Deixa ela chorar, é bom p'ra desabafar.

Tinha chegado a tempo. De volta do terreiro ouviram o primeiro grito da cabocla e correram para acudir-la. Viram-na ainda se debatendo contra o seu agressor e assistiram ao seu último esforço para libertar-se dele. Começaram a subir o morro.

— A água, gente! — lembrou Marciana.

Riram do esquecimento e Jovino voltou correndo para ir buscar o balde. Quando penetraram no quarto de tia Rita pareciam ter esquecido o incidente.

Quem não vivesse nos arredores da casa da fazenda acreditaria mesmo que aquela animação de reforma não passava de fogo de palha. Ao fim de uma semana ainda não se falava em vatejar mato. O doutor Silva, porém, tinha adoecido — informaram as empregadas da casa; já no dia seguinte ao da festa ele amanheceu de corpo moído, com dor de garganta e com o rosto inchado de nevrálgia. Uma gripe brava — concluíram. Como não queria médico, ia-se tratando com os recursos caseiros, aspirinas, gargarejos, bochechos, e muito repouso. Era a tal coisa — comentavam; o homem não tinha costume dessas pagodeliras de roça, afrouxou. Dançar e pular no sereno à beira de fogo não era p'ra qualquer um; não estando acostumado, pronto, arriava. Com relutância, Amâncio foi visitá-lo. Com relutância, porque sabia do incidente da bica. Marciana contou-lho. Amâncio precisava saber. Era o camarada mais respeitado da fazenda o elemento de maior confiança do coronel. O que ele dizia à negra, fazia-se. Por isso gostou de que Marciana lhe revelasse o segredo, como aprovou sem restrições a atitude que ela adotou. Ninguém mais precisaria saber do acontecido até ver-se onde a coisa iria dar.

— Eu falo com o Maneco e o Jovino — disse ele.

Marciana repetiu-lhe que já havia recomendado segredo aos dois crioulos.

— Bom, mas eu vou falar de novo. Se bem que aquele desaforado merecia uma lição.

Defrontou-o agora como se nada soubesse.

— Pensando bem, seu Amâncio — disse o engenheiro — acho que o senhor podia levar o pessoal desde já. Eu não sei se ficarei bom ainda esta semana, e vós vamos precisar da madeira seca muito breve.

— E' o que eu estou pensando.

— Não acha bom subir logo?

— Perfeitamente, doutor. Deixe isso comigo.

— Então está combinado. Tenho fé que antes de vocês acabarem eu darei um pulo até lá em cima.

Querida ver que o homem pretendia ficar depois de tudo que aconteceu!

— Com o Maneco e o Jovino de olho nele, é ter muita coragem! — acrescentou Marciana ao ouvir aquilo.

Para ela o cinismo do engenheiro significava que as suas apreensões ainda perduravam. Vivia naqueles dias como que flutuando — dizia — pisando em ovos, sob o temor constante de que o marido ouvisse alguma coisa. Que ele ao menos não lhe perguntasse nada, nem ao menos tocasse no nome do doutor. Jerônimo, porém, era o mesmo homem. Só uma vez comentou com ela e Amâncio a demora em atacar o serviço seguinte do plano do engenheiro, mas a conversa mudou de rumo. Finalmente o chamaram e lá se foi ele com outros morro acima.

Contra a vontade dos camaradas, as mulheres combinaram levar-lhes o almoço e para isso reuniram-se todas no terreiro da fazenda, de onde partiam juntas para o local de trabalho dos seus homens. Esta circunstância permitiu a Marciana verificar que o caso da bica

não havia transpirado, mas, por outro lado, deu ensejo ser vista de longe pelo engenheiro, ainda enfiado em casa. Daí ele seguia com a vista o magote de mulheres rumo ao morro grande que se descortinava sob basta vegetação, e horas depois as via de volta. Marciana nem ao menos olhava para o lado da casa. Tão calma estava a situação que a mente do rapaz povoou-se de interrogações. Seria possível mesmo que a cabocla tivesse imposto silêncio aos dois crioulos? Sabia do que representava o preto Amâncio na fazenda, e ele falara-lhe com absoluta naturalidade. O coronel visitou-o uma vez, três dias depois da festa, e era um completo inocente de tudo. Ninguém da casa traía o menor sinal de conhecimento do caso. Espantoso! Então era aquilo que se dizia ser vingança de caboclo? Ou lhe estariam preparando alguma cilada? Não parecia viável, pois jamais imaginaria que Jerônimo, que já simpatizava com ele, esperasse tanto por uma tal desforra, nem que fizesse véspera para isso. Não, o mais certo era que o incidente continuava ignorado. Mas por que esse segredo? Começou a roê-lo a traçoira curiosidade de saber do que se passava atrás de tudo aquilo. Entretanto, por onde começar? Marciana pareceu-lhe ainda a fonte propícia para a sondagem. Mais de uma vez a reviu em pensamento e nela persistia sempre algo a atraí-lo, além da sua provocante beleza. A dificuldade da conquista espiçava-o. Feriu-lhe a validade o fracasso da sua tática inicial. A segunda prova custou-lhe quase uma tragédia. Que lhe reservaria a terceira tentativa? Aquêlê véu de mistério que o protegia da fúria do marido ultrajado, intrigava-lhe a imaginação. Não seria um sinal encorajador?

Assim divagando chegou ao dia em que resolveu voltar à atividade. E o seu primeiro passo foi visitar a turma em serviço na mata. Mandou selar o cavalo e partiu depois do almoço. Na subida do morro pôde admirar a extensão do trabalho já executado; o gado pastava livremente e aqui e ali amontoavam-se ramagens ressequidas que outrora lhe vedava opulentas áreas de capim. Um trilho sinuoso indicava o rumo tomado pelos homens e o cavaleiro seguiu-o, ansioso por alcançar a orla da mata que avistava. Mesmo aí eram visíveis os sinais da passagem dos camaradas: caminhos devastados, cipós podados, clareiras limpas, e ouviam-se dali os sons de vozes e o eco dos choques do aço contra a vegetação. Estava perto, portanto, do pessoal. O engenheiro desmontou, prendeu a rédea num tronco, e continuou a caminhada a pé. Não tardou a encontrar os primeiros homens que o cumprimentaram alegremente. O resto estava em cima, que subisse. Deu com algumas mulheres que desciam de volta à casa. Saudou-as, sorriu-lhes, e foi andando. Então elas já voltavam, e vinham por ali! Retardou os passos e inspecionou com o olhar o local. Os rumores do trabalho vinham de muito perto, mas não se via ninguém. O trilho descia contornando uma pequena elevação do terreno e beirando uma longa toceira de arbustos. O moço parou e disfarçou-se com o admirar o nitoresco daquele trajeto da mata. E não teve que esperar muito, porque soaram passos e logo surgiu na pequena curva o vulto de Marciana. Ao vê-lo a cabocla estacou. Quis voltar, mas deteve-se. Seu aspecto era de completa perturbação. Ergueu, porém, o busto e avançou. O engenheiro esperou-a e interceptou-lhe os passos.

— Sai da frente, moco! — exclamou ela. — Não começa outra vez não!

— Mas você me julgou mal...

— Arreda, moço, eu já disse!

O engenheiro insistiu

— Deixe-me falar com você...

— Não tem nada que falar coisa nenhuma!

— Ora, deixe-se disso...

Marciana recuou um passo, fitou-o severamente e advertiu-o:

— Olhe, doutor: da primeira vez eu evitei, mas dessa vez não vou poder. Não engraça não!

O moço esboçou um sorriso de sacismo mas não se arredou do lugar. A cabocla juntou os objetos que trazia e avançou disposta a abrir caminho.

(Conclui no próximo número)



"Super-it" PARA O SEU OLHAR



com uma simples e agradável aplicação de Cilion, duas vezes por dia. Cilion dá nova beleza às pálpebras, escurece, alonga e recurva os cílios, dá brilho às sobancelhas, impedindo ao mesmo tempo a formação de caspas e terçóis.

Prefira o TURO GRANDE rende mais e custa relativamente, muito menos



CILION

embeleza e protege os olhos



A belera ao seu alcance

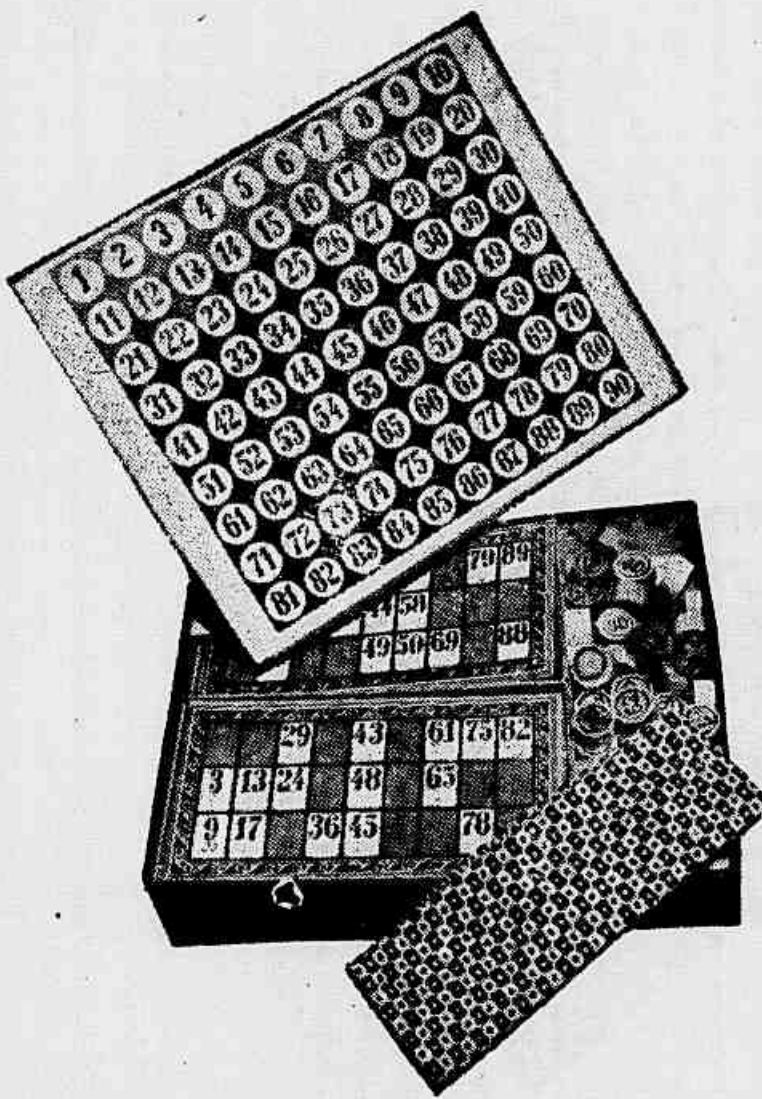


É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO, ESPINHAS, CRAVOS, PONTOS SARDAS, ETC. CONSERVA A CÔRTEZ SEMPRE LISA, SEDA E ACETINADA.

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Rua Souza Dias, 23 - RIO.

**OPORTUNIDADE RARA!
UMA CAIXA COMPLETA
CR\$ 50,00, APENAS!...**



VISPO-BINGO!...

VALE MUITO MAIS

O novo divertimento popular, para
casas de famílias, clubes, etc.
Grande sucesso em toda parte!

A caixa contém:

60 cartões

1 quadro de marcação

90 pedras gravadas a fogo nos dois lados

1 sacola de tecido forte.

**PREÇO DA CAIXA COMPLETA
CR\$ 50,00**

**PAGAMENTO POR CHEQUE, VALE
OU REEMBOLSO**

**MANDE SUAS ENCOMENDAS POR
CARTA AÉREA OU TELEGRAMA A**

P. S. GUIMARÃES

AV. RIO BRANCO, 277
SALA 1205 ★ RIO DE JANEIRO
ENVIAMOS O VISPO-BINGO
IMEDIATAMENTE

HISTÓRIA DE UMA LUVAS BRANCA

(Cont. da pág. 36)

do meu próprio ser. Depois, tirou da bolsa uma luva branca — a mesma que nos aproximara — e disse:

— Leve-a!

Quando me afastei, sentia algo estranho no coração. Parte do meu ser parecia ter-se desprendido.

Voltava ao Hotel, ainda com a pequenina luva branca entre as mãos, e uma súbita interrogação despertou-me: o nome dela? A embriaguez do sonho até isso ocultava...

★

Ferreira foi o primeiro a dar-me a dolorosa notícia:

— Pois é, Mineirinho; parece mentira, mas a verdade é que temos mesmo de regressar. A ordem chegou ainda há pouco. Nossa Unidade vai mudar de frente, atendendo aos imperativos da "Ofensiva da Primavera". Até o Tenente ficou furioso, pois ele já estava em franca progressão...

Por um instante custou-me acreditar que as nossas férias iriam durar apenas um dia. Desatinado, fui ao Tenente, tentando explicar-lhe a minha situação. Queria somente algumas horas do dia seguinte, para saldar "um compromisso"...

Meu superior olhou-me complacente. Apontando para o objeto que eu nervosamente sustinha na mão, falou:

— Olhe, Sargento: também eu tinha um "compromisso"...

Nada mais objetei, quando ele me mostrou uma delicada lembrança de mulher.

A "Ofensiva da Primavera" foi uma epopeia para a F.E.B. A cada avanço correspondia a tomada de mais uma cidade. Nesta nova fase de operações a minha vida intensificou-se. A pequenina luva branca tornou-se minha mascote, acompanhando-me em todas as incursões ao campo do inimigo. Ferreira fazia "blague" comigo, dizendo que na primeira missão perigosa de que fosse incumbido, haveria também de levá-la, a fim de provar-lhe a resistência contra as balas inimigas. Nunca levei isto a sério, mas no dia em que meu amigo chegou ferido depois de tomar parte numa Patrulha noturna, minha admiração não foi maior do que o meu pesar. Suas últimas palavras penetraram fundo em meu coração. Tirando do bolso a minha mascote, tinta de sangue, ele falou:

— Nunca dei sorte com italiana... Tome, tire-a quando você dormia.

Meus olhos ficaram úmidos. Tinha a impressão de que pela primeira vez via morrer um bom amigo.

★

Quando o navio deixou o Porto de Nápoles, rumo ao Brasil, meu pensamento voltou-se para aquela casa de campo, nos subúrbios de Roma. Lá eu devia ter voltado, mas o destino achava melhor eu esquecer tudo, colocando à minha frente uma série de obstáculos intransponíveis. Esquecer! Como? Recordações como aquelas não se podem olvidar. E o suceder dos dias mais aumentava a minha melancolia. Numa tarde, debruçado sobre a amurada do convés, meu olhar concentrou-se sobre a mancha de sangue ainda existente na pequenina luva branca.

Aquela mancha pouco a pouco pareceu-me crescer, tomar forma, até dar-me a ilusão de ter diante dos meus olhos o meu amigo Ferreira. O vento trazia-me aos ouvidos as suas palavras: "Nunca dei sorte com italiana..." Pela primeira vez senti um ódio tremendo daquele pequenino objeto branco. Ergui-o num gesto brusco, deixando-o cair em seguida. O vento soprava fortemente, inflando de ar a pequenina luva, que assim tomou a forma de quando vestia a mão que um dia eu tive entre as minhas. Relutando em imergir nas ondas, parecia dar-me o último adeus, até que o vento cessou. Lentamente ela foi caindo, caindo e mergulhou nas águas frias do Mediterrâneo.

F I M .

O GALÃ QUE SE DESILUDIU

(Cont. da pág. 27)

a maioria de emissora cariocas. A atuação desse artista nos dramas seriados, data do lançamento de "Em busca da felicidade", quando foi chamado a fazer o "dr. Alexandre", devido a carência de elementos masculinos. Desde, então, não mais interrompeu seu trabalho nesse gênero. Brilhou em "Renúncia". Arrancou lágrimas em "Maldição". Empolgou no "Diário de Janine". Satisfez em "Ternura". Porém, no seu entender, sua grande criação foi em "Fatalidade", novela em que viveu o "dr. Jerome", aquele médico francês que a imaginação de Oduvaldo Viana criou. Celso apaixonou-se pelo tipo, aprendendo a imitar o sotaque francês para melhor interpretação do personagem.

CINEMA SÓ PARA ATRAPALHAR

O filho do ferroviário Carlos Hummel Guimarães vivia felicíssimo no rádio, não fosse aquela pontinha feita no filme "Fazendo Fita". Era diretor-artístico da PRE-8, ganhava bons cobres, mas a miragem do cinema nacional começou a inquietá-lo. Não resistiu à tentação. Por isso, resolveu deixar o importante cargo da Nacional para empregar-se a fundo na sétima arte. Foi quando Raul Roulien, iniciou a filmagem de "Asas do Brasil", que um incêndio veio a destruir mais tarde. Celso, escolhido para galã, sofreu bastante com o acontecido. Mas uma nova película estava para ser rodada. Ele, refeito do que acontecera a "Asas do Brasil", participou de "Aves sem ninho", tendo como "partenaires", Rosina Pagã e Déa Selva. Mais tarde, voltou em "Argila", produção que a crítica não recebeu muito bem. A seguir, tivemos-lo em "Caminho do céu" e "Segredo das asas", este um documentário do cinema educativo. Depois, junto com Cacilda Becker e Grande Otelo, filmou "Luz dos meus olhos". A convite de Moacir Fenelon, refiz "Asas do Brasil", aparecendo ao lado de Paulo Porto, Lourdinha Bitencourt, Oscarito e Saint-Clair Lopes. Recentemente, trabalhou em "Terra Violenta", uma produção que reuniu Maria Dela Costa, Saddi Cabral, Heloisa Helena e outros cartazes.

Mas, toda essa atividade cinematográfica do criador do "Teatro em casa", não lhe trouxe os resultados financeiros que era de esperar. Ele recebeu por esse trabalho exaustivo, que compreende a feitura de oito películas, a importância de quarenta e quatro mil e quinhentos cruzeiros, ou seja cinco mil e quinhentos e sessenta e dois cruzeiros e cinquenta centavos por filme. Dai, o indagar com certo amargor: — "Vale a pena ser artista de cinema no Brasil?"

Isso não quer dizer que Celso esteja desanimado. Com dois filhos para criar — Vera e Celso — ele projeta um programa de rádio ligado a empreendimentos extra-rádio de larga repercussão. Também espera escrever uma peça de teatro, sobre o drama da seca no Ceará. Além disso, última os capítulos de um livro sobre o rádio por dentro. A par de todos esses projetos, há o desejo de aumentar sua coleção de pratos brasonados, em que figuram peças de extraordinário valor estimativo, os quais irão ornar a casa que o conhecido artista vem de adquirir em Copacabana, uma vez que o prédio onde reside, dentro em breve, cederá lugar a um arranha-céu.

Elas brincavam de patinar no gelo

(Cont. da pág. 25)

químicos, independe de qualquer temperatura. Se não podemos assistir a um "show" ao natural, de "skies" deslizando pelas nossas montanhas, em mercê do nosso clima — valha-nos a esperança dos "sucédâneos" obtidos por esse processo...

A propósito, damos, nestas páginas, alguns flagrantes do "show" no gelo que o Rio está assistindo. Nêle se destacam Genevieve Norris e Dorothy Day, duas excepcionais figuras dessa modalidade desportiva, tipos de real beleza, de plasticidade irrepreensível e de excepcionais dotes coreográficos realçados pelo primor de sua execução em patins prateados.

**Para a saúde e a beleza
dos seus cabelos!**



**LOÇÃO
TÔNICA
MAC BIR**

Um produto
cientifica-
mente
preparado

A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma garantia de saúde para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o embranquecimento e a queda dos cabelos!

A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr\$ 35,00

Atendemos também pelo Reembolso Postal

1 VIDRO Cr\$ 40,00 - 3 VIDROS Cr\$ 100,00

6 VIDROS Cr\$ 192,00 - LIVRE DE PORTE

Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - RIO - D. F.

**GRIPE
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



TRANSPIROL

Publicidade para o

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.º andar

— Sala 217 — Fone: 6-6718

Nº 25

A MULHER SCARLET

INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM



MALIGNANT NÃO PERDEU TEMPO. AÍ SE APROXIMA UM DE SEUS MANDATÁRIOS

CARNICEIRO, UM DOS MELHORES ASSASSINOS DE MALIGNANT, LOGO DESCOBRIU QUE SANDY ERA PARCEIRO DE MISS O'NEIL

APOSTO QUE É ELA...



TEMOS CERTEZA QUE PODEREMOS ENCONTRAR O LOCAL...

CHEGA, SCARLET. ALGUÉM SE APROXIMA...



E ENQUANTO MALIGNANT ESTÁ PREPARANDO OS PLANOS PARA O SEU ÚLTIMO ASSALTO, CARNICEIRO ESTÁ TENTANDO ABRIR A PORTA DE SCARLET.

PARA QUE NÃO HAJA FALHAS, FAZEI UM ESQUEMA. O BANCO DA RUA BODEN ESTÁ LOCALIZADO A UM QUARTILHÃO DAQUI...



PRESTEM ATENÇÃO... ÀS 7,15 INICIAREMOS UM INCENDIO AQUI. DEPOIS NA CONFUSÃO, ASSALTAREMOS O BANCO.

ÓTIMO!



PRECISA DE MIM, SR. MALIGNANT?

ENTRE, HUNKY. VOCÊ ESTÁ ALINHADO. TENHO UM SERVIÇO PARA VOCÊ. PAGO 500 DOLARES.



APOSTO QUE VOCÊ NÃO SABIA QUE TINHA ESCADAS AQUI!

DESCÇA COMIGO ATÉ O DEPOSITO.

PUXA! OS ARMARIOS ESTÃO SUBINDO

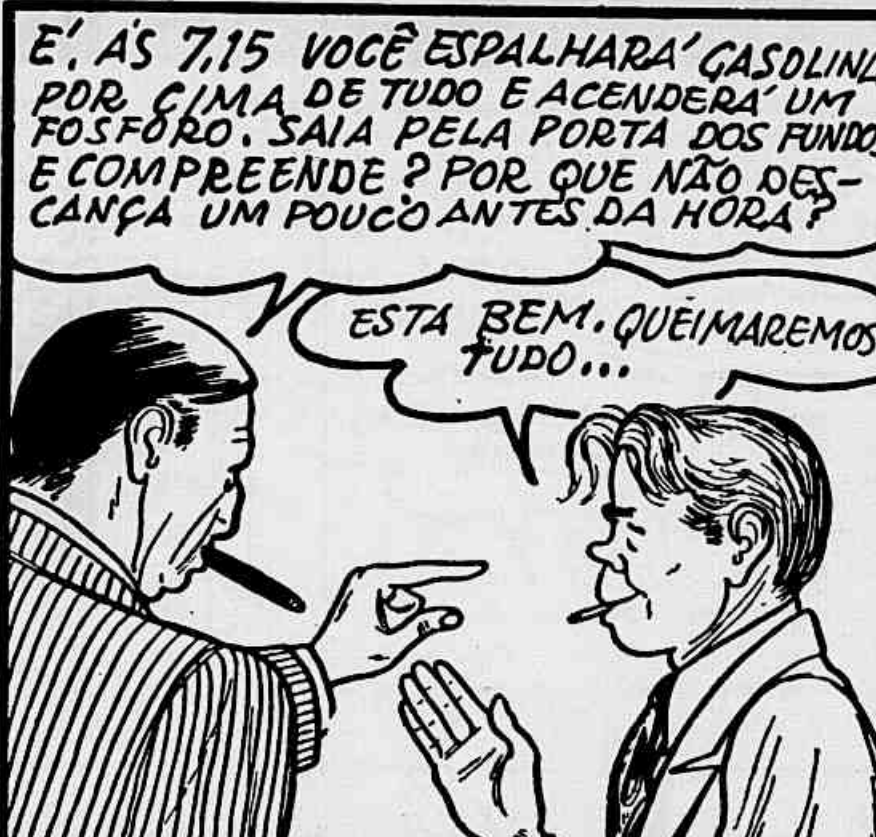


TENHO UMA FORTUNA DE MATERIAL ROUBADO AQUI. PENA QUE TENHA DE QUEIMAR?



E' ÀS 7,15 VOCÊ ESPALHARÁ GASOLINA POR CIMA DE TUDO E ACENDERÁ UM FOSFORO. SAIA PELA PORTA DOS FUNDOS E COMPREENDE? POR QUE NÃO DESCANÇA UM POUQUINHO ANTES DA HORA?

ESTA BEM. QUEIMAREMOS TUDO...



E' PENA QUE EU NÃO POSSA APROVEITAR MAIS O GARDTO. MAS NÃO POSSO ARRISCAR-ME. A PORTA DOS FUNDOS ESTARÁ ABERTA, MAS NÃO AS GRADES DE FERRO...



ENQUANTO ISSO, NO APARTAMENTO DE SCARLET ESTÁ ALGUÉM TENTANDO ABRIR A PORTA. PREPARE-SE...

CLICK
CLICK



VIVER COM AMOR

Conclusão do capítulo XIV

DEPOIS daquela vexatória cena entre Carol e a ciumenta esposa de Johnny, Carol só foi encontrar tranquilidade em Nova York, em companhia de sua amiga Freda. Palestravam as duas sobre a natureza humana. Na opinião de Freda a natureza humana só mudava quando ainda se é moço.

— Quando não se está com todo o desenvolvimento físico e espiritual terminado, podemos mudar, mas, em caso contrário, não. Um homem ou uma mulher que chega aos trinta anos, não muda mais. Uma mulher pode mudar a cor de seus cabelos, perder algumas libras de peso, porém, seu caráter, sua personalidade e desejos ficarão os mesmos. Penso que a melhor maneira de fazer um homem feliz é não procurar alterar-lhe o caráter.

Freda sorriu, prosseguindo na sua esplanção filosófica:

— Vou confessar-lhe uma coisa que jamais disse a outra qualquer pessoa. Logo que me casei com Ian, ele saiu para dar, sozinho, um passeio num sábado à noite. Nunca soube para onde foi nem o que foi fazer. Jamais lhe perguntei. E fiz muito bem. Era um hábito dele, contra o qual não fiz nenhuma objeção ou perguntas de suspeitas inúteis.

Quando as duas terminaram a refeição, Carol pôde, enfim, ver quem era o cavalheiro que estava insistentemente a olhá-la pelas costas, conforme lhe advertira Freda, desde que ambas se sentaram para a refeição.

Tratava-se do velhote gordo e sempre de bom humor, Cornelius Weger, um dos companheiros de Carol naquele cruzeiro turístico.

Cornelius mostrou-se contentíssimo quando Carol o fitou e se deu a conhecer. Estava ele muito bem penteado e elegantemente vestido com um terno cinzento.

— Ora muito bem! — exclamou ele. — Que surpresa esta! Como é delicioso ter oportunidade de vê-la novamente! — e sorriu jovialmente.

Antes de ser Freda apresentada a ele, foi o gorducho Weger, de Detroit, dizendo logo à amiga de Carol:

— Não precisa retirar-se. Espero que vão ter tempo de conversarmos um pouco.

— Muito obrigada, mas receio que não vamos poder atendê-lo. Temos agora mesmo um compromisso já marcado — disse Carol com amabilidade.

— Onde está residindo? — e para Freda, antes de Carol responder: — Agora não vou consentir que ela me escape...

— Eu o ajudarei a esse respeito — respondeu Freda. — Ela está, por enquanto, aqui mesmo neste hotel.

Cornelius hesitou um instante. Em seguida perguntou a Carol:

— Quer ir esta noite ao teatro comigo? Presumo que você ainda não viu todos os "shows" da cidade. Vamos a um onde haja espetáculo e jantar. E o convite é extensivo a Mrs. Kelly!

— Muito lhe agradeço — disse Freda. — Mas não posso aceitar pelo motivo de estar justamente esperando meu esposo esta noite para irmos ao teatro.

Carol pensou consigo mesma: — "Ele deverá ficar muito satisfeito se eu aceitar o convite. Será que ele não conhece nenhuma outra mulher em Nova York para fazer tal convite?"

Com esse rápido raciocínio, sorriu e lhe disse:

— Então... até às sete da noite.

Já no taxi com Carol, Freda estava radiante e muito bem impressionada com Mr. Weger. Não podendo esconder nada de sua amiga, ela foi logo exteriorizando:

— Sabe, Carol, ele é bem interessante. Parece-me um tanto aluado, patético, mas de ótima aparência e muito saudável. Já está mais uma das vantagens de ser-se homem: é a de que, com sessenta anos, mais ou menos, poder convidar para passeios a uma jovem mulher de vinte e seis... Qual seria a mulher de sessenta anos que teria a coragem de convidar um jovem grá-fino para fazer o mesmo? Nenhuma, naturalmente.

— Eu não sabia que Ian estivesse para chegar esta noite.

— E não está mesmo, querida. E' que eu não tive outra evasiva naquele momento, para livrar-me da insistência de Mr. Weger. Mas, de qualquer forma não poderia ir.

Tenho que tratar de outras coisas e telefonar a Ian. Além do mais, não me ficaria bem. Cornelius prefere as louras, e espero que você saiba corresponder às suas gentilezas, de verdadeiro "gentleman". Vamos tratar de nossa maquiagem. Você precisa apresentar-se sempre deslumbrante. Uma das vantagens de se ser mulher casada é a de que não se precisa mudar de idéias. E uma das desvantagens de ser divorciada é a de que se continua a sentir falta de casamento.

Quando ambas regressaram ao hotel naquela noite, encontraram flores destinadas a cada uma. Mas, para Carol, eram orquídeas. As sete em ponto, Carol desceu ao hall para encontrar-se com Cornelius Weger. Ia muito linda, com um vestido de cor verde, próprio para jantar.

Foram tomar uns coquetéis e então Cornelius aproveitou o ensejo para explicar os motivos que o forçaram a vir a Nova York. Negócios. Mas não tirava os olhos da jovem divorciada, admirando-a vagarosamente. Carol parecia meio encabulada. Era desconcertante. O local dos "drinks" era excelente e romântico. Um salão com paredes de espelhos e macias e confortáveis poltronas. Depois seguiram para um dos mais famosos restaurantes espanhóis da cidade para jantar e dançar.

Para um homem naquela idade, dançava muito bem. A hora do café, Carol indagou pela filha dele. — Oh! Ela está muito bem. Termina agora o seu curso no inverno. E' uma bela moça. Somos verdadeiros apaixonados um pelo outro.

— Sua esposa morreu há muito tempo, Cornelius? Mr. Weger deixou de parecer aquele homem idoso que estava a perseguir uma jovem mulher e respondeu com sobriedade:

— Dez anos. Justamente no ano em que eu lhe dava tudo o que podia, enchendo-a de conforto. Acabava de dar-lhe uma casa que mandei construir e que era o seu sonho. Toda mobilada a gosto e a capricho, como sempre desejei. Compramos tudo o que ela julgava indispensável em nossa moradia. — sorriu ainda meio saudosos e disse: — Os jornais e as revistas se ocuparam de mim. Os rapazes da imprensa sempre se deram bem comigo e são gente boa, você sabe. E eu sou um emigrante que também sabe ser compreendido e generoso para com os outros. Quando cheguei a este país também trabalhei arduamente. Vendi jornais antes de conseguir firmar-me na vida. Primeiramente montei uma pequena loja de latoeiro. Consertava tudo. Gostava do trabalho. Pouco depois eu vendia uma invenção minha. E' certo que não possuía eu muita educação; mas, através da vida, ia adquirindo conhecimentos. Betty me foi sempre uma amiga e uma auxiliar. Eu preciso dela. Oh! Desculpe... Você não pode ter nenhum interesse em nada disso!

— Mas... estou, sim — respondeu Carol sinceramente.

Era verdade que, ao invés de estar ela diante daquele homem um tanto maluco, em procura de uma jovem, passava Mr. Weger a ser um homem normal e respeitável, digno de admiração.

Carol começava a gostar dele, de ouvir suas lutas pela vida. Tudo o que fez ou fazia depois da morte da esposa e que, por ventura estivesse errado, seria justificável pela perda da mulher a que tanto amava e de quem recebia os conselhos e a orientação. Reconheceu Carol que havia muita coisa de comum entre ela e Cornelius.

— Eu gosto de trabalhar — continuou ele já certo da simpatia da jovem. — Mas, pode crer, não posso lutar assim sozinho, estando minha Betty no colégio. Não me julgo um homem velho. Acha a senhora que um homem com sessenta anos esteja velho?

Carol fez um gesto com a cabeça, concordando com ele. Mas, intimamente, ela se sentia envergonhada com essa atitude, pois seu próprio pai estava ainda na casa dos cinquenta e ela o achava já velho.

Cornelius prosseguiu: — Sinto-me só — pelo modo por que se expressava, com certeza desejava o velhote conquistar a simpatia de Carol. Reparando que estava dizendo alguma tolice, procurou emendar: — Oh! perdão... Estou sendo estúpido. Você é ainda muito jovem... e...

— Admira-se de que esteja também só? E' muito simples. E' a antiga fórmula de Hollywood, Cornelius. O eterno tema: a outra mulher...

— Continua sozinho?

— Para ele, sim.

— Sinto muito, sinto muito. — balançou a cabeça como quem lamenta a situação de um amigo e, estendendo as mãos através da mesa, segurou afetuosamente as mãos de Carol, murmurando: — Agradáveis momentos passei em sua companhia, querida.

Capítulo XV

Depois do jantar foram a um teatro e Cornelius divertiu muito com a comédia que levavam. Ele tinha o irritante hábito de ficar olhando para ela, sempre que uma piada lá do palco provocava risos na jovem. Saindo do teatro, ele a convidou para uma ida a Greenwich Village, onde tornaram a dançar. Carol estava muito satisfeita com o passeio e não desejou tornar a ouvi-lo acerca de coisas do passado de Weger, estragando a alegria em que ele estava.

Já era muito tarde quando ela chegou ao hotel.

— Posso ter a esperança de vê-la mais vezes? — perguntou-lhe Cornelius ansioso. E sem esperar que ela respondesse, foi logo acrescentando: — Que tal um almoço, amanhã? Você, Mrs. Kelly e o esposo?

— Queira ter a bondade de telefonar-me, amanhã, por volta das onze horas. Não sei se Freda tem outro programa.

— As onze? Ótimo! E espero que não tenha falado muito de mim mesmo esta noite. Se a aborreci, queira perdoar-me.

Quando insisti para levá-la a divertir um pouco não tive a intenção de incomodá-la com as histórias de meu passado.

— Não se preocupe. Diverti muito e gostei de cada minuto desse nosso passeio. E isso não era mentira. Carol dizia a verdade. Ao subir no elevador para seus aposentos, ia a jovem divorciada completamente mudada em relação àquele homem do qual havia tido uma impressão muito diferente quando o conheceu a primeira vez a bordo. Já não o olhava mais com o mesmo sentimento de piedade e condescendência de ordem social. Sentia-se ela bastante feliz por ter proporcionado a Mr. Weger aqueles momentos de prazer. Carol reconhecia que o velhote se sentia orgulhoso quando lhe sugeria certas marcas de vinho e escolhia pratos para ela. O mesmo quando dançava. Era o homem mais feliz deste mundo. Não teria nenhuma mulher dançado com ele desde aquela viagem turística?

Quando Carol chegou aos seus aposentos encontrou Freda dormindo. Vestida como estava, mais parecia uma jovem escolar do que a senhora Kelly, mãe de vários garotos. Os cabelos soltos lhe caíam pelas faces.

Carol procurou mudar de roupa e deitar-se sem fazer o menor ruído para não despertá-la. Estirou-se na cama e ficou a pensar, os braços cruzados sob a cabeça. Freda risonhava profundamente, fazendo-a lembrar-se de Bill. Ele também dormia assim. Bill! No baralhar de pensamentos, ela também se lembrou de Scott... Durante

(Cont. na pág. 50)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

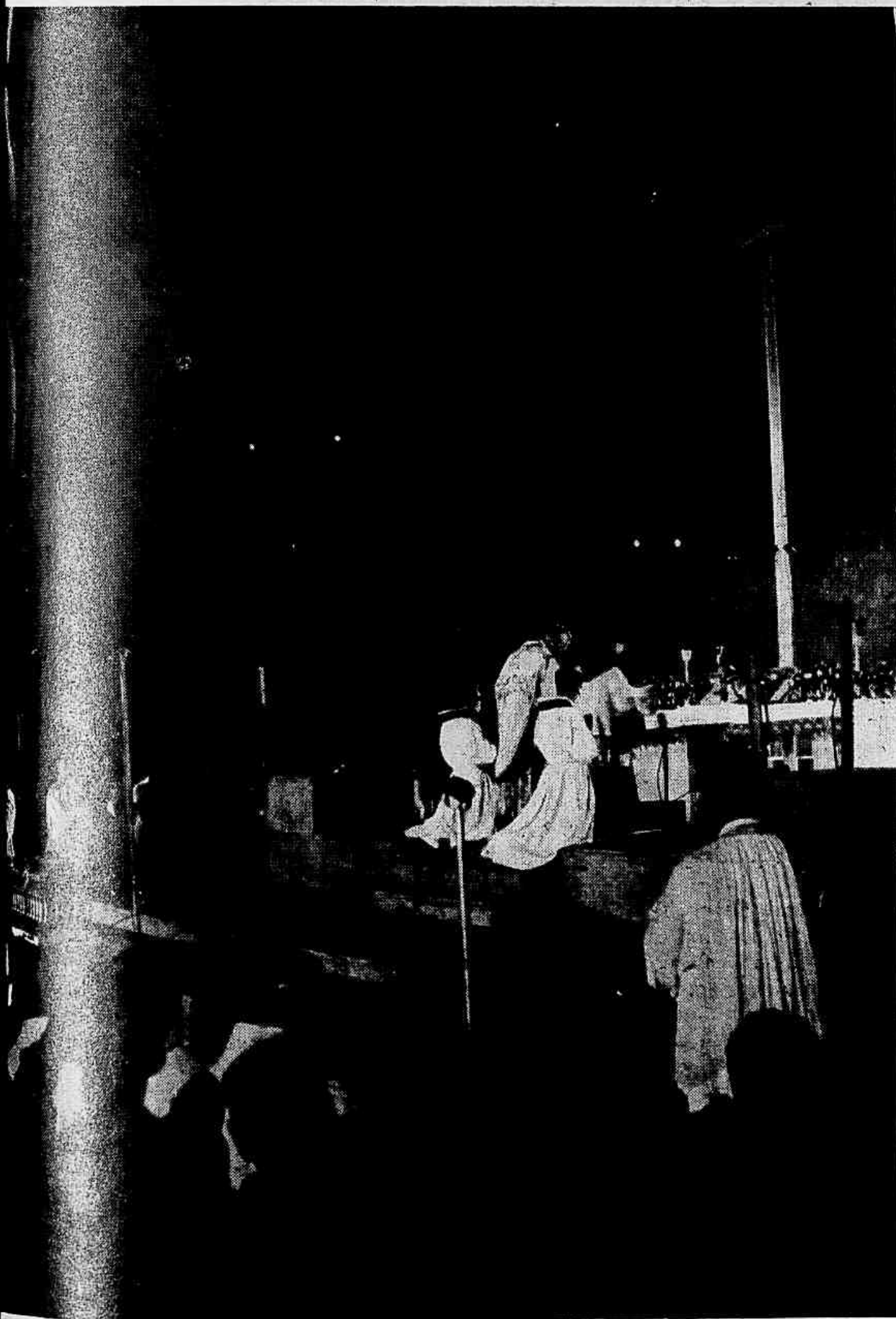
Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no porto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, ir juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à cidadezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova esposa de seu ex-marido, Bill, e sabe que ela está hospedada com ele no Hotel Beaumont. Em Clinton, Carol é cercada de todas as considerações por parte de sua amiga Freda, esposa de Ian Kelly. Tendo sido convidada para jantar numa roda de amigos no clube, Carol tinha apenas receio de que Bill e Evelyn tivessem naquela noite o mesmo pensamento e os três se fossem encontrar naquele meio social. Tendo comparecido em companhia de seus amigos à reunião do Clube, Carol se sentiu profundamente perturbada com a presença ali de Bill e da esposa deste, Evelyn. Procurando resumir sua visita àquele meio, pediu para retirar-se, sendo acompanhada até ao seu apartamento por Scott, de quem se despediu à porta, pedindo-lhe desculpas por lhe não ser conveniente convidá-lo para subir. Já não bastando a Carol os cortejos de Scott, um dia chega à estação ferroviária da cidade o impertinente Clive, que lhe telefona pedindo um encontro na própria estação. Carol comparece e fica surpreendida quando o ex-companheiro de turismo lhe propõe uma união extra-legal. As confidências que Carol fazia junto à sua amiga Freda cada vez mais provavam que esta parecia pender para os lados de Clive, procurando influenciar no espírito de Carol um esquecimento a respeito das pretensões de Scott.

SANTA TERESINHA EM PARIS

ANUALMENTE são realizadas em Paris, no Parc des Princes, grandes cerimônias em honra de Santa Teresa de Lisieux. Para ali afluem muitos milhares de piedosos devotos, ávidos de acompanhar as imponentes solenidades então repetidas, enquanto no meio do gramado faz-se construir enorme estrado com a cruz ao centro e rodeado de tribunas. Nesse sumptuoso cenário tem lugar a representação do "Grand Jeu des vertus de la petite Sainte Thérèse", peça de Henri Brechet, eminente mestre do teatro católico francês. Trata-se de uma das mais ricas tradições teatrais da Idade Média, carinhosamente mantida. Naquele tablado, milhares de congressistas assistem a esse precioso "Jeu". Ao lado das tribunas de honra, é também erguido um altar para a celebração da missa campal, rito só iniciado depois da chegada do cortejo religioso acompanhando a urna que contém as relíquias de Santa Teresinha, falecida há cinquenta anos. Particularidade interessante: essa urna foi oferecida pelos fiéis do Brasil, podendo observar-se com nitidez na gravura inferior, à direita. Em todos os cantos do território francês e mesmo no estrangeiro essas comemorações são acompanhadas através do rádio.



É tradicional, por ocasião das cerimônias a Santa Teresinha, a confissão dos "penitentes" aos monges de Lisieux, como se pode ver na gravura superior. Em baixo, à esquerda, aspecto da missa campal, assistida pelos fiéis da milagrosa padroeira, e, à direita, a chegada da urna contendo as relíquias de Santa Teresinha, levada aos ombros dos religiosos, à luz dos archotes. Refletores dispostos em pontos estratégicos, reforçam e emprestam ao grande desfile, uma imponência maior.



TUDO ISTO ACONTECEU

CÓCEGAS DE AMOR

ESTA notícia também nos chega de Los Angeles, que, por estar vizinha a Hollywood, sofre de acontecimentos cinematográficos.

A senhora Hoyce Holdridge casara-se com o sr. Noland Holdridge, há dois anos. Casamento imposto pelo mais justo e delicioso amor, base fundamental de toda felicidade doméstica.

Mas, com surpresa para Mrs. Holdridge, toda vez que ela se aproximava do espôso tinha que ir para um hospital atacada de urticária.

Nas primeiras manifestações, não ligou uma coisa à outra, isto é, que a moléstia fosse provocada pela aproximação do espôso. E voltava ao lar com um sorriso nos lábios desejosa de abraçar o marido.

Imediatamente a erupção a afligia novamente, e ela era forçada a voltar ao nosocômio. Que seria?

Foi a médicos especializados e estes lhe disseram que sua urticária era consequência de alergia. O único meio de anular a doença seria separar-se do espôso. Mrs. Holdridge ficou triste, pensativa. Mas... que fazer? Não se divorciou. Foi mais radical: pediu e obteve anulação do casamento, pois, para maior segurança, podia ser que a moléstia surgisse alergicamente contra o divórcio.

Ao que parece, leitor, é este o primeiro caso na espécie. Um casamento ser anulado justamente porque um homem ama a esposa ardentemente e lhe transmite comichões de amor!

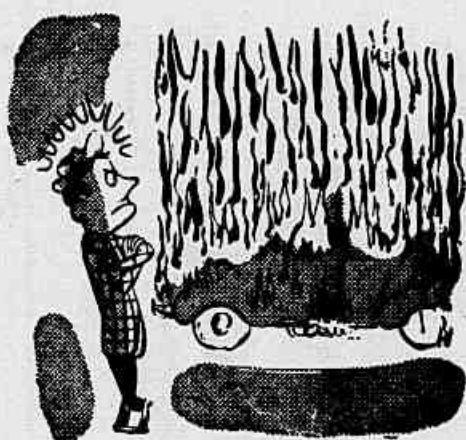
No entanto, aqui no Rio, ouvido a respeito, um médico ilustre confessou serem muito comuns casos idênticos de alergia, entre nós.

Os senhores sabiam?

Mas ainda bem que divórcio não há.



ANTIGAMENTE ERA ESTUPIDEZ



NARRAM telegramas de Los Angeles, divulgados em nossa imprensa, que um jovem de vinte e um anos, chamado Tom Freeman, vinha dirigindo seu automóvel modelo 1946, quando teve que parar em face do fechamento do trânsito na direção em que ia.

Naquele cruzamento de ruas da cidade o movimento é sempre muito intenso. Logo que o sinal tornou a abrir-se para Freeman, ele meteu o pé no acelerador, mas o automóvel empacou. Freeman tentou, repetiu as manobras, e nada de o automóvel andar.

Como era natural, ouviram-se buzinas dos outros que vinham à retaguarda, e o inspetor do trânsito procurou ajudar o dono do auto enguiçado. Depois de esgotados os recursos, Tom Freeman resolveu castigar exemplarmente o seu modelo 1946. Mas, como? Espalhando gasolina dentro do carro e tocando fogo!

Prêso, foi levado à presença do sr. Juiz Municipal, Walter C. Allen, que lhe reprovou a atitude e o multou em cinquenta dólares.

Tom Freeman perdeu o seu auto e ainda pagou pelo procedimento atentatório aos bons costumes de uma cidade civilizada.

O telegrama não adianta mais nada. Apenas diz que o mocinho confessara ter perdido a paciência, como justificativa do seu gesto violento. Acharam que ele é um tipo "temperamental". Antigamente, dava-se a isso outro nome: estupidez.

Enfim... se o carro era dele, se mora ele numa terra democrática e tem o jovem Tom, o sobrenome de "Freeman", claro que está "livre o homem" para outras manifestações de temperamento, contanto que não queime os carros alheios...

PROCURANDO UM FANTASMA



NÃO há povo mais crédulo em matéria de almas do outro mundo e abusões de toda espécie do que o inglês.

Sua literatura encerra grande percentagem de

obras cuja base é a crença no Além e nos fantasmas.

Pelo filme inglês nós vemos o quanto isso é verdade. Para mostrar ao leitor mais uma prova que pode ser somada a tantas outras,

aqui vai um anúncio publicado no famoso e sisudo "Times" de Londres:

"Pede-se a quem quer que tenha visto um fantasma em 1949, o favor de comunicar os detalhes a Denis Bardens Care, da Telasco Limited, Queen Street, 20, Londres, W-1, ou então telefonar para Mayfair, 5401."

Reproduzindo literalmente o anúncio desse angustiado inglês, esperamos que alguém no Brasil possa ajudar Mr. Care, vendo espontaneamente esse querido fantasma ou promovendo sua visita a este país muito precisado de certas personagens do astral...

Ninguém viu um fantasma por aí? Bem entendido, aquele procurado por Mr. Care, pois fantasmas e assombrações é o que não falta, diariamente, à nossa frente.

E cada um...

"NÃO PROCUREIS SABER DOS MORTOS"

HÁ uma passagem do Deuteronômio, um dos livros do Pentateuco de Moisés, que diz isso ao homem. Mas, infelizmente, desde que o mundo é mundo e nele vivemos e morremos, jamais se deixou de mexer com os mortos.

Uma das maneiras científicas de incomodar os que se foram é a de analisar-se um desses corpos secos que andam por esse mundo, fazendo parte da arqueologia dos vários países civilizados.

No Brasil tivemos o dr. Lund, descobridor do homem da Lagoa Santa, raça pre-Cabralina; no Ceará, o sábio Pompeu Sobrinho nos mostrou um tipo nordestino, descoberto lá pela Ibiapaba, em grutas misteriosas, como espécimen de milhares de anos antes de nossa era.

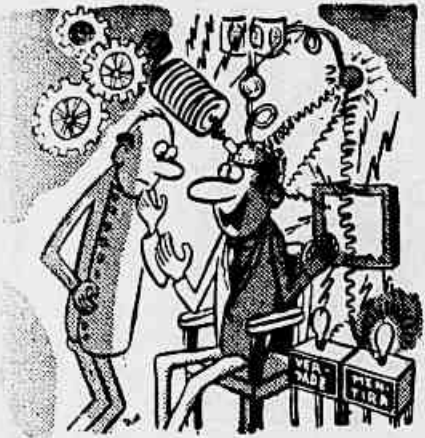
Agora se descobre no Peru uma múmia que, segundo os especializados em esqueletos, conta apenas 4.500 anos de enterrada. Essa descoberta se deve à doutora Rebecca Carrion, diretora do Museu Nacional de Antropologia e Arqueologia daquele país andino. Vários passaram 34 dias estudando a origem e a idade daquela ossada e chegaram à conclusão de que a tal múmia, um sacerdote peruano, tinha 45 séculos!

Mas, francamente, não seria mais útil ao povo que procurássemos descobrir carne para comer do que ossadas de índios em igaçabas? Que diferença faz que a múmia de d. Rebecca tenha 45 séculos ou 45 milhões?

Queremos é carne! Especialmente de peru!



ALEGRIA DOS MENTIROÇOS



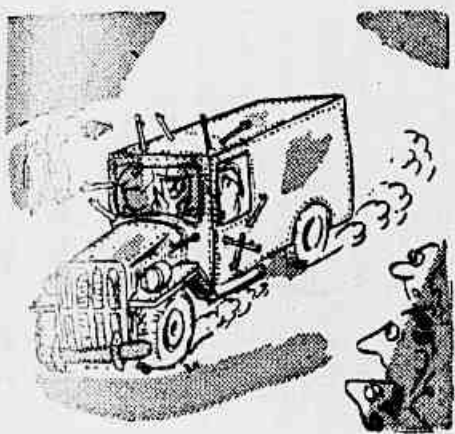
MUITA gente que dispõe de vagares, procura descobrir certas coisas neste mundo com o intuito de corrigir os defeitos morais da pobre humanidade.

Dentre tais indivíduos estava o sr. Leonard Keller, de Wisconsin, Estados Unidos, que, depois de vários anos de árduo labor, chegou a construir um aparelho sensacional a que deu o nome de "Detector de Mentiras". E' claro que todos aqueles que apreciam o esporte das "pêtas" se manifestavam irritados com a invenção de Keller, achando muitos que o seu aparelho invadia uma das mais justas províncias do saber humano. Se tal aparelho existisse desde o começo da humanidade, Max Nordau não teria escrito aquela belíssima obra que se chama "As Mentiras Conven-

cionais de Nossa Civilização", e o mundo não conheceria o seu dia máximo: 1º de abril... Agora, com 46 anos, morre o inventor do "Detector de Mentiras", mas deixa aperfeiçoado o seu invento que, sem a presença de seu criador, poderá sentir as consequências que sofrem os irmãos desprestigiados...

Ou será que a notícia também não passa de outra mentira?

VERDADEIRA BARBADA



AS corridas de cavalos proporcionam emoções de toda espécie. Entretanto, coube ao sr. W. D. Wedman o record em tais emoções. Esse homem foi ao hipódromo de Melbourne e apostou duas libras em cinco cavalos com os quais ninguém fazia fé.

Depois da corrida, aquelas duas libras estavam convertidas em vinte mil e duzentas! Para receber a bolada o sr. Wedman requisitou um auto blindado da força pública e, garantido por dois guarda-costas, foi à sede do Jôquei receber aquela fortuna.

Não resta a menor dúvida que se trata de um homem precavido, sensato e de muita sorte. Pediu tais garantias à polícia para aquelas vinte mil e tantas libras australianas, já depois da desvalorização, e se satisfaz com um carro blindado e dois guardas; se fôsse antes da desvalorização, com certeza o sr. Wedman requeria uma companhia de tanques do exército!

O BINGO

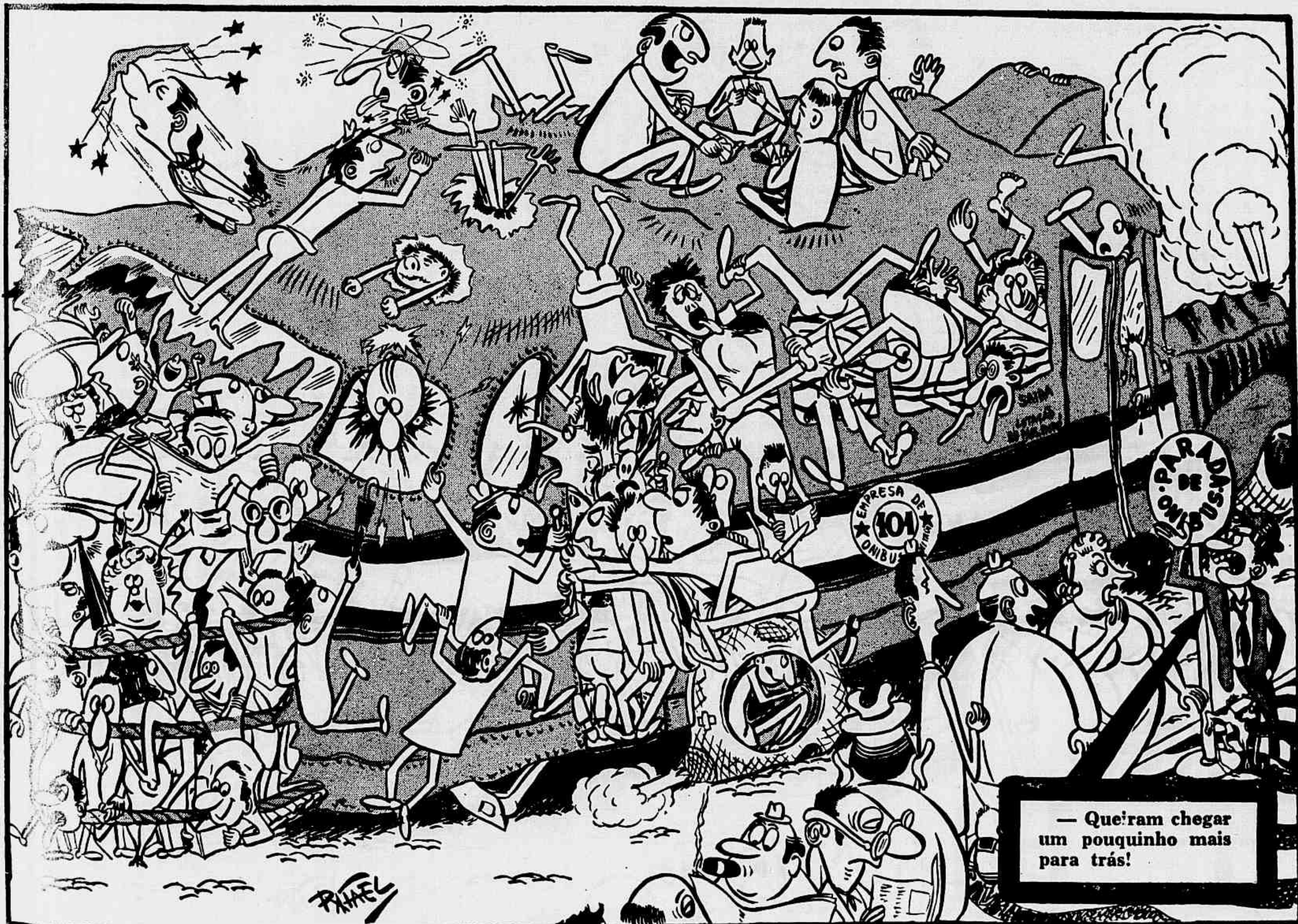
SUPERANDO o "Pif-Paf" em popularidade e sensacionalismo, está o Brasil invadido, de norte a sul, por uma nova espécie de jogo de azar, o Bingo. Dizem que procede dos Estados Unidos. Não sabemos. Modalidade do vis-pora, porém, com certas características próprias, esse tal de Bingo domina clubes sociais, centros de diversões, associações desportivas, numa investida que não encontra similar em nossa história de jogatinas.

E' interessante dizer que as autoridades ainda não tomaram providências para deter e acabar com ele em virtude de não estar classificado entre os jogos proibidos, de acordo com o decreto que extinguiu os jogos de azar em todo o território nacional; entretanto, já houve um Estado que deu o alarma e proibiu o Bingo com toda a força de sua penetração.

Esse Estado foi o Rio Grande do Norte.

O grito de guerra ao Bingo irrompeu dos senhores legisladores da Assembléia de Natal, em forma de apêlo, o que foi muito bem recebido pelo executivo, que fez publicar no jornal oficial "A República", uma nota que termina assim:

"O pronunciamento dos senhores encontrou eco, como era de se esperar, no malor responsável pelos assuntos que dizem com o equilíbrio social e com os costumes, determinando o chefe do Executivo que providências especiais sejam adotadas para a proibição efetiva e imediata do Bingo e dos jogos em que predomina o fator "sorte". Não se poderá dizer, este ano, a um jogador de Bingo: "Feliz Natal..."





ESMOLAS

QUANTA gente há, que pede esmolas? Não falo nesses que sentam na sargeta e estendem a mão, muitas vezes suja e aleijada, mas dos outros, bem vestidos, bem apresentados, que andam pedindo, não com estas frases corriqueiras que sobem das sargetas aos ouvidos de quem passa:

- Uma esmolinha pelo amor de Deus!
- Tenha pena dum cego!
- Há trs dias que não como!
- Meu senhor, um troquinho.
- Um tostão, moça!

Não dos que pedem assim! Falo é desses que entram nas casas, tão paramentados, que os donos nem sequer sonham que por trás do sorriso flamante, polido, se esconde (bem escondido, à espera da hora propícia...) um pedido de esmola.

— E' desses!

As pessoas mais acostumadas, com mais traquéio, mais experiência da vida, conhecem de longe esse tipo de esmoleiro. Vêm pisando de leve para não estragar o tapete; não tiram o sobretudo meio surrado para não dar trabalho ao porteiro e mesmo para que ele não veja o triste estado do fôro e sentam na pontinha da cadeira estofada para saltar, logo que apareça no umbral da porta a figura venerável (e até certo ponto assustadora) do dono da casa e dos favores.

Sorriem. Quem vê esse sorriso pode jurar que não há criatura mais feliz no mundo. Até o homem do

poder é enganado pela onda de bom humor. Pensa que... Sabe lá o que ele pensa! Mas se não tem alguma experiência pensará tudo, menos em pedidos.

Há uma troca de amabilidades. O dia está maravilhoso! A saúde do senhor é de ferro! Ninguém ocupou este cargo com tanta maestria. E assim vai durante quase meia hora. O homem do cargo importante nem sequer imagina que está sendo observado em suas menores reações, nem nota que o visitante o examina como o gato o buraquinho da parede por onde o rato costuma aparecer. Olha. Observa. E' que ele não quer perder o momento que mais lhe fôr propício. Depois, quando crê que é hora, atira-se num salto audacioso, mas assim mesmo ainda com um sorriso e com a diplomacia de antes:

— Doutor... — invariavelmente o dono da casa, do cargo e dos favores, é doutor, seja do que seja. — Consta que há uma vaga na repartição. E como o senhor sabe — talvez não saiba... — tenho um rapaz que, não é por ser meu sobrinho, creio ser suficiente. Ele tomara conta do serviço com toda eficiência possível. E com honestidade e critério. Penso que se... — a pausa é sempre necessária. Durante esse pequeno intervalo estuda as mínimas reações do importante. Se o doutor tem bigode, por certo, irá torcê-lo. Se fuma, terá seu pigarrinho. E se não, levantará da cadeira, nervoso, hesitante e passará pela sala.

(Cont. na pág. 51)

NESTE NÚMERO

ATUALIDADES

Ouro Preto não precisa de esmolas	37/5
Como é triste fazer graça!	8/1
Já se pode ir ao céu sem morrer	21/24
Elas brincam de patinar no gelo	34/35
Santa Teresinha em Paris	50

REPORTAGENS

"Jerusalém está no meu coração!" (Levy Kleiman)	11/15
Nudismo? Não! — Miséria (Vinicius Lima) ..	16/19
Rio — uma cidade entupida (João Alvarenga) ..	26/32

LITERATURA

Obediência (Tancredo Fayão Pinheiro)	24/25
História de uma luva branca (Nísio da Silva Pinto)	35
Viver com amor (Margaret G. Nichols)	54
Esmola (Teresa de Almeida)	55

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista — A personagem da semana	6
Puxe pelo cérebro	7
Música (Roberto Lyra Filho)	47
Vida literária (E. Catete Reis)	48
Tudo isto aconteceu	56/57

TEATRO

Tem a palavra Silveira Sampaio	37/38
--------------------------------------	-------

RÁDIO

O galã que se desiludiu do cinema (A. Migueis)	26/27
--	-------

HUMORISMO

O nome do pação (Theo)	33
Bom humor	40
"Charge" de Rafael	57

PARA A MULHER

Nos bastidores femininos (O.B.)	41
Problemas da mulher (M. Mercedes Santos) ..	42
Chapéus de palha	42
Silhuetas juvenis	43
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	44
Blusas brancas	44
Mães e filhos (Anamaria Célia)	45
"Week-end" na cozinha	46

FOLHETIM

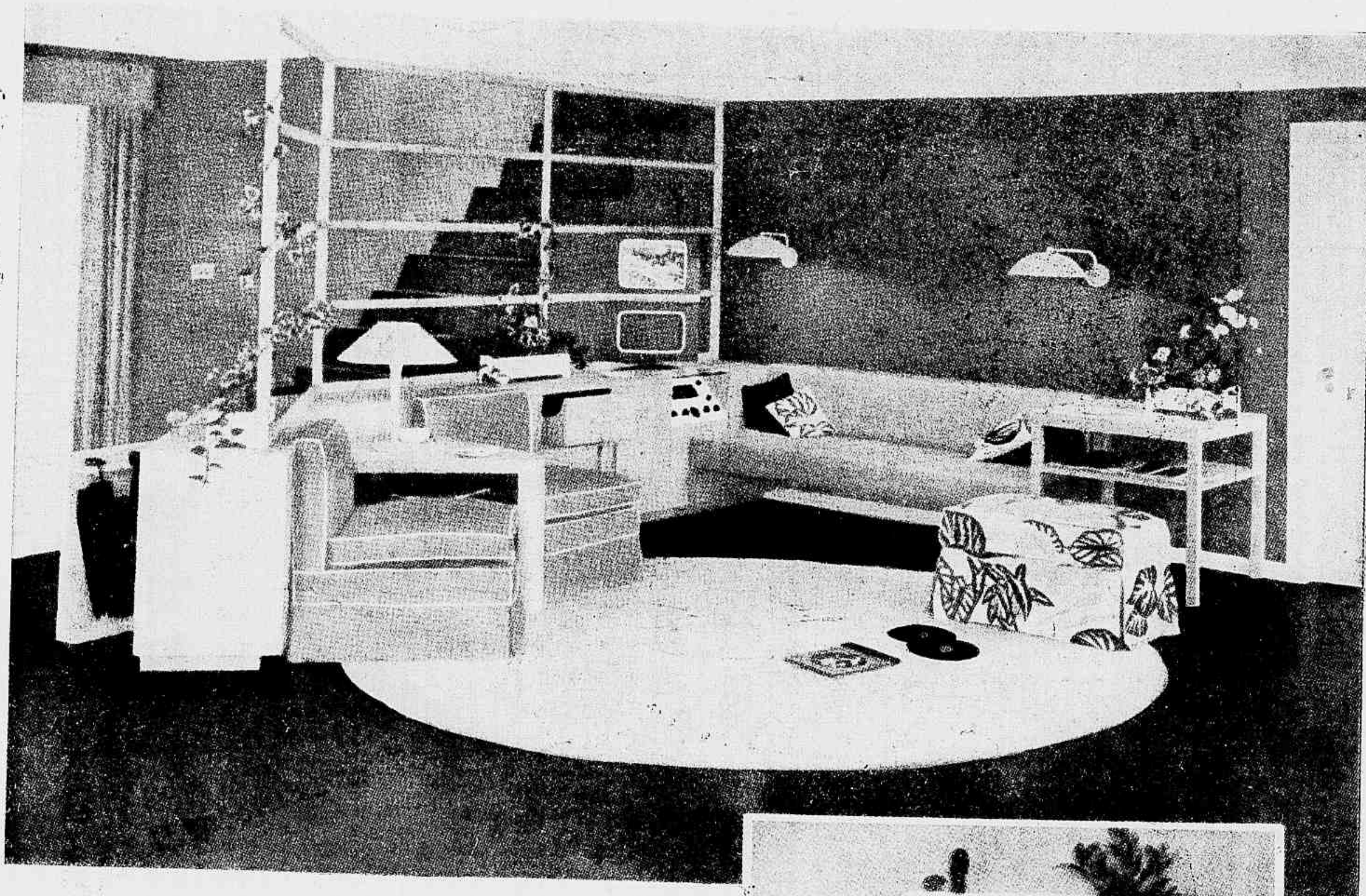
Scarlet	58
---------------	----

NA CAPA

Rosalind Russell (Foto RKO-Radio)

PUXE PELO CÉREBRO

Respostas às perguntas da página 7	10 — Rua do Passeril n.º 70.
1 — Uma semana.	11 — Freud.
2 — Vicente Pinzon.	12 — Treze.
3 — "Diário de Pernambuco".	13 — Inglês.
4 — Cinco.	14 — A Candelária.
5 — Código Comercial.	15 — Teixeira de Freitas.
6 — Diogo Álvarez.	16 — 140.
7 — Fluminense.	17 — S. José del Rey, hoje Tiradentes.
8 — Uma praça.	18 — Praça Tiradentes.
9 — 1709.	19 — 1755.
	20 — 13 de Maio.



Mobiliários e Decorações

que se impõem pela beleza,
originalidade e preços

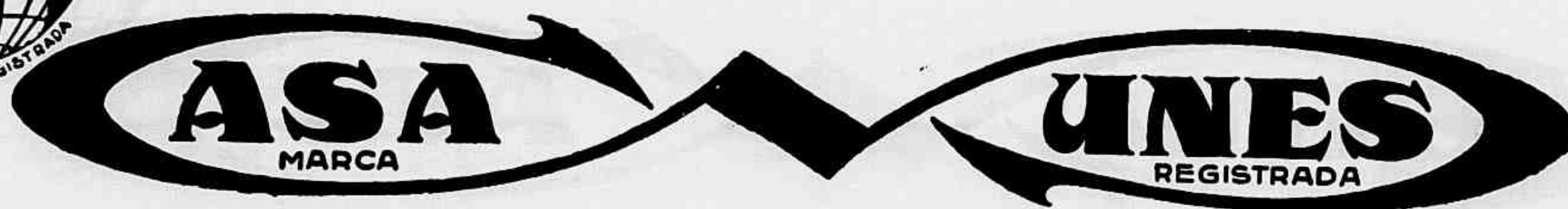
Orçamentos e sugestões executados
por técnicos-decoradores



Acabamos de receber da Inglaterra
novos tipos de **TAPETES** de pelúcia e
TAPATES e **PASSADEIRAS** com flores



Grande sortimento de
TAPETES e **PASSADEIRAS**
franceses, tchecos, persas (legí-
timos), portugueses e nacionais
— diretamente das fábricas



65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO



O elegantíssimo Golden Room da Copacabana Palace, com suas magníficas orquestras e shows internacionais é o ponto de reunião preferido pela alta sociedade carioca.

Onde se divertem
pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

O convívio dela... o ambiente agradável de uma boite elegante... e um cigarro Hollywood, são prazeres que se completam. Fumar um Hollywood é algo de repousante — um complemento perfeito das horas de lazer ou de trabalho. Hollywood é uma tradição da sociedade brasileira, por sua suavidade toda especial... e seus fumos escolhidos. Por isso V. simplesmente não pode dispensar Hollywood...



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

82005-11